

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

GILSILEIDE CRISTINA BARROS LIMA

**DE *MEYO* A *MEIO QUE*: USOS E GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM
LINGUÍSTICO *MEIO* NO VERNÁCULO CONQUISTENSE**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

GILSILEIDE CRISTINA BARROS LIMA

**DE *MEYO* A *MEIO QUE*: USOS E GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM
LINGUÍSTICO *MEIO* NO VERNÁCULO CONQUISTENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

Lima, Gilsileide Cristina Barros.

L698m De meyo a meio que: usos e gramaticalização do item linguístico meio no vernáculo conquistense / Gilsileide Cristina Barros Lima; orientadora: Valéria Viana Sousa; coorientador: Jorge Augusto Alves da Silva. – Vitória da Conquista, 2016. 100 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGLIN, Vitória da Conquista - BA, 2016. Referências f. 94-98.

1. Sociolinguística. 2. Funcionalismo. 3. Gramaticalização. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia., Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGLIN. III. T.

CDD: 401.41

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: From 'middle' for 'kind of': uses and Grammaticalization trajectory of linguistic item 'middle' in Vitória da Conquista's.

Palavras-chave em inglês: Middle. Functionalism. Socio Functionalism. Grammaticalization.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Presidente-Orientador); Profa Dra. Valéria Viana Sousa (Coorientadora-UESB); Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB); Profa. Dra. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro (UESC)

Data da defesa: 29 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

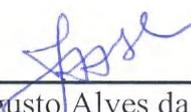
GILSILEIDE CRISTINA BARROS LIMA

**DE MEYO A MEIO QUE: USOS E GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM
LINGUÍSTICO MEIO NO VERNÁCULO CONQUISTENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 29 de fevereiro de 2016.

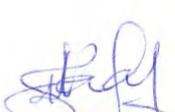
BANCA EXAMINADORA



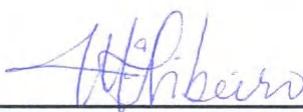
Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
(Orientador)



Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB)
(Coorientadora)



Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)



Profa. Dra. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro (UESC)

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa, à luz da Sociolinguística e do Funcionalismo norte-americano, na qual investigamos os usos e a trajetória de gramaticalização do item linguístico *meio* no vernáculo conquistense. Tomamos, como aporte para revisão de literatura, dicionários de diferentes épocas, gramáticas normativas, estudos linguísticos e livros didáticos. Como *Corpora* de análise, dados de fala do Português Popular de Vitória da Conquista e do Português Culto de Vitória da Conquista. Observamos que, entre o prototípico “expediente, razão, artifício, invenção para conseguir alguma coisa”, *meio* assume sentidos intermediários “lugar, ou parte entre os extremos”, “metade de alguma coisa”, e adverbializa-se, formando construções mais abstratas, como *meio que*. Tal estrutura se distancia muito do sentido original dessa palavra e, mormente, exprime valores textuais. Na análise dos dicionários, identificamos uma grande capacidade de *meio* para servir de base para construções inovadoras. Não obstante os diversos usos e deslocamentos, nas gramáticas normativas e nos livros didáticos, a discussão mantém-se em torno da variabilidade/invariabilidade desse item. Do ponto de vista dos fatores linguísticos, os dados de fala nos levam a concluir que, combinado à partícula *que*, *meio* compõe uma locução de valor discursivo, um articulador textual que atua em contexto de modalização, responsável por estabelecer uma relação do falante com o conteúdo do enunciado e abrandar o sentido da informação. Do ponto de vista dos fatores extralinguísticos, também de acordo com esses dados, os informantes mais velhos apresentam um comportamento linguístico historicista, são mais conservadores e situam a fala frequentemente no *espaço* e no *tempo*. O nível de escolarização, segundo o levantamento, tem direta relevância sobre o desempenho linguístico dos informantes. Os jovens mais escolarizados têm uma habilidade maior para organizar construções complexas e tendem a utilizar formas inovadoras que caminham em direção ao discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Meio. Funcionalismo. Sociofuncionalismo. Gramaticalização.

ABSTRACT

This work results from a survey in the light of sociolinguistics and American functionalism, which investigated the uses and Grammaticalization trajectory of linguistic item 'middle' in Vitória da Conquista's. We, as contribution to literature review, dictionaries of different synchronicities, normative grammar, language studies and textbooks. As Corpora of analysis, the data from Vitória da Conquista's popular portuguese and Vitória da Conquista's Refined Portuguese speech. In our study, we found that among the prototypical “expedient, reason, artifices, invention to achieve something,” “middle' passes through intermediaries meanings “place, or part between the extremes”, “half of something,” and adverbialize, forming more abstract constructs such as “kind of”. This structure distances itself from the prototypical sense of this element and, in particular, expresses textual values. In the study of dictionaries, we identified a large capacity for “middle” to provide the basis for innovative constructions. Despite the uses and shifts in the normative grammars and textbooks, the discussion remains around the variability / invariance that item. From the point of view of linguistic factors, we found data that lead us to conclude that, combined with “what”, “middle' works as a voiceover discourse value, a textual organizer who works in the context of modality, responsible for establishing a speaker's relationship with the statement content. The extra-linguistic point of view, also according to this data, older respondents show a more historicist linguistic behavior, more conservative and frequently place the speech in space and time. Speakers with fewer years of education are more conservative. The more educated young categorically use the innovative way, which shows a change in progress. Informants with more years of schooling tend to use more abstract cognitive categories as and demonstrate ability to organize more complex constructions. These information suggest that the level of education, according to the survey, has direct relevance on the linguistic performance of informants.

KEYWORDS

Middle. Functionalism. Socio Functionalism. Grammaticalization.

Para
painho e mainha,
Gilson, Dido, Lene e Vano,
Miguel,
Jorge,
Catarina.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Viana Sousa, por ter me recebido de alma, coração, braços e conhecimento abertos, pelo olhar atento, por ser uma professora que consegue agregar pessoas e, ao mesmo tempo, harmonizar sabedoria, competência, responsabilidade, disciplina, serenidade... Obrigada pela oportunidade de ser sua orientanda!

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, um pesquisador nato, que me acolheu e me norteou pelos ensinamentos dos dicionários. Obrigada pelas valiosas dicas e por essa oportunidade!

À profa. Dra. Leilane Ramos da Silva, pela disposição em participar da banca de defesa e colaborar tão rica e decisivamente para este estudo.

À professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, Coordenadora do PPGLin, pela dedicação ao Programa e aos seus alunos, pela presteza em aceitar participar da banca de defesa.

Ao Dr. Jorge Viana Santos, um professor extraordinário, como poucos, por tudo que aprendi nas aulas de Introdução aos Estudos da Linguagem, por ter aceitado participar da banca de qualificação e muito contribuído com esta dissertação.

Aos Professores Dra. Vera Pacheco, Dra. Cristiane Namiuti Temponi e Dr. Jorge Miranda de Almeida, pessoas dotadas de excepcional saber e talento na arte de ser professor, pela dedicação.

A John do PPGLin, pela solicitude e presteza em todos os momentos.

A José Antônio Gonçalves dos Santos, Almiralva Ferraz Gomes, Andréa Braz da Costa, Rosana Márcia Tinôco Leite, Tayrone Felix Ribeiro, Adilson Pereira Santos e Fernanda de Lima Costa, colegas e também amigos, pelo incentivo e apoio.

Aos meus gestores no Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Adélia Teixeira, Gutemberg Ribeiro Vieira e Cleuma Oliveira Lopes Gomes, por permitirem o meu afastamento das atividades letivas durante o curso.

Aos funcionários da Biblioteca Central de Vitória da Conquista, em especial, Rafael, Saulo, Gerle, Railane e Seu Juvenal, pela eficiência e cordialidade no atendimento.

Aos colegas do Mestrado em Linguística, turma 2014.1, em especial às amigas Alcione e Polliana, pelos bons momentos durante as aulas e pelas agradáveis conversas nos corredores.

Aos amigos, Luana, Milca, e Sivonei, pela demonstração de afeto, pelo companheirismo, parceria de todas as horas e aprendizado em conjunto.

Ao colega Jacinto Braz David Filho, pela torcida e leitura dedicada do meu trabalho. À sua esposa Luzimare Almeida Pilôto, pelo incentivo.

Aos amigos, de perto e de longe, por terem compreendido a minha ausência em alguns momentos importantes.

Às amigas Keller e Rita, pela disposição em conseguirem alguns livros.

À minha irmã, Gilsilene, e ao meu colega Romildo Pereira Chaves, os grandes incentivadores.

Ao meu irmão Gilvano, pelo interesse no meu trabalho, por falar sobre a Linguística, sobre o *meio que* e por ter contribuído mais do que imagina.

À minha tia Rosalina, mestre na vida e na arte de ensinar, pelo amparo e pelos primeiros ensinamentos no mundo da leitura e da escrita.

Aos meus pais, Gildete e Delzuina, meu sustento e refúgio em todos os momentos. Vocês se prepararam, se inscreveram e cursaram esse Mestrado comigo. Obrigada pela preocupação, pelo amor incondicional, por influenciarem a ser quem sou, por sermos (eu e meus irmãos) prioridade em suas vidas.

Aos meus queridos irmãos Gilson, Dido, Lene e Vano e ao meu sobrinho Miguel, por todo amor dedicado a mim, perto de vocês sou bem mais feliz.

Ao meu companheiro Jorge, que me acompanhou mais de perto nessa caminhada, pelo incentivo e apoio, e por compreender os longos momentos de ausência.

À Catarina, minha filha, meu amor, tão pequena, uma grande companheira que torna os meus dias bem mais movimentados e alegres.

A Deus, sempre tão generoso comigo, por ter colocado todas essas pessoas no meu caminho!

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

– Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática (BARROS, 2015).

Acho muito simpática a maneira de a Rádio Jornal do Brasil anunciar a hora: “onze e meia” no lugar de “vinte e três e trinta”, “um quarto para as cinco” em vez de “dezesseis e quarenta e cinco”. Mas confesso minha implicância com aquele “meio-dia e meia”. Sei que “meio-dia e meio” está errado; “meio” se refere à hora e tem de ficar no feminino. Sim, “meio-dia e meia” está certo. Mas a língua é como a mulher de César: não lhe basta ser honesta, convém que o pareça. Aquele “meia” me dá ideia de teste de colégio para pegar o estudante distraído. Para que fazer da nossa língua um alçapão? Lembrando um conselho que me deu certa vez um amigo boêmio quando lhe perguntei se certa frase estava certa (“olhe, Rubem, faça como eu, não tope parada com a gramática: dê uma voltinha e diga a mesma coisa de outro jeito”), eu preferiria dizer “doze e meia” ou “meio-dia e trinta”, sem nenhuma afetação. Aliás a língua da gente não tem apenas regras: tem um espírito, um jeito, uma pequena alma que aquele “meio-dia e meia” faz sofrer. E, ainda que seja errado, gosto da moça que diz: “Estou meia triste...” Aí, sim, pelo gênio da língua, o “meia” está certo (BRAGA, 2015).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O COMEÇO	11
1.1 VÁRIOS <i>MEIOS</i> NO CAMINHO... E O CAMINHO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 VARIACÃO.....	13
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA.....	16
2.3 FUNCIONALISMO.....	21
2.4 GRAMATICALIZAÇÃO.....	23
2.5 SOCIOFUNCIONALISMO.....	27
3 MEIO: UM PERCURSO DE TRADIÇÕES E INOVAÇÕES	29
3.1 A TRAJETÓRIA EM DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	29
3.2 UMA REGRA E A VARIACÃO.....	46
3.3 O OLHAR DE LINGUISTAS.....	53
3.4 UM ÚNICO <i>MEIO</i> NO CAMINHO.....	58
4 NO MEIO DO CAMINHO TINHA O MEIO QUE	64
4.1 <i>QUE</i> : TRADIÇÕES E INOVAÇÕES.....	66
4.2 A ESTRUTURA [<i>MEIO</i> + <i>QUE</i>]: ENCADEAMENTO E PROPRIEDADES.....	69
5 METODOLOGIA	77
6 MEIO NOS CORPORA PPVC E PCVC: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA	80
6.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	80
6.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	88
7 CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS	94
ANEXO ÚNICO	99

1 INTRODUÇÃO: O COMEÇO

As questões em torno de *meio* despertaram o nosso interesse em uma determinada manhã, quando ouvimos a expressão *meio que* pela primeira vez. Um jornalista participava do programa Mais Você da Rede Globo e, ao comentar sobre a série do Bom Dia São Paulo, na qual se apresentamos problemas enfrentados por muitas cidades do Brasil com a falta de iluminação pública, declarou: “[...] se a gente faz reportagem mostrando o problema que, seja do que for, da calçada, seja qual for, a gente percebe que, assim, todo mundo *meio que* já sabe isso [...]”.

Ao contrário do que imaginamos de início, essa não era uma ocorrência isolada. Despertado o nosso olhar, vimos que a construção *meio que* aparecia em título de livro (1), letra de música (2), manchete de *blog* (3), site de fofoca (4) e era utilizada também por falantes cujo discurso tem um longo alcance (5):

- (1) “Ficando longe do fato de já estar *meio que* longe de tudo”, título do livro de David Foster Wallace (tradução, Companhia das Letras);
- (2) Percebeu que eu tava a fim ela sentiu no ar.
E deu *meio que* um sorriso pra me provocar (Um minuto – Exaltasamba);
- (3) Agripino e Rosalba: Conversa “*meio que* assim...” (Blog Serrinha de Fato, setembro de 2013);
- (4) “Fiuk recebe presente *meio que* inusitado de sua mãe” (<http://tvfoco.pop.com.br>);
- (5) “É a sensação de que você *meio que* cumpriu sua missão” (Fátima Bernardes, Programa Encontros, Rede Globo, out. 2013).

A curiosidade por entender o emprego de *meio* e variações que ocasionam *meio que* nos motivou a elaborar uma proposta para ingresso no Mestrado, a qual se ajustou ao Projeto intitulado “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, a partir da descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”. Com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552, o Projeto é de responsabilidade da pesquisadora Dra. Valéria Viana Sousa, também líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – UESB/CNPq.

Fundamentado na variação e mudança linguística e amparado teoricamente nos pressupostos (sócio)funcionalistas, o referido Projeto tem como propósito, em uma perspectiva diacrônica, investigar, em *Corpora* de Português Popular e/ou de Português Culto de

comunidades de fala, itens linguísticos presentes em situações reais de uso e analisá-los, observando a sua origem etimológica e o uso prescrito pelos compêndios gramaticais; em uma perspectiva sincrônica, descrever o comportamento dos itens linguísticos e, conseqüentemente, identificar o processo de gramaticalização que vêm sofrendo do ponto de vista morfossintático, semântico-pragmático e/ou discursivo.

1.1 VÁRIOS *MEIOS* NO CAMINHO... E O CAMINHO...

Durante o Mestrado, quando passamos à identificação e análise das ocorrências de *meio que* nos *Corpora* Português Popular de Vitória da Conquista (*corpus* PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (*corpus* PCVC), chamaram nossa atenção as várias funções de *meio*. No primeiro *corpus*, encontramos um constante emprego desse item em alusões a tempo (6) e a dimensões geográficas, tanto concretas (7) quanto abstratas (8):

(6) [...] ont foi durmi quaz *meia*-noit assistin ess jog véi aí. (C.D.S., PPVC, I, F)

(7) Nor fica gritano no *meio* da rua, no0 vai de carro. (L.B.R., PPVC, I, M)

(8) ... el vai dá desgost ou pá mãe ou po pai, no *mei* do colói ruim, aí vai querê assaltá, vai querê roubá (C.D.S., PPVC, I, F)

No Português Culto, duas outras situações bastante distintas também despertaram nosso interesse: a alta produtividade de *meio* na função de predicativo (9) e uma representação expressiva da construção *meio que* (10).

(9) tenho um amor por Conquista, uma coisa *meio*... *meio* bairrista mesmo... (A.I.R.M., PCVC, III, F)

(10) ela tinha *meio que* uma coisa comigo, não sei... (L.C.S., PCVC, I, F)

Com essa realidade na fala da comunidade conquistense, passamos a questionar: Quais os sentidos e de que modo *meio* se configura na língua? Como se processa a gramaticalização desse elemento nas ocorrências em análise? Que contextos favorecem os deslizamentos funcionais de *meio* e originam *meio que*? A nossa hipótese é de que a condição original dessa palavra é compor estruturas de natureza cada vez mais abstratas. *Meio* sinaliza uma avaliação caracterizada pela relação do falante com o conteúdo do seu enunciado. Por outro lado, a criatividade e a necessidade expressiva fazem surgir a inovação. Para inovar, o falante lança

mão de formas velhas, ou seja, itens existentes no sistema linguístico. É o que ocorre com a estrutura *meio que*. Apesar de dispor de *demeio*, mas, estabelecendo uma relação de semelhança com outras construções da língua, o falante recorre ao *que* para ser mais expressivo. Nosso objetivo geral é, portanto, analisar os usos e a trajetória de gramaticalização de *meio* no vernáculo conquistense, para compreender o emprego desse item linguístico e variações que resultam em *demeio que*, por exemplo.

Para melhor refletir sobre esse objeto, optamos por manter um diálogo entre algumas teorias. Na seção 2, “Fundamentação Teórica”, focalizamos o nosso estudo na variação linguística, observando a heterogeneidade e a diversificação da língua. Para tanto, escolhemos a teoria Sociolinguística Laboviana, com a apreensão de usos de indivíduos de grupos sociais estratificados em variáveis linguísticas e extralinguísticas; o Funcionalismo norte-americano, que favorece a percepção do item linguístico no funcionamento discursivo-textual; a gramaticalização que, derivada no seio do Funcionalismo, permite observar o movimento do item em estudo no sistema linguístico e o Sociofuncionalismo, que articula princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo voltado à gramaticalização.

Para verificar os sentidos de *demeio* na língua, na seção 3, “*Meio*: um percurso de tradições e inovações”, em uma perspectiva diacrônica, recorreremos a dicionários da Língua Portuguesa, do século XVIII ao XXI. Em uma perspectiva sincrônica, analisamos a opinião de linguistas, consultamos gramáticas normativas tradicionais e livros didáticos de Língua Portuguesa. Os dois últimos nos forneceram dados sobre as regras que prescrevem o uso de *meio*.

Na seção 4, “No *meio* do caminho tinha o *meioque*”, discutimos a etimologia e funções do *que*, as estruturas linguísticas formadas por esse elemento e as propriedades da construção [*meio + que*]. Para tanto, consultamos as seguintes obras: *Vocabulario portuguez & latino* (1728), de Raphael Bluteau; *Meios de expressão e alterações semânticas* (1951) e *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1964), de Manuel Said Ali; *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa* (1972), de Francisco da Silveira Bueno; *Sincronia, Diacronia e História* (1979), de Eugenio Coseriu; *A gramática funcional* (1997), de Maria Helena de Moura Neves; *Correlação entre gramaticalização e movimentação social – estudo do item meio na cidade de São Paulo* (2008), de Priscilla de Almeida Nogueira; *Gramática do Português Brasileiro* (2010), de Mário A Perini; *Gramática escolar da Língua Portuguesa* (2010), de Evanildo Bechara; *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta* (2013), de Maria Angélica Furtado da Cunha et al.

A metodologia adotada neste estudo é tema da seção 5. A seção 6, “*Meio* nos *Corpora* PPVC e PCVC: uma análise Sociolinguística”, discute as variáveis linguísticas e

extralinguísticas, com um levantamento de dados dos *Corpora* PPVC e PCVC para investigação dos fatores que favorecem o emprego de *meio*. A seção 7, “Conclusão”, resume toda a discussão.

Considerando o grande mérito desta pesquisa, em que descrevemos e versamos sobre os usos e sentidos cambiantes de *meio* ao longo da sua história na língua portuguesa, bem como no vernáculo conquistense, convidamos o leitor a apreciar o nosso trabalho, cujo resultado não se deve restringir à comunidade acadêmica, visto que fornecerá a professores, alunos e pesquisadores de modo geral uma noção mais abrangente e atualizada do emprego desse item na nossa língua materna.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, vamos discorrer sobre postulados que tratam da variação e das mudanças na língua, sempre tentando manter um diálogo entre uma teoria e outra. Começaremos com o conceito e tipos de variação linguística, passando pela Sociolinguística laboviana. Prosseguiremos com o Funcionalismo linguístico na perspectiva norte-americana e com a gramaticalização. Na parte final, estreitaremos os laços entre o Funcionalismo e a Sociolinguística variacionista laboviana, com uma discussão sobre o Sociofuncionalismo. Vamos aos fundamentos:

2.1 VARIAÇÃO

A variação linguística é a possibilidade existente em todas as línguas humanas de se dizer “a mesma coisa” de formas diferentes. A diversidade acontece por fatores estruturais internos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos) ou sociais (profissão, sexo, faixa etária, escolaridade, grau de formalidade etc.) e classifica-se, na explicação de Ilari e Basso (2009), em *diatópica*, *diastrática*, *diamésica* ou *diacrônica*.

A variação *diatópica* é a mais perceptível e decorre da dimensão espacial. No Brasil, é possível intuir a procedência geográfica das pessoas apenas pela maneira como elas falam. Se compararmos o português brasileiro e o português europeu, percebemos também que são muitas – e marcantes – as diferenças linguísticas. São mudanças no léxico, na fonética e na sintaxe. Vejamos um exemplo de diversidade no vocabulário:

(1) Daqui a pôco o povo do *ônibus* (*autocarro*) todo tava aclamando Conquista (A.I.R.M., PCVC, III, F).

A variação *diastrática* é identificada quando se comparam estratos (profissão, sexo, idade, grau de escolaridade) no sistema linguístico de uma população. Julgando os trechos abaixo, entendemos que são informantes com níveis de escolaridade distintos:

(2) Todos *son* bom *vizim*. A gente *veve* muito bem. (A.R.A., PPVC, III, M)

(3) Com o tempo foi se tornando mais sutil. Mas antigamente era bem explícito (P.A.R.C., PCVC, III, M)

A variação *diamésicas* são as diferenças encontradas entre a língua escrita e a língua falada. Em (4), a presença de hesitação compõe um exemplo típico de fala sem planejamento, isto é, de língua verdadeiramente falada.

(4) Então eh... cê tem que sabê trabalhá a ideia do cliente e se é possível(A.S.A., PCVC, II, F)

A variação *diacrônica* associa-se ao fator tempo e é evidente quando se comparam dois momentos da evolução histórica do português do Brasil, para citar um exemplo. *Badoque* em (5) e *carrinho* e *boneca* em (6) representam objetos lúdicos de gerações distintas:

(5) [...] moleque mach, matava pardal de *badoque* (risos) aqueles pardal de *badoque* [...] (C.D.S., PPVC, I, F)

(6) Sempre foi brincadeira, *bola*, *carrinho*, raramente *boneca*, alguma coisa assim feminina.(L.C.S., PCVC, I, F)

Conforme vimos, a fala em diferentes regiões, ou em gerações convivendo no mesmo momento histórico, ou ainda em grupos não atingidos pela vigilância social sobre as formas da língua, pode revelar processos de variação linguística. É preciso destacar, no entanto, algumas questões importantes sobre as variações, sejam regionais, sociais ou históricas: i) primeiro, elas não são fortuitas; ao contrário, são legítimas, funcionais e obedecem a uma regularidade; ii) segundo, muitas das diferenças identificadas são apenas variantes e podem não indicar mudança; iii) terceiro, nem toda variação e heterogeneidade da língua implica mudança, mas toda mudança implica variação e heterogeneidade (FARACO, 1998, p. 13).

Para depreender esse caráter heterogêneo e sistemático da variação linguística, a ciência passou a contar com a Sociolinguística, um campo de investigação que estuda as relações entre língua e sociedade e enfatiza o caráter institucional das línguas. É dela que tratamos na próxima subseção.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística, também denominada Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, desenvolveu-se na década de 1960, nos Estados Unidos, especialmente com as pesquisas do linguista William Labov. Surgiu com o objetivo de “entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável” (CEZARIO; VOTRE, 2008, p.

140). Disciplina Independente, a Sociolinguística tem uma metodologia própria. Diante de um fenômeno de variação, ela descreve, dentro do contexto social da comunidade de fala, entendida como comunidade linguística, a relação entre os fatos linguísticos, variáveis internas da língua (estruturais) e os fatos extralinguísticos (sociais), variáveis externas à língua e referentes ao falante, como sexo, idade, nível de escolaridade, classe social, contexto etc. A fala a ser investigada é a mais espontânea possível, a que apresenta mais variação linguística, a que Labov chama de “vernáculo”, ou, com suas palavras:

[...] a língua que é usada na vida diária por membros da sociedade, o veículo de comunicação com que discutem com suas esposas, trocam piadas com seus amigos e ludibriam seus inimigos (LABOV, 1972, p. xiii).

Na coleta e codificação dos dados que auxiliam a definir e analisar o fenômeno variável, o pesquisador investiga o grau de estabilidade desse fenômeno, se se trata de uma variação estável (está bem delimitada em determinados grupos) ou se completou uma trajetória que aponta para a mudança (passa a ser usada com uma frequência cada vez maior, por exemplo). Ao lidar com números e tratamento estatístico de fatores, as denominadas variáveis atuam de maneira probabilística na variação. Com base nelas, é possível avaliar “a contribuição dos ambientes linguísticos na frequência de uma variante linguística ou outra, e quais contextos linguísticos e/ou sociais são mais relevantes no fenômeno observado” (LABOV, 1994, p. 9).

Hora (2004) assim resume o método empregado pela Sociolinguística para sistematizar a variação:

[...] formar um *corpus* com dados naturais de fala, descrever detalhadamente a variável e suas variantes, estabelecer quais os possíveis fatores linguísticos e sociais que influenciam a variável, encaixá-la linguisticamente, avaliá-la e observar os processos de transição e implementação que a envolvem (HORA, 2004, p. 26).

Feitas essas considerações, examinemos mais de perto as variáveis extralinguísticas ou fatores sociais – faixa etária, sexo, escolaridade, condição social.

A variável idade ou faixa etária, também denominada de *variação diageracional*, é importante na medida em que é possível “comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem” (CARDOSO, 2010, p. 50). É sabido que os falantes mais jovens, assim como, do ponto de vista diatópico, os mais urbanos, recorrem mais frequentemente a itens inovadores, e os mais velhos, assim como, novamente do ponto de vista diatópico, os mais rurais, costumam preservar formas mais antigas da língua. A

análise desse tipo de variação permite, por conseguinte, “documentar ao vivo as diferenças que separam gerações e, por vezes, os pequenos povoados de um mesmo município” (POP, 1950, p. 217).

Da mesma maneira, o *sexo* ou, como expõe Cardoso (2010), a variação *diagenérica*, é também fundamental para a Sociolinguística. Nesse ponto, comprova-se a estrita correlação dos fatores sociais com os fenômenos linguísticos. Oliveira (2006) aponta para o fato de homens e mulheres assumirem papéis diferentes do ponto de vista social. Nesse caso, a exposição a situações diversas é um fator que pode influenciar a escolha de uma ou outra forma linguística. Apesquisadora reforça o argumento de que, nos processos de variação estável, são os homens que empregam as variantes inovadoras, porém, nos casos de mudança, são as mulheres que comandam o processo. Atentemos, ainda, para o fato de, nos pressupostos Sociolinguísticos, a mulher optar pela variante inovadora quando esta sinaliza uma forma de prestígio.

A variável *escolaridade*, que, para Cardoso (2010), não está relacionada diretamente à classe social, é relevante à medida que encontramos diferenças entre o português falado pela população mais escolarizada e o falado pelas pessoas menos escolarizadas. Na escola, existe a gramática normativa, com base na qual se julgam as formas estigmatizadas, rotuladas de “erros” ou “vícios de linguagem”. De outro lado, as formas e construções do português dito “popular” fazem parte de uma variedade de língua que tem uma gramática própria e que permite uma comunicação eficaz. De qualquer modo, “o grau de instrução do falante pode condicioná-lo ao uso de determinada(s) forma(s) linguística(s)” (OLIVEIRA, 2006, p. 46).

Existe também um maior índice de variação entre os falantes de diferentes profissões, classes ou grupos sociais ou nível socioeconômico. Pautada na Sociolinguística de Labov, Oliveira (2006, p. 46) afirma que “muitas inovações linguísticas surgem nas camadas mais populares e sobem pela escala social”. A condição social ou variação *diastrática* é, para Cardoso (2010), uma noção complexa e envolve formas distintas de focar o aspecto social, identificando os usuários da língua segundo “fatores tais como trabalho, renda familiar, educação e habitação” (CARDOSO, 2010, p. 55). A falta de precisão na análise desse fator é comprovada em estudos que apontam pessoas provenientes de classe baixa ou ocupações sem muito prestígio exímias conhecedoras do verdadeiro falar do país (CARDOSO, 2010).

A variável estilo, registros de fala, ou variação *diafásica*, diz respeito à forma como os falantes ajustam as condições de comunicação ao assunto, ao interlocutor ou ao lugar da comunicação. Em situações formais, em que as pessoas não se conhecem ou ocupam posições hierárquicas diferentes, é comum o uso da norma padrão. Em contextos informais, em que as pessoas têm mais intimidade, é habitual o vernáculo.

Ao examinarem a mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (1968, p.101-102) afirmam ser necessário identificar aspectos ou, como preferem alguns teóricos, problemas que norteiam esse tipo de estudo: i) que fatores a condicionam; ii) como, por que e por quais caminhos a língua muda (transição); iii) como ela se encaixa no sistema circundante de relações sociais e linguísticas; iv) como os membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança; v) quando e onde determinada mudança foi implementada. São cinco questões centrais. Em resumo: os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a sua implementação. Vamos a eles:

a) o problema dos condicionamentos (*the constraint problem*) – refere-se aos fatores que determinam possíveis mudanças em determinado tipo de estrutura. Na opinião de Hora (2004), essa questão é importante porque, no processo de mudança linguística, o movimento “acontece de um conjunto limitado de variáveis de um sistema que altera gradualmente seus valores modais de um polo a outro” (HORA, 2004, p. 25). Para os variacionistas, há correlação entre uma função e duas ou mais formas, são as chamadas variantes.

b) o problema da transição (*the transition problem*) – Tem o propósito de verificar como se processa a mudança da língua, se, como explica Hora (2004), “por estágios discretos” ou por meio de “um *continuum*”. Consoante defende Oliveira (2006, p. 48), esse problema “implica também a transmissão de regras de uma geração a outra e, portanto, a localização social do falante na comunidade de fala”, razão pela qual identificar o grupo responsável pela mudança passa a ser uma questão crucial. Do mesmo modo, surge a necessidade de aventar “hipóteses para o funcionamento de cada nível linguístico num estudo sincrônico e diacrônico” (OLIVEIRA, 2006, p. 48), visando entender os sistemas intermediários que “dizem muito mais sobre as mudanças do que os estágios inicial e final” (OLIVEIRA, 2006, p. 48);

c) o problema do encaixamento (*the embedding problem*) – relaciona-se à compreensão da mudança, considerando tanto a sua inserção no sistema linguístico quanto na estrutura social da comunidade de fala;

d) o problema da avaliação (*the evaluation problem*) – Diz respeito à forma como os falantes julgam a mudança e qual o efeito desse julgamento sobre a mudança. Segundo Hora (2004), o falante tende a rejeitar formas inovadoras, embora possa utilizar, ainda que inconscientemente, aquelas que julga ter uma avaliação social negativa;

e) o problema da implementação (*the actuation problem*) – refere-se ao grande esforço para “determinar a direção que a mudança toma na estrutura social” (HORA, 2004, p. 26).

No intuito de obter mais fundamento para descrever e analisar a variação em uma dada língua, compreendendo a sistematização que lhe é peculiar, e, comparando os resultados das análises para verificar os possíveis rumos das variantes, o modelo Sociolinguístico conjuga o eixo sincrônico ao diacrônico. Uma amostra sincrônica de dados contribui, segundo explica Martelotta (2003), para a compreensão das variações (de natureza individual, social, regional sexual e outras) que convivem em um mesmo momento do tempo. Na perspectiva diacrônica, não raro, verificam-se mudanças que se manifestam com o passar do tempo. Nos estudos Sociolinguísticos, não há preferência por uma ou outra perspectiva. Na investigação de fatos linguísticos, muitos teóricos optam por uma discussão em um eixo pancrônico com o objetivo de propor um debate mais amplo. Seguimos essa linha e aplicamos uma abordagem pancrônica à nossa pesquisa, estabelecendo uma comparação entre várias sincronias da língua.

Nessa investigação de viés temporal, apontamos duas metodologias comumente citadas na Sociolinguística: o estudo do tempo aparente e o estudo do tempo real. A análise do tempo aparente “estabelece o estágio pelo qual passam as variantes no momento do recorte temporal em que estão sendo observadas” (HORA, 2004, p. 19). É possível realizar uma investigação com uma amostra sincrônica da fala de jovens e idosos, por exemplo, em que se atribui uma dimensão diacrônica à análise. Uma vez que a fala dos jovens normalmente caracteriza-se pela inovação linguística e que a dos idosos preserva os usos linguísticos mais antigos, a análise da faixa etária vai indicar se determinado fenômeno de variação é estável ou apresenta mudança em progresso. Portanto, ao investigarmos o elemento *meio* com base na faixa etária dos informantes, pretendemos detectar se se trata de variação estável ou de mudança em progresso.

No estudo do tempo real, verificam-se aspectos que não podem ser observados em tempo aparente. A coleta de dados de outros períodos históricos, a comparação de textos escritos de épocas distintas, ou a análise das acepções de *meio* em dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, para citar alguns exemplos, são meios de que dispõe o pesquisador para verificar a implementação de determinado fato linguístico. Com uma observação diacrônica, temos a possibilidade de verificar (ou não) a coexistência de variantes na comunidade linguística.

Além de constituir uma ferramenta para examinar qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação também contribuiu para a reformulação do “isomorfismo linguístico”. Ao contrário de

compreenderem uma forma para uma função, os estudiosos encontraram, em determinadas estruturas, correlação entre uma forma e várias funções.

Desse modo, e com a percepção de que a língua está sempre em transformação e que os itens e construções gramaticais não são estáveis, continuaremos a discutir a variação e a gramaticalização de *meio*, agora na perspectiva da pesquisa Funcionalista de vertente norte-americana.

2.3 FUNCIONALISMO

Se para a Teoria da Variação e Mudança, há correlação entre uma função e duas ou mais formas, no Funcionalismo, os itens e construções gramaticais expandem suas possibilidades funcionais, de modo que duas ou mais funções concorrem para a mesma forma. Como esclarece Sousa (2008, p. 68), para essa segunda corrente, “a forma é subordinada à função que desempenha” e ao fenômeno da variação e mudança associa-se o funcionamento discursivo-textual. Sem serem contrários, Sociolinguística e Funcionalismo “dialogam sobre o mesmo assunto: a mudança na língua” (SOUSA, 2008, p. 68). Compartilhando do pensamento de que existe uma articulação do Funcionalismo com a Sociolinguística, selecionamos algumas amostras de variáveis linguísticas e variáveis sociais, tendo em vista a sua relevância em estudos de veio sociolinguístico. Empírica e tradicionalmente, tais variáveis se revelam impulsionadoras da variação linguística.

O termo Funcionalismo fortaleceu-se nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, quando passou a ser aplicado por estudiosos como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón (MARTELOTTA, 2003). Esses linguistas defendiam uma linguística baseada no uso, propensa a observar a língua do ponto de vista dos contextos linguístico e extralinguístico. Consoante essa maneira de pensar, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação, por causa das mudanças do discurso. Em outras palavras, a sintaxe se estabelece em razão das estratégias de organização da informação dos falantes no momento da interação discursiva. Para compreendê-la, é preciso, antes, “estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída” (MARTELOTTA, 2003, p. 24) e onde está a motivação para os fatos da língua.

Em um trabalho de base funcionalista, no qual investigo emprego das palavras *tipo*, *feito*, *igual* e *como* no português, Lima-Hernandes (2011a) fortalece esse entendimento e, com amparo nos argumentos de Dik (1979), declara “não conceber a existência de uma sintaxe autônoma” (LIMA-HERNANDES, 2011a, p. 23), e que vê, portanto, na interação, uma

explicação para seu estudo. A pesquisadora sustenta-se no argumento de que os componentes semântico e sintático não são autônomos em relação ao componente pragmático. Do ponto de vista funcional, a língua “é um sistema semântico e, como tal, manifesta a produção de sentidos por meio de enunciados linguísticos, estruturados a partir de uma organização específica de itens gramaticais e lexicais” (LIMA-HERNANDES, 2011a, p. 23).

Nas ocorrências abaixo, extraídas de entrevistas dos *Corpora* PPVC e PCVC, a palavra *meio* assume vários usos, tanto em função dos diversos contextos quanto da própria categoria gramatical. Vejamos:

- (7) [...]de quato hora quato e *meia* até cinco de cinco a gente vai pa igreja (W.S.O., PPVC, II, M)
- (8) [...] de hoje que é o que todo mundo curte a massa curte é algo assim *meio* degradante [...] (C.B.S., PCVC, I, F)
- (9) pu0 que a gente tinha muito encontro no *meio* de multidão (M.C.A.O., PPVC, III, F)
- (10) um clima bom já pa aquele *mei'* de Anagé Po... éh... (W.S.O., PPVC, II, M)
- (11) a cidade ela fica *meio que* dentro de um... dentro de um buraco assim, aí [risos]... (L.M.R.J., PCVC, I, M)

Em cada um dos exemplos, a palavra *meio* assume uma função, um valor e um uso diversos. Trechos como (7), (8), (9) e (10) são aceitos pela norma gramatical tradicional. Outros, como (11), embora não reconhecidos pela norma, são licenciados pelo sistema funcional da língua portuguesa. Todos, no entanto, como assevera Lima-Hernandes (2011a, p. 25), “sinalizam a dinamicidade da interação linguística e as necessidades pragmáticas que impelem o falante a buscar adequada codificação sintática”.

Uma teoria de cunho funcionalista assume, portanto, a tarefa de tentar explicar as regras e princípios que cercam o funcionamento das expressões linguísticas que têm seus usos estendidos, ou, “no conjunto de fenômenos que fazem com que uma mesma forma tenha seu uso ampliado para novas funções” (MARTELOTTA, 2003, p. 58). Osurgimento de funções para formas já existentes e de formas para funções também existentes consiste no que chamamos gramaticalização, uma alteração do valor da expressão linguística, responsável pela renovação e mudança da língua. Esboçaremos os traços desse processo na próxima subseção.

2.4 GRAMATICALIZAÇÃO

No contexto da linguística Funcionalista norte-americana, as pesquisas sobre mudança linguística associam-se estreitamente ao processo de gramaticalização. Os estudos sobre esse

processo tiveram início na China, no século X, entretanto, no século XX, coube a Meillet defini-lo pela primeira vez: “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (NEVES, 1997, p. 113).

As discussões em torno da gramaticalização eclodiram entre os estudiosos funcionalistas no início do século XX e se intensificaram a partir dos anos 1970. O ponto central do debate é o fato de as línguas serem essencialmente dinâmicas, a cada momento surgem construções, outras desaparecem, outras ainda passam a ser empregadas com valores distintos daqueles que conhecemos.

Não há consenso sobre o conceito de gramaticalização, apesar disso, um dos mais clássicos é “processo em que itens lexicais assumem funções gramaticais e, gramaticalizados, exercem funções mais gramaticalizadas” (NEVES, 1997, p. 115). De qualquer modo, tal processo pode afetar a morfologia, a fonologia, a semântica e a sintaxe. Na trajetória de mudança, os elementos linguísticos “perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares” (MARTELOTTA, 2003, p. 59).

Outros teóricos agasalham a ideia de que a gramaticalização consiste na passagem de um elemento lexical à unidade gramatical ou de um item gramatical a mais gramatical ainda. É o que sustenta Neves (1997, p. 120), a qual declara: “Heine *et alii*. (1991) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical”.

No processo de gramaticalização, há um trajeto empreendido pelos elementos linguísticos, de forma que as mudanças ocorrem da esquerda para a direita. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) apresentam uma escala para mostrar o percurso das denominadas categorias conceptuais. Desse modo, como veremos abaixo, as mudanças partem das categorias mais próximas do indivíduo, mais concretas, para as mais distantes deste, portanto, menos concretas.

persona > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade > *texto*

Neves (1997) prossegue:

Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização (NEVES, 1997, p. 121).

Desse pensamento, decorre um forte argumento no âmbito funcionalista, o de que não existe uma gramática pronta e acabada, mas uma gramática em constante evolução.

Castilho (1997, p. 32) entende a Gramaticalização, primeiro, como “a codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação etc.”. Em seguida, como um processo de constituição da gramática ou um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante os quais

(i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema (CASTILHO, 2012, p. 138).

O linguista argumenta que, ao compor uma gramática, as comunidades elegem uma representação linguística para as categorias cognitivas, alterando-as no decorrer do tempo. Essas categorias, no entanto, são estáveis, o que muda é a sua representação gramatical, semântica e discursiva (CASTILHO, 2012, p. 138). Desse modo, o trajeto empreendido por um item lexical acontece tanto no tempo real quanto no tempo aparente.

Considerando o percurso das formas linguísticas durante a gramaticalização, e, sendo esse um processo, ao mesmo tempo, sincrônico e diacrônico, como defende Castilho (2012, p. 139), reforçamos a importância de se analisar os padrões da trajetória de *meio* em dicionários de épocas variadas (diacronia) e também no Português falado de Vitória da Conquista (sincronia). No Funcionalismo, esses estágios são essenciais e determinantes para explicar as mudanças linguísticas. Se, por um lado, a sincronia relaciona-se ao caráter instantâneo da língua, perspectiva na qual se possibilita fotografar a língua em uso, por outro, na diacronia, é-nos permitido verificar a evolução linguística, a origem das formas gramaticais, bem como reconstruir a história de uma língua, ou, como é o caso da nossa pesquisa, de um item linguístico. Portanto, do ponto de vista da temporalidade, para o modelo funcionalista, a língua

constitui uma atividade no tempo real, cujas regularidades são provisórias e continuamente sujeitas à negociação, à renovação e ao abandono, sendo portanto, constitutivamente heterogênea (CASTILHO, 2012, p. 138-139).

Portanto, ao assentarmos nossa investigação em uma perspectiva pan-crônica, mostraremos, do ponto de vista diacrônico, a recategorização de *meio*. Do ponto de vista sincrônico, o sentido discursivo de *meio que*. Inicialmente integrante da classe dos substantivos

e adjetivos – séculos XVIII a XX – *meio* passou a compor também – a partir do século XX – a classe das locuções, advérbios e numerais. Desse modo, a ampliação de sentidos e de categorias gramaticais aponta:

[...] o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva as transformações que sofrem os elementos linguísticos ao longo do tempo e que essas mudanças apresentam unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática (MARTELOTTA, 2003, p. 59).

Na subseção anterior, afirmamos que, no processo de gramaticalização, atua um princípio que faz surgir funções para formas já existentes e formas para funções já existentes. Esse princípio norteia a ideia de que “conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto” (GONÇALVES et al., 2007, p. 42). Tal movimento respalda a metáfora e a metonímia, mecanismos que ajudariam a explicar a mudança linguística.

A metáfora ocorre por meio da analogia e consiste “na transferência conceptual, que aproxima domínios cognitivos diferentes”. A metonímia, mediante a reanálise, compõe a “motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto” (GONÇALVES et al., 2007, p. 42), em função da proximidade sintática de formas linguísticas.

A analogia, no entendimento de Bybee (2010), baseia-se na transferência de um domínio conceptual para outro por meio de uma associação estabelecida entre esses domínios. Bybee (2010) assinala: “dada a especificidade das construções e a forma como elas são construídas por meio da experiência com a linguagem, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item é gradual e baseada em seus antigos usos” (BYBEE, 2010, p. 4).

A metonímia, mecanismo complementar da metáfora, representa uma “associação conceptual fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade”, conforme apontam Gonçalves et. al. (2007, p. 47). Decorre da reanálise, em que acontece a aproximação de significações, “uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto” (GONÇALVES et al., 2007, p. 47).

Para manifestar-se, a metonímia depende do encadeamento sintático, ou *chunking*, recurso que, ao lado da analogia, aparece na lista de domínios gerais envolvidos na configuração linguística arrolada por Bybee (2010). Intrínseco ao ser humano e baseado na organização da memória, o encadeamento funda-se na relação fixa de palavras na formação de estruturas linguísticas. Duas ou mais palavras unem-se sequencialmente, compondo um todo na sentença. A relação fortalece-se à medida que essas palavras são aplicadas na cadeia

sintagmática. Sobre a ativação de tal processo, Cunha et al. (2013, p. 32) declaram: embora extensa, uma cadeia de palavras pode ser produzida e processada mais facilmente se essas palavras podem ser acessadas em conjunto, devido à frequência de uso (CUNHA et al., 2013, p. 32).

Cuidamos, tanto na perspectiva da Sociolinguística, quanto sob o ponto de vista do Funcionalismo e da gramaticalização, da questão da variação e da mudança linguística como processos que manifestam a heterogeneidade e o aspecto não estático da língua. Na Sociolinguística, teoria surgida na década de 1960, o foco é a variação linguística dentro da estrutura social da comunidade em que ocorre. Se, nesse caso, identificam-se processos de mudança em curso, decorrentes dessas variações, está claro que há forças que agem sobre a interação dessa ciência com o Funcionalismo/Gramaticalização, teoria que emergiu na década de 1970. Em ambas as abordagens, a língua compõe uma estrutura maleável e mutável. Tal relação evidencia, para muitos linguistas, um diálogo teórico que fez surgir, desde o fim dos anos 1980, uma orientação de pesquisa denominada Sociofuncionalismo. A interação dos princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo voltado à gramaticalização, ou Sociofuncionalismo, é o assunto da próxima subseção.

2.5 SOCIOFUNCIONALISMO

O termo Sociofuncionalismo surgiu no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ), para denominar pesquisas que procuravam combinar diretrizes da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo norte-americano, cujo intuito era analisar tendências de uso variável como reflexo da organização do processo comunicativo (NEVES, 1999).

Tavares (2013) ratifica a afirmação de Neves (1999) e explica que o Sociofuncionalismo se dedica à “investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística, buscando articular pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano” (TAVARES, 2013, p. 2). Com base nessa asserção, a autora lista alguns postulados, defendidos por teóricos variacionistas e teóricos funcionalistas, que sugerem a convergência da Sociolinguística e da Gramaticalização:

- Prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança;
- A concepção de que a língua não é estática, ao contrário, sofre alterações constantes;
- A mudança linguística recebe um lugar de destaque, e é entendido como um processo contínuo e gradual;

- Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis;
- Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas (TAVARES, 2013, p. 7).

À essa estreita relação entre o Funcionalismo linguístico e a Sociolinguística variacionista laboviana, Tavares (2003) propõe a metáfora de um “casamento teórico” denominado Sociofuncionalismo, com a ressalva de que “não se trata da soma ou da combinação de pressupostos teórico-metodológicos de um modelo e de outro, e sim do estabelecimento de pressupostos que resultam da conversa entre os modelos” (TAVARES, 2003, p. 102). Dessa forma, propõe a pesquisadora, em qualquer união, os pressupostos e princípios de uma teoria não serão, simplesmente, somados à outra teoria. Em vez disso, serão negociados e articulados, de forma que a teoria Sociofuncionalista se estabeleça no diálogo e nas semelhanças entre Sociolinguística e Funcionalismo/Gramaticalização, motivada, sobretudo, pelo interesse comum em estudar a variação e a mudança linguística em uma perspectiva pancrônica.

Para abordar a interface variação/mudança linguística, ou melhor, Sociolinguística/Gramaticalização, fazemos referência a Naro e Braga (2000), segundo os quais, a proposta da Sociolinguística Laboviana não é apenas reconhecer a variação, mas vê-la de um modo novo, o que consiste na convicção de que a variação é inerente e regular e, portanto, passível de uma análise linguística sistemática. Ao se deparar com a variação, a Linguística, a Pragmática e a Análise do Discurso promovem uma renovação nos estudos linguísticos da mudança, mediante a gramaticalização.

Naro e Braga (2000) dizem que é preciso considerar uma questão central: saber se existem diferenças substantivas entre as abordagens variacionista e a Gramaticalização. E chamam atenção para uma divergência fundamental:

[...] um estudo variacionista requer a equivalência no nível semântico/denotativo entre as variantes, exigência que a Gramaticalização dispensa, uma vez que trata da criação de novas formas de expressão (NARO; BRAGA, 2000, p. 126-127).

Acerca da combinação Sociolinguística e Gramaticalização, ou do “casamento”, como prefere Tavares (2003), Naro e Braga (2000) defendem: a variação decorrente do princípio da estratificação pode ser analisada à luz da aplicação da metodologia quantitativa. Quanto ao princípio da divergência, consideram uma situação mais delicada. Sobre isso, afirmam: “É

provável, porém que nos estágios iniciais do processo de mudança as duas formas/estruturas tenham tido o mesmo sentido, condição para a aplicação da reanálise” (NARO; BRAGA, 2000, p. 133).

De uma forma ou de outra, encerramos, por ora, essa discussão, afirmando que a Sociolinguística e o Funcionalismo/Gramaticalização compartilham de premissas bastante convergentes, como a heterogeneidade linguística e a importância atribuída à língua em uso, situações que favorecem a variação e os processos de mudanças. Pautados nessas considerações, na próxima seção, verificaremos a trajetória de *meio* em dicionários da Língua Portuguesa.

3 MEIO: UM PERCURSO DE TRADIÇÕES E INOVAÇÕES

Nesta seção, trazemos um estudo do que ocorre com *meio* na Língua portuguesa em diversas fontes. Na subseção 3.1, “*Meio*: a trajetória em dicionários da Língua Portuguesa”, mostraremos as entradas, a classificação gramatical e o movimento desse item em dicionários da Língua Portuguesa, do século XVIII ao século XXI. Nosso objetivo foi desenvolver uma análise semântica que possibilitasse observar, em um período mais remoto e também na atualidade, o sentido prototípico, a configuração estrutural, a funcionalidade e a trajetória de mudança empreendida por essa palavra no decorrer da sua história na língua.

Na subseção 3.2, “Uma regra e a variação”, trataremos do olhar das gramáticas prescritivas tradicionais sobre nosso objeto. A pretensão é verificar de que modo esses manuais, na condição de responsáveis por apresentar o conjunto de regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada, propõem o emprego de *meio*.

Na subseção 3.3, “O olhar de linguistas”, será a vez de mostrarmos o que a tradição linguística tem a dizer sobre o fenômeno em questão. Não obstante a escassez de trabalhos que abordam o item linguístico *meio*, julgamos importante investigar o parecer daqueles que se ocupam da linguagem humana em todos os aspectos.

Encerraremos com a subseção 3.4, “Um único *meio* no caminho”, na qual examinaremos livros didáticos de Língua Portuguesa adotados por estabelecimentos de ensino de Vitória da Conquista. Temos o propósito de verificar de que forma esses livros, cujo texto se enquadra nas exigências do programa escolar, abordam e categorizam a palavra *meio*.

3.1 A TRAJETÓRIA EM DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Antes de iniciarmos a leitura dos dicionários, importante é apresentarmos a origem do nosso objeto de pesquisa. Encontramos a etimologia de *meio* em Nunes (1945). Originário do Latim, o então adjetivo *mediu-*, com a perda do *d*, evoluiu para *meo* ou *meio*, e também se substantivou. Nicolau Firmino (1963, p. 343) categoriza e define o vocábulo latino *mēdiūs*, ã, ùm como “adj. central, que está no meio, médio, mediano, intermédio, medíocre, vulgar, comum, moderado, duvidoso, medianeiro”. Na versão de Bueno (1974), a palavra *meio* vem do Latim *médium*, e é o primeiro elemento dos compostos eruditos com a ideia de *menor*, do gr. *meiôn*, *menor*, cuja forma deve ser *mio*.

Vemos, portanto, que, já na origem, na condição de adjetivo, *meiodemonstrauma* propensão a qualificar ou estender o sentido do(s) termo(s) ao(s) qual(is) se associa na estrutura da língua. Desse modo, mostrar as entradas, o potencial funcional e a categorização gramatical desse item passa a ser o nosso objetivo a partir deste momento. Vejamos que dizem os dicionaristas. Eis as obras consultadas, em ordem cronológica:

- a) Do século XVIII, o *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau (1728) e o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Antonio de Moraes Silva (1789);
- b) Do século XIX, o *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832);
- c) Do século XX, o *Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa*, de Cândido Jucá Filho (1963), o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964) e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1967);
- d) Do século XXI, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009), e o *Guia de uso do Português: confrontando regras e usos*, de Maria Helena de Moura Neves (2012).

Iniciamos nossa investigação com um dicionário setecentista, oferecido ao rei D. João V e o primeiro da Língua Portuguesa, de Raphael Bluteau (1728), padre londrino radicado em Portugal. O título conta com cerca de sessenta palavras: *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico* etc. Não obstante o nome “Vocabulário”, as entradas vêm acompanhadas das respectivas definições, como normalmente ocorre nos dicionários. Bluteau (1728) traz todas as entradas em português, as definições também em português e a tradução em latim.

Nessa obra, autorizada com exemplos dos considerados melhores escritores portugueses e latinos, Bluteau (1728) reserva um amplo espaço, em torno de cinco páginas, para o nosso objeto. São duas classificações *parameyo*: substantivo e adjetivo. As entradas são referendadas com citações de Cícero, Tito Lívio, Plauto, Sócrates e outros pensadores. Trataremos inicialmente do substantivo. Eis as definições:

- 1- **Meyo**. Substantivo. Qualquer expediente, industria, razão, artifício, invenção que serve para conseguir alguma coisa. *Ratio, onis. Fem. Via, viae. Fem. Cic.*
- 2- **Meyos**, alvitres, artificios, expedientes para ganhar dinheiro, para ganhar riquezas. *Illecebraeæ argentariae. Plaut.*
- 3- **Meyos ordinários**. Termo da Prática Forense.
- 4- **Meyo**. O que está entre duas extremidades. *Medium, ii. Neut. Virgil.*
- 5- **Meyo**. A metade de qualquer coisa. *Medius, dimidius, a, um.*
- 6- **Meyo**(quando se lhe segue hum substantivo). *Meyo arratel. Selibra, æ. Fem. Columel. Plin.*
- 7- **Meyo** (quando vem atrás de hum substantivo, ao qual se segue a preposição e.) *Alqueire & meyo. Sesquimodius, ii. Mafc. Cic.*
- 8- **Meyo** (quando se lhe segue hum adjetivo) *Meyo comido, ou ruído. Semefus, a, um. Horat.*
- 9- No **meyo**. Entre. No meyo dos mais. *Inter ceteros. Cic.*
- 10- No **meyo** dos montes, & das lagoas. *Medio montium, & paludum. Tacit.*

Analisando as expressões, observamos uma grande capacidade produtiva de *meio* já no século XVIII. Para ilustrar a primeira definição, por exemplo, Bluteau (1728) lança mão de cerca de vinte sentenças com verbos com valor nocional de processo para alcançar um fim, como podemos verificar:

- (1) Dar hum **meyo** a algum negocio. *Dare viam, ou viam aper.re, ou aperire occasionem. Cic.*
- (2) Tomarei todos os **osmeyos**, que me parecerem mais próprios para conseguirmos o nosso intento. *Cic. (p. 473)*
- (3) Irei buscando algum **meyo**. *Cic. (p. 473)*
- (4) Havemos de buscar algum **meyo** para abalar, para ganhar a vontade deste homem. *Tit. Liv. (p. 473).*

Entre os vários sentidos, um faz parte do contexto jurídico: *meios ordinários*. Trata-se de uma expressão do Direito Processual Civil e do Direito Penal, que sinaliza o modo de agir em juízo. Fica em evidência o cuidado de Bluteau (1728) em mostrar ao leitor a produtividade de *meio* inclusive em outras áreas.

Do âmbito jurídico, o autor parte para contextos em que *meio* representa espaços concretos. Segue o trecho em que confronta citações de Cícero e Tácito:

O que está entre duas extremidades. *Medium, ii. Neut. Virgil.* No **meyo** da praça. *In médio foro.* Assim sempre se há de dizer à imitação de Cicero, & dos melhores Authores, & não se há de imitar Tacito, que diz, *Medio campi*, no **meyo** do campo, & *Medio Montium*, no **meyo** dos montes (BLUTEAU, 1728, p. 473).

Bluteau faz uma avaliação dos usos de *meio* ao confrontar, de um lado, um Clássico como Cícero e os bons autores e, de outro lado, um pós-Clássico como Tácito. Nessa avaliação,

“medium, -ii”, embora substantivado, deveria comportar-se como adjetivo, conformando-se à declinação do substantivo, no caso “foro” (ablativo).

À medida que avançamos no *Vocabulario Portuguez e Latino*, deparamo-nos com definições que parecem resumir todo o significado do vocábulo em questão: “O **meyo** de qualquer coufa. *Meditulum*, ii. Neut. Cic. A **metade** de qualquer coufa. *Medius, dimidius, a, um* (BLUTEAU, 1728, p. 474, grifos nossos).

Bluteau (1728) reporta-se a vários domínios para apontar a grande extensão de sentidos de *meio*. Ao se referir a seres mitológicos, opta por traduzir *semi* por *meio*. Cuidemos desse trecho:

Entre guerra & paz não há **meyo**. *Inter bellum, & Patern medium nihil est. Cic.* Fez cerrar pelo **meyo** do corpo muitos homens de qualidade. *Maltos honesti ordints médios ferrá diffecuit. Suetou.* **Meyo** Deos (modo de falar da antiga gentilidade) val tanto como Heroe. *Semideus, ei, Masc. Ovid. Meyo* bode, (falando no fabuloso Deos Pan) *Semicaper, pri-Masc. Ovid. Meyo* fera, **meyo** animal, (falando em hũ Centauro) *Semifer, i. Masc. Meyo* homem, (também falando em Centauro.) *Semivir, i. Masc. Ovid.* (BLUTEAU, 1728, p. 474, grifos nossos).

O sentido *a metade de qualquer coufa* requer uma descrição mais didática, traduzindo o sesqui-latino por nosso *meio*. Vejamos:

Meyo quando se lhe segue hum substantivo. *Meyo* arratel. *Selibra, æ. Fem. Columel. Plin. Meya* hora. *Semihora, æ. Fem. Cic, Dimidiata hora. Plaut. Meyo* (quando vem atrás de hũ substantivo, ao qual se segue a preposição e) *Alqueire & meyo. Sesquimodius, ii. Masc. Cic. Varro. Dedo & meyo*, (certo gênero de medida) *Sesquidigitus, i. Masc. Vitrau* (BLUTEAU, 1728, p. 474, grifos nossos).

Como *Coufa que está no meyo de duas extremidades*, *meio* significa, na tradução latina, *Intermedius*. Nas sentenças, notamos desde logo um valor discursivo dessa palavra, como se segue:

Cortar, ou quebrar alguma coufa pelo **meyo**. *Aliquid intercidere, (do, cidi, cifum.) Cæsar. Aliquid interrumpere, (po, rupi, ruptum.) Cæf. Tit. Liv.* Tomar os inimigos em **meyo**. *Hoftem circumvenire. Tit. Liv.* (Tomando-o em **meyo** os do focorro). *Vatcone. Arte Militar* (BLUTEAU, 1728, p. 474).

Para ilustrar as acepções *no meyo* e *entre*, o autor ocupa-se novamente da representação de espaços e, dessa vez, inclui os abstratos:

No **meyo**. Entre. No **meyo** dos mais. *Inter ceteros. Cic.* No **meyo** da área. *Inter arenam.* No **meyo** da cea. *Inter caenam. Cic. Inter caenandum.* No **meyo** da junta. *Inter conventum. Sueton.* No **meyo** do supplicio, ou no **meyo** dos tormentos. *Inter panam. Sueton.* Os moradores do Peloponezo edificarão a Cidade de Megora no **meyo** de Corintho, & Athenas. *Peloponueffi Megeram mediam Corintho. Athenisque condidere. Vell. Paterc.* (BLUTEAU, 1728, p. 475, grifo nosso).

No *Vocabulario Portuguez e Latino* (1728), identificamos trinta citações em que *meio* se refere a adjetivos. Em apenas uma, essa palavra precede um adjetivo feminino e não se flexiona. Isso pode dizer muito sobre a opinião de Bluteau (1728) quanto à variabilidade de *meio*. Destacamos esse exemplo:

Meyo (quando se lhe segue hum adjectivo) **Meyo** comido, ou ruído. *Semefus, a, um. Horat. Meyo* derrubado, (falando em algum edificio). *Semirutus. a, um, Tit. Liv. Meyo* corrida, (falando em hũa cortina) *Semieduetus, a, um. Ovid.* (BLUTEAU, 1728, p. 475, grifo nosso).

Ao contrário do que faz com o substantivo, Bluteau (1728) abre a seção do adjetivo sem definição. Foi o que encontramos:

- 1- **Meyo**. Adjetivo. Parar o vomito he **meya** faude alcançada. *Pars sanitatis est, vomitum esse suppressum. Celf.*
- 2- **Meya** prova. Vid. Prova.
- 3- Cor **meya**. A que não he das extremas, mas participa delas. (Não quis Deos q aquella cor fosse das extremas, quaes são a brãca, & a preta, senão outra cor **meya**, & mixta, que se compuzelle de ambas, qual he a vermelha. Vieira, tom. 6. 165.)
- 4- **Meyo** dia. A hora em que está o Sol no mais alto ponto da tua elevação horizontal & donde começa a descahir. *Meridianum tempus.*
- 5- O **meyo** dia. O polo Austral, & a parte do mundo situada ao meyo dia, ou como dizem os Mareantes ao Sul. *Auftri partes, tium Fem. Australis régio, onis. Fem. Meridiana mundi pars, tis. Fem. Vitrau & Senec.*
- 6- **Meya** idade. Vid. Idade. Mulher de **meya** idade. *Media mulieris aetas. Martial.*
- 7- Neste **meyo** tempo. *Hoc temporis spatio interjecto. His interjectis diebus. Ex. Tit. Liv.*
- 8- **Meyo** termo, no syllogismo he aquelle, que se acha na mayor, & na menor, mas nunca na consequencia. Os Logicos lhe chamão *Medius terminus, i. Masc.* (Em consequencia se segue hum **meyo** termo terrível. Vieira. Tom. I. 857.) Algumas vezes neste sentido se diz **Meyo**, fem mais nada, v. g. Argumentar com hum só **meyo**. Estatut. da Univerfid. Pag. 190. Col. I.)
- 9- No **meyo** de todas as suas cortesias tenho conhecido a sua infidelidade. *Molam hominis fidem ex ipsis ejus verbis, officiosis licet ac splenis intellexi.* Metido no meyo dos soldados. *Immistus turbe militum. Tit. Liv.*
- 10- Deixar no **meyo** a empresa. Chagas, Cartas Espirit. Tom. 2. 262. *Opus intermittere. Cæf.*
- 11- Homem do **meyo**. Estado do **meyo**. Vid. Estado.

Vimos que, para mostrar a grande extensão de sentidos de *meio*, Bluteau (1728) reporta-se a vários domínios: jurídico (*meyos ordinários*), social (*Entre guerra & paz não há meyo*), histórico (*meyo bode*), religioso (*meyo Deos*), espacial (*no meyo da praça, no meyo do fupplício*), temporal (*meyo dia*), gramatical (*quando vem atraz de hũ subfativo*), comum (*cor meya*). Observamos também que, tanto na função de substantivo quanto na de adjetivo, *meio* favorece o surgimento de formas sem produtividade no português brasileiro atual. É o que ocorre com *tomar todos os meyos, dartehei hum meyo, dar hum meyoao negocio* ou *cor meya*. O sentido desta última assemelha-se ao de *cor neutra*, locução do Português do Brasil atual.

A maneira segundo a qual Bluteau (1728) nos apresenta essas construções indica que elas provavelmente fossem contemporâneas e de uso habitual no século XVIII. A parte final da seção destinada ao vocábulo *meio* também chama atenção. De modo inverso, já naquela época, aparecem *de meyo a meyo* e *de por meyo*, ambas de uso inovador que, sem uma definição precisa, parecem querer incorporar-se ao português. Vejamos:

Meyo. Outros modos de falar, em que ufamos desta palavra. (Ou tirão o chapeo **de meyo a meyo**, ou o pendurão pela ponta do cairel, como em tenda de Sirgueiro. Lobo, Corte na Aldca 339.) (Não fazendo cafo de respeitoos próprios, quando estava **de por meyo** o zelo da justiça. Marinho, Apologer. Difcult. 129.) (BLUTEAU, 1728, p. 476, grifos nossos).

Bluteau (1728, p. 476) reserva um parágrafo para mostrar contextos em que essa palavra surge como “Outros modos de falar”. Isso demonstra o empenho do autor em indicar, já naquela época, o processo de incorporação de novos constituintes à língua. A ação de formar novas estruturas com material existente na língua nada mais é do que um mecanismo do falante para estender o sentido de palavras. Falaremos sobre isso mais adiante.

O título *Vocabulario portuguez e latino* e os comentários etimológicos sugerem um dicionário que poderia demandar um esforço intelectual maior para ser entendido, mas é exatamente por meio de citações e estruturas dos melhores escritores portugueses e latinos que Bluteau (1728) mostra a língua em atividade.

Seguimos nossa investigação com outra obra do século XVIII, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789), que propõe reduzir, de oito para dois, os volumes do dicionário de Bluteau (1728). A ideia de reformulação é explícita no texto preliminar, em que Silva (1789) lamenta a falta de um dicionário que “abrangesse e explicasse os vocábulos portugueses com a energia e propriedade de cada um” (SILVA, 1789, s. p.), bem como mostrasse “o uso que dele fizeram os escritores clássicos, segundo o gênio e idiotismo da língua” (SILVA, 1789, s. p.).

O *Diccionario da Lingua Portugueza* (SILVA, 1789) é oferecido ao príncipe de Portugal, talvez, por esse motivo, o autor tenha escolhido citações de Sá de Miranda, Eneida (em sua tradução portuguesa), Padre Vieira e outros poetas para referendar os significados da palavra *meio*. À semelhança do que ocorre no *Vocabulario Portuguez e Latino* (BLUTEAU, 1728), nesse dicionário, *meio* classifica-se em duas categorias gramaticais: substantivo e adjetivo. De modo diverso, entretanto, Silva (1789) atribui gênero ao substantivo: “**Meio**, s.m. O lugar, ou parte entre os extremos, que dista deles igualmente: v.g. no meio do caminho, da casa, da cidade, no meio dos montes, de um bosque; no meio do inimigo, i. é, rodeados dele”.

Ao compararmos as entradas de *meio* no *Diccionario de Bluteau* (1728) com o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Silva (1789), percebemos mudanças significativas. A definição que abre o verbete distancia-se da primeira definição do dicionário de Bluteau (1728). Ademais, *meio* adquire novos sentidos. Segue um exemplo de sentença: “Morar parede em meio com alguém, i. é, tão pegado com essa pessoa, que só os divide uma parede” (SILVA, 1789, p. 283).

Os verbos *tomar* e *dar*, explorados em Bluteau (1728), juntam-se, nesta obra em análise, a *ter*, para formar estruturas com o item *meio*. Merecem destaque pela definição mais ampla e pelo sentido (discursivo) que conferem às sentenças: “*Tomar as coisas em meio*: fugir de extremos. Ter meio com alguma coisa; guardar moderação, ter sofrimento. *Dar meio ao negocio*, compò-lo a bem das partes” (SILVA, 1789, p. 283, grifo nosso).

Silva (1789) retoma duas locuções que, em Bluteau (1728), aparecem como “outros modos de falar”. À primeira, *de meio a meio*, perfeitamente integrada à língua, atribui-se uma definição bastante precisa, como mostra o exemplo: “**De meio a meio**; i. é, inteiramente. Lobo. v.g. “enganarão-se de *meio a meio*”. foi encalhar na restinga *de meio a meio*, em dia claro, e sereno. Couto” (SILVA, 1789, p. 283). À segunda, *de por meyo*, modificações na estrutura gramatical e uma significação mais discursiva. Foi o que encontramos: “Metter-se, ou entrar **de per meio** para compor desavindos: **ser medianeiro**” (SILVA, 1789, p. 283).

Do campo jurídico, Silva (1789) recupera duas expressões de Bluteau (1728): *Meios ordinários* e *meia prova*. Esta segunda recebe atenção especial: “**Meia prova**; i. é, não completa, que não convence de todo o magistrado, ou Juiz, ou que não é feita, v. g. senão por metade das testemunhas, que a Lei requer” (SILVA, 1789, p. 283).

Diferentemente de Bluteau (1728), para Silva (1789), o adjetivo *meyo* refere-se apenas à antiga grafia do adjetivo:

Meio – adjetivo. (antes Meyo). Que é a metade de algum todo. Grandeza, medida unidade. V.g. meio dia; meio caminho andado; meio alqueire; meio arratel. “quando a Lua he meya:” i.e. tem o seu disco meyo alumiado (SILVA, 1789, p. 283).

Ao “adverbializar” e admitir a flexão em contextos motivadores (anteposto a adjetivo feminino), Silva (1789) concretiza o valor discursivo de *meio*. Esse fenômeno indica aquilo que, neste estudo, classificamos de gramaticalização. Silva (1789), no entanto, cuida de nomear os que são contrários e os que são favoráveis à variação. É o que verificamos no fragmento:

Meio, adverbialmente: v.g. meio mortos; meio acabado. V. Meio, adj. no fim. Casas meyo derribadas. Couto, 5.2.3 “meio destroçados” Id. 1.3.3. “Caco meyo homem, meyo fera” Eneida, VIII. 46. (Meyo, melhor ortogr. e nos derivados). - **Os nossos Classicos usão** hora do subst. meio adverbialmente: v.g. “meio mortos” Eneida IX. 130 e “meio derribada.” P. Per. 2. F. 63. **Outros** dizem com o adj. as casas meias queimadas.”De Caco meyo homem, meyo fera. Eneida, VIII. 48.”Casas meyo derribadas” Couto, 5.2.3 (SILVA, 1789, p. 283).

Com tais evidências, podemos ver que, por não existir consenso entre os “bons escritores”, o uso de *meio* em sua forma flexionável afigura-se como fenômeno presente na língua portuguesa culta. Posteriormente, no entanto, há de se fazer a opção pela forma invariável, ou adverbializada.

A proposta de Silva (1789) de reduzir o dicionário de Bluteau (1728), de fato, efetiva-se. No texto original, *meio* ocupava cinco páginas. Em Silva (1789), o vocábulo ocupa apenas meia página e a retirada dos comentários etimológicos propicia um visual mais enxuto ao texto. As modificações atingem também a categoria gramatical (*meio* é definido como um substantivo masculino e adverbializa-se), a estrutura (de *meyo* parameio) eo sentido original de *meio* que, de “expediente, industria, razão, artifício, invenção que ferve para confeguir algũa coufa” (BLUTEAU, 1728), passa a “lugar, ou parte entre os extremos, que dista deles igualmente” (SILVA, 1789, p. 283).

A sistematização implementada por Silva (1789) parece ter sido uma necessidade de adequação da obra de Bluteau (1728) às mudanças sociais, históricas e, talvez, linguísticas, “o que permitiu uma circulação mais ampla, inclusive nas escolas” (NUNES; SELIGMAN, 2003, p.37). Se naquela época essas mudanças foram necessárias, sentimos, hoje, a ausência de obras bilíngues que nos remetam à língua falada pelos antigos romanos, como faz a produção de Bluteau (1728).

Dos dicionários do século XVIII, partimos para uma obra do século XIX, produzida aproximadamente quatro décadas depois da obra de Silva (1789). Luiz Maria da Silva Pinto,

brasileiro e tipógrafo, julgando ser o dicionário do nosso idioma uma raridade, apesar de reconhecer as diferentes edições da obra de Antonio de Moraes Silva, apresenta o *Diccionario da Lingua Brasileira*, publicação a que ele denomina “esforço patriótico” e “auxillante da Grammatica, e da Orthographia”. O propósito inicial seria produzir um dicionário por meio do qual se compreendessem “as palavras e frases adotadas pelos brasileiros e não apenas as proferidas pelos índios, como se presumira” (PINTO, 1832). No entanto, ao comparar o considerado “insignificante retorno financeiro” com o também considerado “árduo e longo trabalho”, Pinto (1832) afirma ter limitado o seu plano e lança o que denomina “Diccionario portátil”, cujo objetivo é ser um suporte para uma edição mais ampla e regular, desde que acolhido pelos leitores e caso os “amantes da Literatura Nacional” se prontificassem a enviar “notas sobre os vocábulos omissos e definições inexatas”.

Pinto (1832) conserva as categorias gramaticais de *meio* descritas em Silva (1789). No entanto, consegue ser bem mais sucinto que este, visto que traz definições muito breves sem qualquer exemplo demonstrativo. “**Meio**, s.m. O lugar entre dous extremos. Via, modo. Metade. **Meio**, adj. Que he ametade de huma cousa” (PINTO, 1832, s. p.).

Com efeito, merecedor da qualificação “Diccionario portátil”, o volume único de Pinto (1832) pouco pôde contribuir com a nossa análise, dada a sua concisão de informações. Contudo, apresentamo-lo com base em duas justificativas: a primeira é de caráter temporo-espacial, já que teóricos como John Lyons denunciam que estudos históricos muitas vezes apresentam hiatos de períodos, causando instabilidade na argumentação; a segunda de caráter político, já que resgata a tentativa de dar cor e tom nacionais às obras consagradas de cunho lusitano, ou seja, a reivindicação de que caráter nacional à língua portuguesa falada no Brasil, o que já se justifica pela intenção do título primeiro da obra “*da Lingua Brasileira*”. Seu caráter sintático (ou portátil) muito explica do formato de apresentação das entradas lexicais. Passemos para o século seguinte.

A primeira obra escolhida do século XX foi a de Cândido Jucá Filho (1963), brasileiro, catedrático de Português do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Filologia. O responsável pelo *Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa* explicita a intenção de priorizar a “língua viva” ou “corrente” com “poucas abreviaturas e digressões e sem nomenclatura científica, longas e eruditas justificações filológicas” (JUCÁ FILHO, 1963). Na apresentação dessa obra, à qual denomina “prática”, Jucá Filho (1963) faz um alerta aos consulentes e observa que os casos mais comuns serão referendados por ele e os controversos serão apresentados com aprovação dos mais recomendáveis escritores, brasileiros ou portugueses.

Não obstante a intenção de priorizar o uso corrente da língua, na análise do verbete em questão, Jucá Filho (1963) seleciona citações de consagrados como José de Alencar, Camilo Castelo-Branco, Rui Barbosa, Camões e outros.

Ao contrário dos lexicógrafos analisados, Jucá Filho (1963) categoriza o item *meio* primeiro como adjetivo, um determinante de sentido aproximado. Com a ressalva das consideradas “perífrases adjetivas”, acolhe a possibilidade de variação dessa palavra antes de adjetivo feminino com exemplos de José de Alencar e Camões. Os trechos em destaque demonstram que a construção predicativa motivadora da flexão de *meio* atingiu um estado mais avançado no processo de gramaticalização:

Meio, adj. – que é pela metade. Não quero mais que **meia** porção. Determ. de sentido aproximado, ocorrente em perífrases adjetivas, ou adverbiais. No primeiro caso, pode variar: Descobriu a alguns passos, **meio enterrada**, uma velha chilena de ferro (Alencar). Até o momento em que, já **meia adormecida**, falava a Peri (Id.). E a trouxeram **meia morta** para baixo (Camilo). Uns caem **meios mortos** (Camões). Em perífrases adverbiais. Ela então disse **meio ingenuamente** o que queria (JUCÁ FILHO, 1963, p. 417, grifo nosso).

Para Jucá Filho (1963), tal como ocorre em Bluteau (1728), *meio* é um substantivo sem especificação de gênero. A descrição dessa palavra distancia-se tanto de Bluteau (1728) quanto de Silva (1789). Eis a significação:

- 1- **Meio**, s. – metade.
- 2- Centro, ponto médio; linha média.
- 3- Condição, circunstância, o ambiente.
- 4- O expediente, traça.
- 5- Azo, modo, jeito, via, maneira.

Nesse Dicionário, confirmamos a disposição natural *demeio* para compor estruturas inovadoras, algumas com valor discursivo, como atestam os fragmentos:

a meio – Imperfeitamente, veladamente, de modo não explícito. *Êsse desprezo da forma, que a meio confessa o dr. Clóvis (Rui)*. **Em meio a, em meio de** – entre, em, durante. Em meio de – dentro de, no centro de, no meio de, em. *Omorgado estava em meio da sala (Camilo)*. **Neste em meio** – neste comenos, ínterim, neste entretanto. *Neste em meio chegou Custódia (Camilo)*. Por meio de – pelo intermédio de, através de (JUCÁ FILHO, 1963, p. 417, grifo nosso).

Mais resumido, Jucá Filho (1963) atribui a *meio* todos os sentidos descritos em Bluteau (1728) e Silva (1789), com riqueza de definições e exemplos, no entanto. Quanto ao seu propósito inicial de valorizar a língua corrente, mas, de modo inverso, prestigiar poetas renomados para traçar a representação de *meio*, pode configurar: a preferência pelo padrão mais formal da língua; o reconhecimento da complexidade que circunda a categorização de *meio*; uma forma de orientar o uso corrente a utilizar a forma de prestígio.

Ainda do século XX, selecionamos a produção de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964), professor e lexicógrafo português. Trata-se do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Seus editores afirmam que sempre se dedicaram para que a Língua Portuguesa recebesse a contribuição dos melhores filólogos e alcançasse o índice mais elevado no que se refere à técnica de feitura de dicionários, na opinião deles, “como um todo luso-brasileiro”, essa é a obra “mais completa no gênero”. A seção “O que vale o Dicionário Contemporâneo de Caldas Aulete” cuida de exaltar as qualidades do impresso. Vejamos:

A língua portuguesa tem dois dicionários: o de Morais e o de Caldas Aulete. O de Morais serve principalmente para tudo que antecede o século XIX. Com o progresso, tornou-se deficiente e mesmo inexato em alguns pontos. Mas isso é sina a que os dicionários não podem escapar. No correr do século XIX apareceram dicionários para substituí-lo, mas nenhum deles conseguiu seu fim (AULETE, 1964, prólogo).

Como ocorre em Jucá Filho (1963), na abordagem de Caldas Aulete (1964), a categoria “adjetivo” precede as outras classes, com um sentido mais concreto, entretanto. O elemento *meio* qualifica o substantivo e este retorna à condição de gênero masculino. Tal qual a exposição de Silva (1789) e Pinto (1832), *meio*, como substantivo, significa espaço, mas passa a ter também outro sentido: o de tempo.

Meio, 1. adj. que indica metade do objeto significado pelo substantivo: Levei a mão à cinta e arranquei meio punhal (Herc.). **2. s.m.** ponto médio; o ponto que se acha igualmente distante do princípio e do fim (quer falando do espaço, quer falando do tempo): Estamos no meio da jornada (AULETE, 1964, p. 2562).

Nesse Dicionário, *meio* também forma locuções prepositivas e atua na condição de advérbio, mas não varia quando precede o adjetivo, mesmo em contexto favorecedor:

Ao meio (**loc. prep.**), tanto para um lado como para o outro, por metade, por igual. **adv.** Por metade, quase, com pouca diferença: Os eirados **meio**

abatidos vertiam-lhes dentro em torrentes as chuvas caudais do inverno. (R. da Silva.) (AULETE, 1964, p. 2562).

À semelhança de Bluteau (1728) e Silva (1789), existe uma preocupação em mostrar ao leitor as funções de *meio* em diversas áreas.

Tôda a lei que reconhece um direito, legitima os **meios** indispensáveis para o seu exercício” (Cód. Civ. Port. Art. 12). **Lei de meios** (Bras.) lei orçamentária, orçamento geral da República. **Meio de cultura**, corpo ou substância empregada no cultivo de microrganismos ou vírus (gelatina, ágar, batata, peptonas, caldos etc. (AULETE, 1964, p. 2562, grifo nosso).

Cumprindo o propósito de contemplar palavras do domínio da conversação, o lexicógrafo elege construções que não aparecem nos já pesquisados. Para categorizar *meio* na representação de espaço, emprega termos do Português do Brasil atual. Vamos a eles:

Ambiente, em que se dão certos fatos ou se produzem certos fenômenos. **Meio social**, o conjunto de circunstâncias ou condições sociais em que um indivíduo se acha colocado. **Meio de mundo**, lugar longínquo, cafundó (Bras. Norte) (AULETE, 1964, p. 2562, grifo nosso).

Seguindo a fórmula dos outros e, atento às mudanças linguísticas, Caldas Aulete (1964) também apresenta locuções sem produtividade no Português do Brasil contemporâneo. Observemos:

Nem meio (fam.), absolutamente, nenhum: São nove precisamente (as musas), e *nem meia* casou (Castilho). **Meio por meio**, tanto por tanto, em troca de valor igual. **Deixar em meio**, deixar incompleto: O orador deixou o discurso *em meio*. **Ganhar meio por meio**, ganhar cem por cento. **Alcançado em meios**, diz-se da pessoa que foi rica e se acha pobre (AULETE, 1964, p. 2562).

Definitivamente, a estrutura *de meio a meio* ocupa uma posição cômoda na língua. Eis o trecho que comprova essa afirmação:

De meio a meio, completamente, inteiramente, redondamente. De lado a lado: Enganou-se *de meio a meio*. Um dardo... que se foi cravar no peito do apóstata da pátria e da família o varou *de meio a meio* (Per. da Cunha) (AULETE, 1964, p. 2562).

Do mesmo modo que Pinto (1832), Caldas Aulete (1964) promete compor uma obra “portátil”. Para nós, no entanto, essa despreziosa qualificação não se adéqua a este

dicionário, tendo em vista as múltiplas funcionalidades e as quatro categorias atribuídas ao verbete *meio*. Decisivamente, Caldas Aulete (1964) faz uma abordagem que é o divisor de águas na trajetória morfo-sintático-semântica desse elemento linguístico.

Pouco tempo depois de Caldas Aulete (1964), o português, filólogo e historiador, José Pedro Machado (1967), publica o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* no qual o vocábulo *meio* tem apenas duas classificações. Na condição de adjetivo, por um lado, perde o valor de determinante de sentido aproximado, utilizado nas perífrases adjetivas, como sustenta Jucá Filho (1963). Por outro, ganha reforço no sentido de *intermediário* (ou *mediador*), dialogando com a acepção sustentada por Bluteau (1728). Eis o fragmento:

Meio, adj. Do lat. *mediu-*, “que está no meio, no centro, central; que constitui o meio de um objeto intermediário (no tempo); fig., intermediário entre dois extremos; intermediário entre dois partidos, **entre duas opiniões**; médio (na qualidade, no valor), intermediário, isto é, que participa de duas coisas contrárias; intermediário, mediador; pelo meio; metade”. Em 1242-1252: “*mea talega*”, Andrés Martínez Salazar, *Documentos galegos de los siglos XIII al XVI*, 8, 11 (Lorenzo) (MACHADO, 1967, p.1532-1533).

Para ilustrar a grafia empregada no século XIII para o substantivo *meio*, que, nessa obra, não tem gênero específico, Machado (1967) seleciona um exemplo e chama atenção para o plural “*meios*”. Segue o trecho:

Meio. s. Do lat. *mediu-*, n., “centro; fig., meio, lugar acessível a todos, à disposição de todos; sítio exposto à vista de toda a gente; metade”. Séc. XIII: “Hu non dix o *meyo* de parecer – Que lhi mui boo deu Nostro Senhor”, Vasco Gil, no C.B. N., No [263]. O pl. *meios* no séc. XIV: “deve comer mais o terço e assi **meios** as outras aves...”, p. 22 (MACHADO, 1967, p. 1532-1533).

A abordagem de Caldas Aulete (1964) não constitui campo fértil para alguns sucessores, como acontece com José Pedro Machado (1967), por exemplo, que, embora amplie o sentido de *meio*, de *metade* para *intermediário*, não inova na categorização e recua, tanto nos exemplos, quanto na exploração das outras funcionalidades desse vocábulo. Diferentemente, aponta outra configuração para o uso de *meio*, no português arcaico, como agora vemos.

A nossa primeira obra de consulta do século XXI é o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009). No prefácio à primeira edição, fica evidente a pretensão de considerar a língua dos escritores modernos e clássicos, dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, o falar do povo, os linguajares regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, giriescos. Com essa motivação, entre os gêneros, a

preferência recai sobre as crônicas, consideradas “bons espelhos da língua viva” (FERREIRA, 2009, p. XI).

Nesse Dicionário, o “substantivo masculino” abre a seção destinada *ameio*, seguido das categorias adjetivo e advérbio. A noção primeira do substantivo é localização e tempo: “**Meio**. Ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, dos extremos; metade. Momento equidistante, ou mais ou menos equidistante, do início e do fim” (FERREIRA, 2009, p. 1303).

Como adjetivo, *meio* adquire as acepções propostas por Jucá Filho (1963): “Adj. Incompleto, inacabado” (FERREIRA, 2009, p. 1303).

Ferreira (2009, p. 1304) inova na classificação e atribui ao verbete uma quinta categoria gramatical: “**Numeral**. Metade de um; metade da unidade; um meio: **meia** laranja; **meio** quilômetro; **meio** quilo”.

O dicionarista admite que, tanto no português antigo como no moderno, essa palavra flexiona-se quando funciona como advérbio, o que denomina “caso de concordância por atração” (FERREIRA, 2009, p. 1304) e transcreve registros de Machado de Assis, Eça de Queirós e Luís de Camões, clássicos daqui e de além-mar. Podemos conferir em:

Advérbio. Por metade; um pouco; um tanto; quase: Anda meio doente. [Há muitos exemplos, no português antigo como no moderno, desse advérbio flexionado (caso de concordância por atração): “a cabeça do Rubião **meia inclinada**” (Machado de Assis, Quincas Borba, p. 67); “casou **meia defunta**” (Id., Várias Histórias, p. 97); “a mesma mulher, sempre nua ou meia despida” (Eça de Queirós, A Cidade e as Serras, p. 366); “Uns caem **meios mortos**, e outros vão / A ajuda convocando do Alcorão.” (Luís de Camões, Os Lusíadas, III, 50) (FERREIRA, 2009, p. 1304).

Repetindo a tradição dos lexicógrafos dos séculos XVIII e XX, Ferreira (2009) explora a funcionalidade de *meio* em outros campos. Na época presente, estão em voga as ciências econômicas, como:

Meio circulante. *Econ.* Total dos meios de pagamento. **Meios de produção.** *Econ.* Em economia marxista, elementos que constituem a condição material da produção, e que compreendem os objetos de trabalho e os instrumentos de produção (FERREIRA, 2009, p. 1304).

Nessa publicação, as locuções *meio exterior*, *meio geográfico*, *meio de comunicação* (Teor. Com.), *meios de comunicação de massa*, *meio interno* (Fisiol.) são citadas seguindo uma tendência à representação dos fatos da história presente.

Ferreira (2009, p. 1303) considera *meio a meio, de meia e embolar o meio de campo* expressões de uso popular, ademais, aponta um deslocamento de sentido de *meio*, próprio do Português do Brasil. Vejamos: Brasil. Chulo “O ânus”.

Nesse Dicionário, percebemos uma interessante preocupação em adequar a classificação e descrever o verbete *meio* conforme estabelecido no prefácio. Entre outros, talvez esse seja o motivo de essa obra ser considerada uma referência para a sociedade em geral.

O *Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), dos filólogos Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, é a nossa segunda fonte de consulta do século XXI. No prefácio, Mauro de Salles Villar afirma que pretende preencher um hiato na própria família desse Dicionário. O objetivo é criar uma obra ágil e prática, mas, curiosamente, com um número de informações maior do que se costuma encontrar em dicionários de extensão similar.

No Houaiss e Villar (2009), numeral é a primeira classificação conferida a *meio*, seguida de substantivo masculino, adjetivo e advérbio, categorização e descrição similares às de Ferreira (2009).

A flexão do advérbio, no entanto, não desfruta da mesma harmonia. Houaiss e Villar (2009) mantêm-se em silêncio sobre essa questão. Nos exemplos, apontam contextos favoráveis à variação. Para nós, essa postura indica uma opinião sobre o assunto. É o que vemos: “**Adv.** por metade, não totalmente (uma tarefa meio acabada). Algo, um tanto, um pouco (hoje ela acordou meio tristonha)” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1267).

No *Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), novas locuções:

[...] **meio de vida** instrumento de trabalho, emprego, ocupação; **em meio a:** 1 no decorrer de; durante em meio à discussão, levantou-se e saiu”; 2 tendo ao redor de si; no meio de “cresceu em m. a luxos e riquezas (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1267).

Na seção destinada ao verbete *meio*, Houaiss e Villar (2009) são um pouco mais concisos que Ferreira (2009), porém, tão extensos em significação quanto este. O objetivo de produzir uma obra mais eficiente e funcional parece ter sido atingido, visto que o Dicionário goza de boa representatividade no português contemporâneo.

Para completar e melhor desenvolver nossa análise de obras lexicográficas do século XXI, elegemos o *Guia de Uso do Português: confrontando regras e usos*, de Maria Helena de Moura Neves (2012). Como o próprio nome indica, não se trata de um dicionário comum, mas de um Guia, fundamentado em banco de dados, que aponta a forma como os itens são aplicados

nos contextos da língua em uso. Disso decorre a falta de categorização gramatical. Vejamos como aparece o verbete *meio*:

Meio: como advérbio, com o significado de “um pouco”, “um tanto”, é invariável. Apesar de terem respondido que eu estava **MEIO indisposta**, papai insistiu em que me chamassem. Os óculos de lentes já **MEIOfracas** para a sua crescente miopia mal lhe permitiam divisar a fisionomia da mulher. (FE) (NEVES, 2012, p. 511).

Como adjetivo de indicação numeral fracionária, flexiona-se em gênero e número. MEIA laranja, MEIO pão, MEIA banana, MEIO copo de leite, MEIO ovo, um sapato no pé e outro guardado. (CBC) (NEVES, 2012, p. 511).

Em relação ao item *meio*, não encontramos uma divisão em classes de palavras, tal como ocorre com as demais obras consultadas. De vertente funcionalista, Neves (2012, p. 50) afirma

[...] quando se fala de descrição da língua em uso, de língua em função, fica implicado que a consideração das estruturas linguísticas se pauta pelo que elas representam de organização dos meios linguísticos que expressam as funções a que serve a linguagem.

Vemos, portanto, uma valorização da função das formas determinada pelo uso, uma vez que, como defende a linguista, a linguagem caracteriza-se como um processo real de interação e a língua deve ser trabalhada em contextos discursivos.

Para uma melhor visualização do que foi descrito na presente seção, elaboramos um quadro com a síntese das classificações gramaticais atribuídas a *meio* nos dicionários pesquisados.

Quadro 1 – Resumo comparativo da classificação gramatical nos dicionários.

Autor	Substantivo		Adj.	Loc. prep.	Advérbio	Numeral
	Neutro	Masc				
Bluteau (1728)	+		+			
Silva (1789)		+	+			
Pinto (1832)		+	+			
Jucá Filho (1963)	+		+			
Aulete (1964)		+		+	+	
Machado (1967)	+		+			
Aurélio (2009)		+	+		+	+
Houaiss e Villar (2009)		+	+		+	+
Neves (2012)						

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o inventário das entradas, da classificação gramatical e das significações do item linguístico *meio* nos dicionários da Língua Portuguesa, fizemos “uma viagem” diacrônica e

verificamos os sentidos prototípicos, bem como a configuração estrutural desse item em diferentes épocas. Nosso próximo passo é o exame da tradição gramatical, que certamente nos ajudará a compreender um pouco mais nosso objeto. Essa parte está na subseção que se segue.

3.2 UMA REGRA E A VARIAÇÃO

Nosso objetivo nesta subseção é verificar de que modo as gramáticas prescritivas tradicionais propõem o emprego de *meio*, para podermos apreender relações de semelhança (ou de disparidade) desses compêndios com os padrões dos dicionários. Para compor a nossa pesquisa, escolhemos obras dos séculos XX e XXI. São elas:

Do século XX:

- a) *Lingua Vernacula: Grammatica e Anthologia*, de José de Sá Nunes (1935);
- b) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno (1944);
- c) *A ação da analogia no Português*, de Francisco Maria Bueno de Sequeira (1954);
- d) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali (1964);
- e) *Gramática do português contemporâneo*, de Celso Ferreira da Cunha (1971);
- f) *Pontos de gramática histórica*, de Ismael de Lima Coutinho (1974);
- g) *Nossa gramática: teoria e prática*, de Luís Antônio Sacconi (1983);
- h) *Lições de Português*, de Sousa da Silveira (1983); *Gramática da língua portuguesa*, de Celso Ferreira da Cunha (1986);
- i) *Dicionário de Questões Vernáculas*, de Napoleão Mendes de Almeida (1996);
- j) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Carlos Henrique da Rocha Lima (1998).

Do século XXI:

- a) *Gramática da Língua Portuguesa*, de Ingedore Villaça Koch e Mário Vilela (2001);
- b) *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida (2005);
- c) *Gramática do Brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua*, de Celso Ferrarezi Junior e Iara Maria Teles (2008);
- d) *Gramática escolar da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2010);
- e) *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário A. Perini (2010).

A primeira obra consultada foi *Lingua Vernacula: Grammatica e Anthologia*, de José de Sá Nunes (1935), que inicia a abordagem de *meio* com o exemplo: “Prece christã, *meio selvagem*” (NUNES, 1935, p. 191). O gramático explica: “Meio, é ahi, adverbio; portanto, invariável. Mas não raro se nos depara na fôrma feminina ou no plural de ambos

gêneros. Sirvam de amostra estes relanços, onde se vê *meio* adverbialmente empregado” (NUNES, 1935, p. 191). E faz referência a trechos em que ocorre a flexão desse elemento:

“A véspera de São João, por uma usança *meia* pagã, meia religiosa que se perdia na noite dos tempos, era já, como é ainda hoje, um dia de diurnos e nocturnos folgares.” (Alexandre Herculano: O Bobo, 11^a ed., p. 308). De novo se dirigiu à janela, onde esteve algumas momentos sózinha, meia voltada para fora e *meia* guardadapela sombra que alli fazia a cortina (MACHADO DE ASSIS: A Mão e a Luva, p. 120). Cadaveres meios enterrados nas ruínas (CAMILLO: O Judeu. Vol. II, pág. 267). Subitamente a chuva fustigou as vidraças: o primeiro bofado vento fez ramalhar as árvores *meias* calvas.” (HERCULANO, Opusculos, ed. de 1863, tomo I, pág. 139)(NUNES, 1935, p. 191).

Na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, do lexicógrafo e filólogo Francisco da Silveira Bueno (1944), os adjetivos adverbiais em função adverbial de modo podem ser empregados no masculino. Mas há uma ressalva: “Por atração sintática pode o advérbio concordar em gênero e número com a palavra a que se refere” (BUENO, 1944, p. 169): “E a trouxeram *meia* morta para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram” – (Camilo – Amor de Perdição – 206) – “Esta terra *meia* escondida é Japão” (Camões – X – 131) (BUENO, 1944, p. 169).

Em *A ação da analogia no Português*, Francisco Maria Bueno de Sequeira (1954) versa sobre *meio* e trata do assunto “advérbio flexionado”, fazendo uma associação com a “desinência retida”, expressão a qual define “discordância lógica, imposta pela permanência de som, uma flexão emprestada” (SEQUEIRA, 1954, p. 96). Citando Leite de Vasconcelos, que denomina desinência retida “atração sintática”, Sequeira (1954) ressalta:

Provém ela da preguiça acústica; o ouvido recusa-se a mudar de posição e, por isso, guarda o som final da palavra mais próxima, som que é imposto à palavra seguinte, embora contrariando o liame lógico dos elementos sintáticos (SEQUEIRA, 1954, p. 96).

Para exemplificar a concordância acústica, Sequeira (1954) recorre a *meio* e *todo* com o argumento de que, quando modificam outros, tais adjetivos exercem função adverbial e devem, pois, ficar invariáveis. Segundo o Cônego, “A porta estava *meio* aberta” e “A porta estava *todo* aberta” equivalem a “a porta estava *meiamente* aberta” ou “totalmente aberta”, respectivamente.

Asseverando que a concordância acústica encerra irregularidade sintática, Sequeira (1954) exemplifica o que considera construção regular e irregular, respectivamente: “Joaninha

meio deitada, *meio* recostada, dormia profundamente.” Garr., Viagens, pg. 136. “Êstes homens rudes combatiam *meios* nus.” Eurico, p. 94 (SEQUEIRA, 1954, p. 101).

Sequeira (1954) aponta a opinião de Said Ali, para quem “a casa está *toda* arruinada” é anterior a “a casa está *meio* arruinada”. Segundo o Cônego, há uma diferença de sentido entre “as casas estão *todo* arruinadas” e “as casas estão *todas* arruinadas”. Do mesmo modo, são distintas: a) “A casa está *toda* arruinada”; b) “A casa está *meio* arruinada”; c) “A casa está *meia* arruinada”.

Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Manuel Said Ali (1964) normatiza: a palavra *meio*, “servindo de qualificativo a um nome, toma, como outro qualquer adjetivo, o gênero e número desse nome” (SAID ALI, 1964, p. 300). O filólogo provê esse pensamento com os exemplos:

Celebraram as *meyas* noites com procissão de golodices gostosas (Francisco Manuel de Melo, Ap. Dial. 23) – O fustigar da chuva nas vidraças progressivas das *meias*-janellas (Herculano, Lendas e Narr. 2, 133) – o relógio dava as horas e as *meias*-horas – Ter a forma de *meia*-lua, *meia* laranja, etc. (SAID ALI, 1964, p. 300).

Situação diversa ocorre quando *meio* é empregado com valor adverbial, isto é, como determinante de adjetivo. Nesse caso, essa palavra “oferece uma das mais curiosas anomalias de concordância” (SAID ALI, 1964, p. 300). Nessa Gramática se admite que a forma invariável, habitualmente empregada, foi substituída, em diversas épocas da linguagem moderna, pela forma variável, fato que Said Ali (1964) nomeia “estranho espetáculo de um advérbio flexionado” (p. 300). *Meio* e suas variações têm em tais construções ora o sentido de “um tanto”, “em parte”, ora o de “quase” (*meio* morto, etc.). Ilustram esse ponto de vista: “Huns caem *meios*-mortos, e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (Camões, Lus. 3, 50). – Outros *meios* mortos se afogavão, quando do ferro as vidas escapavão (IB. 3, 113)” (SAID ALI, 1964, p. 300)

O pensamento de Said Ali (1964), da forma como Sequeira mencionou e nós mostramos anteriormente, é que a variabilidade de *meio* próximo ao adjetivo sofre influência das construções com *tudo* posposto ao nome. Nesse caso, a análise diverge e a frase A casa está *toda* arruinada serviu de modelo para A casa está *meia* arruinada.

A concordância não ocorre com tanta frequência, como aponta Said Ali (1964), quando há em um ser duas qualidades, atributos, ou condições que se contradizem, e o falante quer “significar a incerteza de nosso juízo, antepondo a cada um dos dois adjetivos (ou substantivos que fazem as vezes de adjetivo) a palavra *meio*” (p. 301). Exemplos disso são:

Eram línguas e *meyas* línguas. *Meyas* línguas, porque eram *meyo* européas e *meyo* Indianas, porque eram *meyo* políticas e *meyo* bárbaras (Vieira, Serm. 8, 165) – Joanninha *meio* recostada, *meio* deitada dormia profundamente (Garret, Viag. 1, 195) – O sineiro da minha *meio* rural, *meio* urbana parochia (Herculano, M. de C. 2, 59) – Como se a consciência de ter praticado um acto nobre e generoso... houvesse apenas sido um paliativo temporário contra aloucura, *meio* natural *meio* voluntaria, em que por tantos annos vivera (IB. 1, 251) – Raça achavascada, *meio* mourisca, *meio*-servil (IB. 1, 219) – Eu sei lá, atalhou o hortelão com a cara *meio* riso, *meio* cólera (IB. 2, 90) SAID ALI, 1964, p. 301).

Uma ressalva à afirmação anterior surge com um trecho de Garret, “Viag. 1, 250: dor *meia* dor, *meia* prazer” (SAID ALI, 1964, p. 301). A justificativa para a flexão recai no fato de a palavra *meio* ser precedida e seguida da palavra femininador.

O professor e filólogo Celso Ferreira da Cunha (1971) tem a preocupação de mostrar o advérbio *meio* nas orações. A regra é esta: “Os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado, ou um outro advérbio colocam-se de regra antes destes: *Meio* molhados, com frio, subimos a barranca” (CUNHA, 1971, p. 368). Nesse exemplo, a ausência de concordância do advérbio com o adjetivo parece indicar a posição do gramático quanto à flexão de *meio*.

Tal como Said Ali (1964), Sousa da Silveira (1983), em *Lições de Português*, emprega a expressão anomalia sintática para nomear a flexão de *meio*. O professor exemplifica: “A virgem... *meia* suspensa, “a rosa... *meia* oculta” (G. Dias, I, 198, II, 35). E cita exemplos do que considera irregularidade: “E eu te encontrei... *meia* quebrada, oh cruz”. (Herculano, Poesias, 122); “uns caem *meios* mortos” (Camões, Lus., III, 50) (SEQUEIRA, 1983, p. 105)

Ao argumentar que “a construção regular seria conservando invariável o adjetivo *meio* tornado advérbio” (p. 105), Silveira (1983) destaca o que considera bons exemplos: “*Meio* nua, e *meio* armada, com os braços *meio* tomados do terror, *meio* furiosos, a gigante condenada se debate na sua agonia” (Castilho, Quadros históricos, II, 121) (p. 105)

Na *Gramática da língua portuguesa*, Celso Ferreira da Cunha (1986) situa *meio* no rol dos advérbios de intensidade e mais uma vez repete a regra da *Gramática do português contemporâneo* (1971), publicada quinze anos antes, à qual nos referimos anteriormente: “Os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado, ou outro advérbio colocam-se de regra antes destes”: “*Meio* tonto, *meio* confuso, deixou-se cair no banco” (CUNHA, 1986, p. 502).

Em *Dicionário de Questões Vernáculas*, Napoleão Mendes de Almeida (1996) menciona a famosa polêmica do “*meio*-dia e *meia/meio*” e descarta a possibilidade de flexão por atração sintática: **Meio-dia e meia**. É verdade que se diz comumente *meio-dia e meio*, mas não se pode

negar que a forma correta é *meio-dia e meia*, pois a palavra a que o adjetivo se refere é hora: *meio-dia e meia hora*. Não tem cabida afirmar tratar-se de flexão por atração (ALMEIDA, 1996, p. 336).

Meio como numeral, na concepção desse gramático, requer uma descrição mais didática. Vejamos:

Meio é numeral quando significa “metade de um”; como numeral, concorda com o substantivo: 25 *meias* garrafas, *meia* vida passei, obra *meia* acabada (obra feita pela metade). Quando, porém, significar “mais ou menos”, “um tanto”, “um pouco”, deixará de ser numeral para ser advérbio, e virá modificando um adjetivo; como advérbio, não poderá flexionar-se Maria está *meio* adoentada – Ela ficou *meio* perplexa – Ana foi *meio* precipitada (ALMEIDA, 1996, p. 336).

Entre os inúmeros argumentos para a flexão dessa palavra, o de Almeida (1996) parece bastante razoável:

Saibamos, pois, distinguir “porta *meia* aberta” (porta aberta pela metade, no caso de ser dividida em partes, como acontece com as janelas: Todas as janelas estavam *meias* abertas) de “porta *meio* aberta” (porta um tanto, um pouco aberta), mas digamos “meio-dia e *meia*” (meio-dia mais metade de uma hora, e não meio-dia mais metade de meio-dia) *Meio* é numeral quando significa “metade de um”; como numeral, concorda com o substantivo: 25 *meias* garrafas, *meia* vida passei, obra *meia* acabada (obra feita pela metade). Quando, porém, significar “mais ou menos”, “um tanto”, “um pouco”, deixará de ser numeral para ser advérbio, e virá modificando um adjetivo; como advérbio, não poderá flexionar-se Maria está *meio* adoentada – Ela ficou *meio* perplexa – Ana foi *meio* precipitada (ALMEIDA, 1996, p. 336).

Seguindo o percurso pelas gramáticas tradicionais, deparamo-nos com a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida (2005), cuja opinião já mostramos. Nessa obra, tal qual o *Dicionário de Questões Vernáculas* (1996), o gramático traz uma explicação que facilita a compreensão no tocante à variabilidade de *meio*. A regra mais geral é clara: É preciso fixar que os adjetivos são modificados por advérbios, classe de palavras que não varia; conseqüentemente, quando a palavra *meio* modifica adjetivo, não pode variar nem em gênero nem em número: “Ela está *meio* doente” - “As portas estão *meio* abertas” – “Maria ficou *meio* tonta” (ALMEIDA, 2005, p. 146)

De modo bastante didático, Almeida (2005) detalha as regras que diferenciam *meio* na condição de numeral e de advérbio:

Quando *meio* significa metade de um, é numeral, e, então, deverá concordar com o substantivo a que se refere: “25 *meias* garrafas”, “*meia* vida minha”,

“obra *meia* acabada”. Seporém dissermos “obra *meio* acabada”, a palavra *meio* deixará de significar *metade de um* e de ser numeral, para passar a funcionar como advérbio, por estar modificando o adjetivo *acabado*, e significar então “mais ou menos”, “um pouco”. Janela *meio* aberta – (advérbio = um pouco). Janela *meia* aberta ou: *meia* janela aberta – (numeral = metade) (ALMEIDA, 2005, p. 146).

Quando a dúvida refere-se a *meio*-dia e *meia/meio*, o gramático reconhece a diversidade linguística, mas aponta o emprego que considera adequado: “É verdade que se diz comumente “*meio* dia e *meio*”, mas não se pode negar que a forma correta é “*meio* dia e *meia*”, pois a palavra a que este numeral fracionário se refere é hora: “*meio* dia e *meia* (hora)” (ALMEIDA, 2005, p. 146)

A forma com que se leem alguns numerais fracionários, entre os quais está *meio* “Dir-se-á, no plural, *meios*...”, é prescrita nessa gramática (ALMEIDA, 2005, p. 146). Almeida (2005) encerra com a seguinte indicação: “Na prática, os fracionários, com exceção de *meio*, são empregados como substantivos. *Meio* (numeral) alqueire (substantivo) de terra” (ALMEIDA, 2005, p. 161).

Chegamos à última obra consultada, a *Gramática escolar da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2010). Conhecedor da língua e atento às regras de concordância em torno de *meio*, Bechara (2010) prescreve:

Com o valor de “metade”, usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto: Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície... [AAr]. Era *meio* dia e *meia* (isto é: e meia hora) (BECHARA, 2010, p. 423).

Mais adiante, esclarece a flexão na alternância entre adjetivo e advérbio. Entre outras palavras, inclui *meio*. Vamos à regra: Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo ou pronome (variáveis): Ela está *meio* tonta. – Ela está *meia* tonta. “Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearam na quase solitária e *meia* arruinada Carteira.” [AH] (BECHARA, 2010, p. 426).

O especialista demonstra tolerância à variabilidade da língua. Destacamos o trecho em que isso ocorre: “Observe-se que a possibilidade de flexões é antiga na língua e, assim, não há razão para ser considerada errônea, como fazem alguns autores” (BECHARA, 2010, p. 427).

A nossa análise revela: há gramáticos que defendem a invariabilidade de *meio*, embora reconheçam a possibilidade da variação. Pertencem a esse grupo Nunes (1935) e Bueno (1944). Este último usa “atração sintática” para nomear a possível flexão. Em outro grupo estão aqueles

que também admitem a variação, mas deixam transparecer certa estranheza diante desse fenômeno, a julgar pelos termos que empregam para caracterizá-lo. São dessa opinião Sequeira (1954), com “irregularidade sintática”, Said Ali (1964) e Silveira, com “anomalia”. Há ainda os que dão importância inferior ao que pode denotar erro, como ocorre com Bechara (2010), ou procuram no contexto a explicação para uma situação ou outra, como é o caso de Almeida (1996) e (2005). Não obstante o silêncio sobre a flexão, Cunha (1971) e (1986), de certo modo, deixa transparecer a sua opinião, como vimos nos exemplos acima. Uma atitude é comum a todos os gramáticos: reconhecer a variação linguística. A maioria deles, Nunes (1935), Bueno (1944), Said Ali (1964) e Almeida (2005), alicerça seus argumentos com citações de poetas renomados como Machado de Assis, Garrett, Herculano, Gonçalves Dias e Camões, o favoritas citações.

Nesta subseção, tal qual a anterior, em que percorremos os dicionários, realizamos uma “viagem” diacrônica, agora, sob outra perspectiva, o olhar das gramáticas da Língua Portuguesa. Dicionários e gramáticas normativas são, em princípio, veículos de naturezas diversas entre si, apesar disso, a variabilidade-invariabilidade de *meio* é um ponto de interseção entre eles.

Nas gramáticas da Língua Portuguesa que trouxemos à baila, o debate circunda exclusivamente a matéria variabilidade/invariabilidade de *meio*. Nos dicionários, não obstante a atenção dirigida quase que exclusivamente a definições e à classificação gramatical, por conta da própria natureza dessa modalidade de obra, há uma grande preocupação em apontar o uso de *meio*, principalmente na função de advérbio. Possivelmente, isso decorre das diversas opiniões nos estudos da língua e das regras preconizadas pela gramática normativa.

A maioria dos dicionaristas, uns de forma mais sutil, outros nem tanto, tratam desse assunto, segundo mostramos. O *Vocabulario Portuguez e Latino* (BLUTEAU, 1728) traz “*meyocorrida*” (falando em hũa cortina); O *Diccionario da Lingua Portugueza* (SILVA, 1789), “*meio mortos*” e “as casas *meias* queimadas”; O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (JUCÁ FILHO, 1963), “*meio enterrada*, já *meia* adormecida, “E a trouxeram *meia* morta”, uns caem *meios* mortos”; O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (AULETE, 1964), “*meio abatidos*”; O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (MACHADO, 1967), : “*mea* talega” e “*meios* as outras aves...”; O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2009), “a cabeça do Rubião *meia* inclinada”, “casou *meia* defunta”, “sempre nua ou *meia* despida” e “Uns caem *meios* mortos”; O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), “uma tarefa *meio* acabada”; O *Guia de uso do Português: confrontando regras e usos* (NEVES, 2012), “eu estava

*meio*indisposta”, “Os óculos de lentes já *meio* fracas”, “*meia* laranja”, “*meio* pão”, “*meia* banana”, “*meio* copo de leite” e “*meio* ovo”.

Uma vez estabelecido esse paralelo, verificaremos o olhar daqueles que se dedicam ao estudo e ao ensino de línguas: os linguistas.

3.3 O OLHAR DE LINGUISTAS

Na análise do fenômeno linguístico em questão, decidimos que não poderia faltar um elemento considerado essencial: a opinião dos linguistas. Na academia, encontramos duas pesquisas voltadas ao elemento *meio*:

a) *Usos do advérbio meio – modalização e flexão*, de Ivone Silva Nóbrega (2007), uma dissertação de Mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF);

b) *Correlação entre gramaticalização e movimentação social – estudo do item meio na cidade de São Paulo*, de Priscilla de Almeida Nogueira (2009).

Para compor esta subseção, selecionamos também o parecer de um linguista dedicado não apenas ao estudo, mas também ao ensino de línguas. Marcos Bagno (2009), em *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*, traz uma análise que engrossa a discussão ora proposta. Caminhemos, portanto, em direção ao modo de ver dos três especialistas:

Em *Usos do advérbio meio – modalização e flexão*, Nóbrega (2007) tem como objetivo, à luz de uma abordagem funcional da língua, estudar o fenômeno de flexão do advérbio *meio* na língua portuguesa, os fatores que o motivam, o contexto em que ocorre e sua relação com determinados aspectos ligados à modalização.

Serviram de material para a análise linguística dois *Corpora*: um da modalidade oral do português contemporâneo e outro da modalidade escrita, representativo de diversas sincronias da língua. O primeiro *corpus* contempla dados retirados do acervo do grupo PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os dados do segundo *corpus* foram colhidos de textos do Português dos séculos XIV ao XX (NÓBREGA, 2007, p. 40). São hipóteses da pesquisadora:

- a) Existe uma construção predicativa do tipo substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino) que motiva a flexão do advérbio *meio*;
- b) Essa construção pode apresentar diferentes graus de integração de seus elementos;
- c) Essa construção predicativa não demonstra estar diretamente relacionada a alguma sincronia específica, podendo ser encontrada em outras sincronias da língua, sempre que o contexto oferecer a condição necessária para tal;
- d) O item

linguístico *meio* está envolvido em um contexto marcado pela modalização da informação e esse contexto se apresenta como facilitador da flexão; e) a situação de modalização/subjetivação é marcada pela presença de determinado recurso linguístico (NÓBREGA, 2007, p. 15-16).

De acordo com a linguista (2007), a investigação aponta:

A existência de uma construção predicativa (CP) – Substantivo (feminino) = *meia* = adjetivo) feminina motivadora da flexão do advérbio *meio*; a inserção de determinados recursos linguísticos em determinadas CPs apontam para um contexto marcado pela modalização da informação. A própria inserção da informação em si pode ser vista como uma estratégia que expressa uma atitude do enunciador perante o enunciado; a CP não está diretamente relacionada a alguma sincronia específica, a algum tipo ou gênero textual ou mesmo à modalização oral ou escrita da língua (NÓBREGA, 2007, p. 75).

O resultado da pesquisa vaiem favor do que indicaram alguns gramáticos, como Nunes (1935) e Bueno (1944), os quais encontraram na “atração sintática” a justificativa para a flexão *demeio*. A percepção do item linguístico no funcionamento discursivo-textual é o que distingue o ponto de vista de Nóbrega (2007) do dos gramáticos. Nas observações de Nóbrega (2007), na construção predicativa, a presença do verbo, o adjetivo referindo-se ao sujeito enunciador *eu* e a inserção de informações entre os elementos motivam a flexão do advérbio *meio*, levando em consideração aquilo que está mentalmente, mas nem sempre estruturalmente junto. Segundo essa pesquisadora, a inserção de determinados recursos linguísticos aponta para um contexto marcado pela modalização da informação. Considera-se a presença do sujeito no discurso e as estruturas linguísticas têm as seguintes características: servem a funções comunicativas; não são arbitrárias, mas motivadas; são maleáveis e flexíveis.

Em *Correlação entre gramaticalização e movimentação social – estudo do item meio na cidade de São Paulo*, Nogueira (2008) investiga o processo de Gramaticalização de *meio* no Português Culto falado na cidade de São Paulo (*Corpus PHPP*, 2004). Sua hipótese é de que o adulto continua empreendendo inovação linguística, guiado pela gramaticalização.

Em uma amostra do tipo tendência, a pesquisadora examina se a gramática de indivíduos adultos cultos pode se alterar em decorrência dos contatos estabelecidos socialmente. Constituem a metodologia desse trabalho: realizar um tratamento quantitativo, seguido de um tratamento qualitativo das diferenças de propriedades identificadas nos dados; consultar as acepções da palavra *meio* listadas nos dicionários Houaiss e Villar (2001) e no Novo Aurélio (1999); estudar a evolução histórica do item *meio*, sua etimologia e registro lexicográfico em épocas distintas.

No *Corpus PHPP*, a pesquisadora encontra treze padrões funcionais de *demeio*, de acordo com as acepções dos dicionários Houaiss e Villar (2001) e do Novo Aurélio (1999) e, ao observar a sequência das categorias cognitivas pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade, constata que a categoria mais frequente, a qualidade, é a mais gramaticalizada. Esse resultado, segundo Nogueira (2008), é fruto das ocorrências em que o item *meio* modifica adjetivos e verbos.

Nas sentenças analisadas, a pesquisadora afirma ter encontrado as locuções *meio que* e *meio a*. Tais ocorrências, como atesta Nogueira (2008) e pudemos comprovar na seção 3, não constam nos dicionários, que “seguem os modelos descritivos amplamente abarcados pelo ensino normativo” (NOGUEIRA, 2008, p. 17). A inovação “diz respeito à intenção do indivíduo de sempre inovar, atribuindo novos sentidos a formas velhas, guiado por leis de convivência, de grupo social, como por exemplo, faixa etária, de regras sociais” (NOGUEIRA, 2008).

A investigação de Nogueira (2008) dialoga com a de Nóbrega (2007), na medida em que reconhece a presença da subjetividade no discurso, em que o falante assinala seu enunciado para indicar sua relação com o conteúdo (modalização), e com a nossa própria pesquisa, porque analisa o surgimento de *demeio que*, expressão de valor discursivo-pragmático, que denota a intenção do indivíduo de sempre inovar na língua (princípio Funcionalista voltado para a gramaticalização), motivado por fatores inerentes aos sistemas linguístico e extralinguísticos (princípios previstos na teoria Sociolinguística).

Em *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*, Marcos Bagno (2009) adverte que o uso deve ditar o que de fato é aceitável ou não na língua. Entre os usos plausíveis, o linguista destaca a variabilidade de *meio*, principalmente no feminino, como em “Marta está *meia* desconfiada da sinceridade de Júlio”. Bagno (2009) assim defende essa flexão:

Como a tradição gramatical diz que os advérbios são palavras invariáveis, e como tanta gente acha que a gramática normativa é a transcrição do que alguma divindade misteriosa ditou, então o uso variável de *meio* é um “atentado”, um “pecado”. Aqui aparece muito claramente uma das maiores contradições da doutrina gramatical. Durante séculos a fio, desde os gramáticos gregos e latinos na verdade, a gente ouve a conversa de que para se “escrever bem” é preciso se mirar no exemplo dos “clássicos”, dos “grandes escritores” da língua. De fato, a expressão “imitação dos clássicos” vigorou (e para alguns deveria continuar vigorando) por centenas de anos no ensino das línguas (BAGNO, 2009, p. 241).

O linguista alega: “Ora, se é para a gente imitar os “clássicos”, nada mais “clássico” do que o uso do advérbio *meio* flexionado” (BAGNO, 2009, p. 241). E reporta-se ao *Dicionário Aurélio Século XXI*, que menciona Camões, Machado e Eça de Queirós, para indagar:

E agora, como ficamos? É ou não é para “imitar os clássicos”? Ou será que vão me dizer que Camões, Machado e Eça cometeram “erros”? Ou que eles não são “clássicos” (então, quem será)? Ah, já sei... É a famosa “licença poética”! Pois é, tem gente que recorre ao argumento frouxo de que o escritor tem “licença” para transgredir a norma e que só pode fazer isso porque “conhece muito bem a língua culta”. Me lembro de quando era criança e muitos professores tentavam nos fazer acreditar nessa lorota. Essa é uma alegação que supervaloriza o escritor e, ao mesmo tempo, superdesvaloriza o falante comum da língua, como se entre os dois tivesse um abismo intransponível. Mas isso é, repito, uma grande lorota. Se o escritor usa essas formas supostamente “erradas”, não é porque ele é um ser sobrenatural, acima do bem e do mal, que pode fazer tudo o que quiser, mas simplesmente porque ele sabe que essas formas encontram respaldo no conhecimento intuitivo que seus leitores têm da língua, língua que é comum a ele e a eles (BAGNO, 2009, p. 241).

A flexibilidade existente em outras línguas é um segundo recurso para convencer da possibilidade de flexão de gênero e número de palavras classificadas como advérbio. Eis a alegação: “Em Espanhol também é comum a flexão de *media* (o nosso “meia”) no feminino, mesmo quando é advérbio. O fenômeno é o mesmo: concordância por atração” (BAGNO, 2009, p. 241-242).

A divisão entre adjetivos e advérbios é, na opinião de Bagno (2009), uma convenção arbitrária, uma divisão clássica, herdada dos gregos e dos latinos, que não corresponde integralmente à realidade do funcionamento da língua, já que as palavras dessas duas classes exercem a mesma função, “qualificar ou modificar” outras palavras. A língua alemã, na qual adjetivos e advérbios recebem um mesmo nome “Eigenschaftswort” que quer dizer “palavra-qualidade”, compõe o terceiro argumento do linguista, que declara: “os falantes, como bons gramáticos intuitivos que são, deixam de lado essas distinções e expressam o que sua boa intuição linguística lhes dita” (BAGNO, 2009, p. 242).

Manifestando senso de justiça quanto aos casos que se enquadrariam na mesma categoria de “erro”, Bagno (2009) menciona o uso variável de *todo*, quando esse vocábulo é um advérbio:

Afinal, se não podemos dizer “janela *meia* aberta” também não poderíamos dizer “janela *toda* aberta”. Ora, o *toda* aqui equivale a *totalmente*: “janela *totalmente* aberta”, sendo portanto um advérbio, e o “lógico” seria dizer: “janela *todo* aberta”. Por que é que ninguém reclama desse uso? Por que dois pesos e duas medidas para o mesmo suposto “erro” gramatical? (BAGNO, 2009, p. 244).

Com tal observação, Bagno (2009) retoma um ponto da discussão de Sequeira (1954). Ao contrário deste, que acredita haver uma diferença de sentido entre “as casas estão *todo*

arruinadas” e “as casas estão *todas* arruinadas”, bem como entre “a casa está *toda* arruinada”, “a casa está *meio* arruinada” e “a casa está *meia* arruinada”, Bagno (2009) direciona seu juízo na questão do preconceito linguístico. Vejamos:

Uma coisa que sempre me intriga no trabalho dos puristas é que eles invariavelmente batem nas mesmas teclas e deixam de fora outros casos que se enquadrariam na mesma categoria de “erro”. A condenação do uso variável de *meio* aparece em tudo que é coluna de jornal sobre língua, livros do tipo “mil erros a evitar”, livros didáticos etc., apesar dele estar registrado na língua há mais de quinhentos anos. Mas nunca vejo o mesmo tratamento ser dado ao uso variável de *todo*, quando funciona como advérbio. Afinal, se não podemos dizer “janela *meia* aberta” também não poderíamos dizer “janela *toda* aberta”. Ora, o *toda* aqui equivale a *totalmente*: “janela *totalmente* aberta”, sendo portanto um advérbio, e o “lógico” seria dizer: “janela *todo* aberta”. Por que é que ninguém reclama desse uso? Por que dois pesos e duas medidas para o mesmo suposto “erro” gramatical? (BAGNO, 2009, p. 244).

Esse autor conclui a sua defesa imputando a responsabilidade pela omissão aos lexicógrafos: “O Houaiss admite *toda* e não admite *meio*, o Aurélio admite *meia* e não admite *toda*” (BAGNO, 2009, p. 244).

Ao atribuir ao uso (implicitamente, ao falante) o poder para ditar o que de fato é aceitável ou não na língua, sem reduzir a discussão a questões simplistas, como o que é considerado certo ou errado, a teoria de Bagno (2009) conversa com a de Nóbrega (2007) e Nogueira (2008) no tocante ao emprego efetivo da língua, à importância de estudar a língua em funcionamento. Essa é a opinião dessas duas últimas pesquisadoras, de base Funcionalista, e se opõe à atitude, por exemplo, da gramática normativa e dos dicionários, como mostramos.

Com uma apresentação abreviada das pesquisas de Nóbrega (2007) e Nogueira (2008), bem como do ponto de vista de Bagno (2009), concluímos a terceira parte da análise proposta neste estudo. Nossa missão agora é mostrar o tratamento que os livros didáticos dispensam a *meio*. Na próxima subseção, cuidaremos dessa atividade.

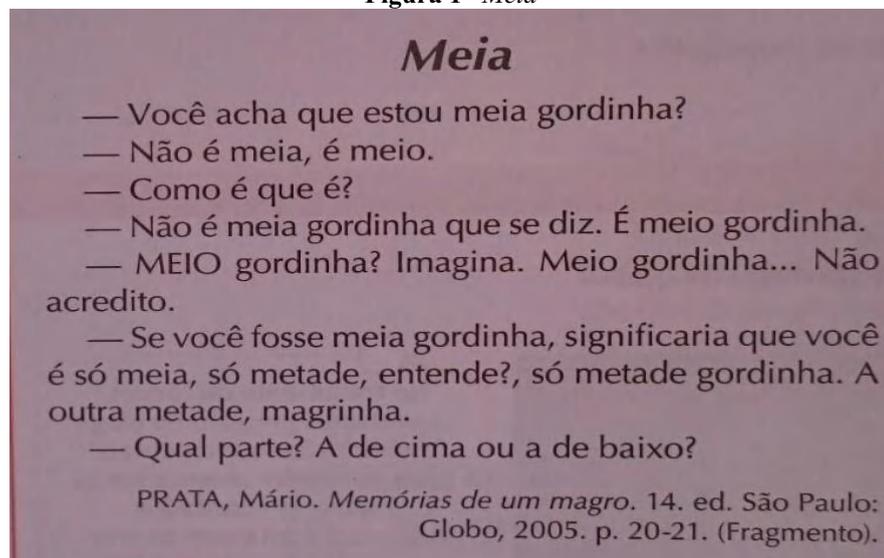
3.4 UM ÚNICO *MEIO* NO CAMINHO

Na investigação dos usos e do processo de gramaticalização do item linguístico *meio*, julgamos e consideramos importante observar, também, de que forma autores de livros didáticos propõem o emprego do item *meio*. Em ordem cronológica, apresentamos as publicações:

- a) *Português, contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre et al. (2008);
- b) *Gramática Texto: análise e construção de sentido*, também de Abaurre et al. (2010);
- c) *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*, de Cereja e Magalhães (2011);
- d) *Gramática em textos*, de Leila Lauer Sarmiento (2012).

Em *Português, contexto, interlocução e sentido*, Abaurre et al. (2008) lançam mão do texto “*meia*”, do escritor Mário Prata, para abordar a invariabilidade de *meio*. Trata-se de um diálogo entre duas pessoas, uma certamente do sexo feminino.

Figura 1 –Meia

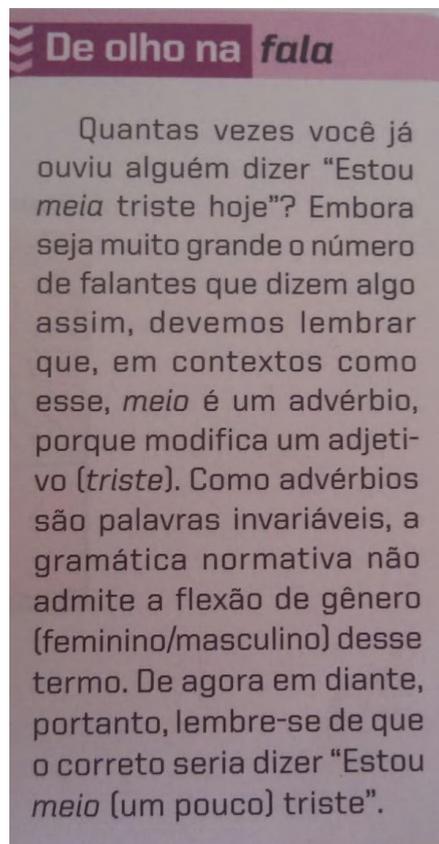


Fonte: Abaurre et al.(2008, p. 472).

De forma bastante humorística, Mário Prata mostra o desconhecimento de uma das falantes quanto ao que preconizam as gramáticas tradicionais no que se refere à invariabilidade de *meio* (advérbio) antes de adjetivo feminino. Não obstante a histórica e polêmica dúvida entre *meio* e *meia*, a graça do texto reside no fato de não fazer parte do vernáculo da primeira falante a possibilidade de uma construção como [estou + *meio* + gordinha]. A outra tenta explicar que ela está equivocada, e diz: “Se você fosse *meia* gordinha, significaria só metade gordinha”. Como existe uma dificuldade de cunholinguístico no diálogo, pode ficar subentendido, portanto, que a segunda falante afirma que a outra pessoa é uma “gordinha por inteiro”.

Na *Gramática Texto: análise e construção de sentido*, também de Abaurre et al. (2010), *meio* aparece na lista dos advérbios de intensidade. É feito um destaque especial com essa palavra. A seção *De olho na fala* (ABAURRE et al., 2010, p. 333) propõe fazer uma advertência:

Figura 2 – De olho na fala



Fonte: Abaurre et al.(2010, p.333).

No destaque, alguns detalhes chamam atenção. O trecho “Quantas vezes você já ouviu alguém dizer Estou *meia* triste hoje?” já revela indícios da grande frequência da variabilidade do advérbio em construções como [falante do sexo feminino + *meio* + adjetivo]. As próprias autoras reconhecem esse fato quando respondem: “Embora seja muito grande o número de falantes que dizem algo assim”. O apelo “Devemos lembrar” sugere a obrigação de o leitor saber falar a língua ensinada na escola, a variedade padrão. Tal “imposição” parte daquela que prescreve as normas do bem falar e escrever “[...] a gramática normativa não admite [...]”. A parte final, “De agora em diante, portanto, lembre-se de que o correto seria dizer Estou *meio* (um

pouco) triste”, reforça a importância da questão e parece funcionar como um marco no tempo, significa dizer que, a partir desse momento, os falantes terão a obrigação de obedecer ao que preceitua a gramática normativa.

Na *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*, de Cereja e Magalhães (2011), destaca-se a função sintática do advérbio e cita-se *meio* em um exemplo como adjunto adverbial de intensidade: *Meio tonta*, deixou-se cair na cama (CEREJA; MAGALHÃES, 2011, p. 181). Mais adiante, à pergunta “*Meio* ou *meia*?” seguem as regras que determinam os casos em que *meio* pode ser flexionado (como numeral) ou não (como advérbio). Ao lado, um exercício para testar os conhecimentos do estudante sobre o assunto em questão. Verifiquemos:

Figura 3 – *Meio* ou *meia*?

Reescreva as frases, completando-as com *meio* ou *meia*, conforme convier:

- A porta do camarim estava aberta e, por instantes, vimos a cantora se maquilhando.
- Não a incomode, pois hoje ele está triste.
- Era -dia e , quando o almoço foi servido.
- Para dar um sabor especial ao molho de salada, acrescente o suco de limão e colher de sobremesa de mostarda.

Meio ou meia?

O numeral *meio* (“metade de um”) é uma palavra variável, ou seja, flexiona-se em gênero. Veja:

Tomei *meio* copo de refrigerante, e ela, *meia* xícara de leite.

Suas aulas iniciam-se *meio*-dia e *meia*. (meia hora)

Já o advérbio *meio* (“um tanto, não inteiramente, quase”) é invariável, isto é, não admite flexão.

Assim:

Maria está *meio* aborrecida hoje.

Fonte: Cereja e Magalhães(2011, p. 184).

Cereja e Magalhães (2011) trazem o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade na seção *O advérbio na construção do texto*, certamente como pretexto para o estudo do item linguístico *meio*, que reaparece, em seguida, na classe dos advérbios e as locuções adverbiais. Duas questões tratam de *meio*, como podemos observar:

Figura 4

- A classe dos advérbios e locuções adverbiais desempenha um papel de destaque na construção do poema.
 - Identifique alguns advérbios e locuções adverbiais.
 - Qual destes valores semânticos a expressão *no meio do caminho* tem: tempo, lugar, modo ou causa?

Fonte: Cereja e Magalhães (2011).

Em *Gramática em textos*, de Leila Lauer Sarmiento (2012), *meio* aparece no quadro “Emprego dos advérbios”. A seção cuida da classificação tradicional, segundo a qual esse elemento pode assumir, ora a função de advérbio, quando não se flexiona, ora a de numeral, quando se indica a flexão. A norma é esta:

Figura 5

5. As palavras *meio*, *bastante*, *pouco* e *muito* funcionam como advérbios quando são seguidas de adjetivos e, portanto, não se flexionam. Quando seguidas de substantivo, funcionam como adjetivos, pronomes ou numerais, conforme o contexto, ocorrendo, portanto, sua flexão.

As crianças começaram a ficar meio agitadas.

advérbio adjetivo

Os condôminos parecem bastante preocupados com a situação.

advérbio adjetivo

Escolheu meias palavras para o agradecimento.

numeral substantivo

Havia ainda bastantes dúvidas quanto ao caso.

pronome indefinido substantivo

Fonte: Sarmiento(2012, p. 301) .

Mais adiante, na parte final do capítulo, novamente a regra:

Figura 6

- *Meio*, *bastante*, *pouco* e *muito* são advérbios quando seguidos de adjetivos; podem funcionar como adjetivo, pronome ou numeral quando seguidos de substantivo.

A cidade estava meio abandonada. (advérbio)

Nesta cidade há bastantes lojas. (numeral)

- *Só*, equivalendo a *somente*, não se flexiona: *Só voltaremos à noite.*

- Numa sequência, emprega-se o sufixo *-mente* apenas no último advérbio: *Caminhava calma e silenciosamente.*

- Advérbios no diminutivo têm valor de superlativo: *Serviram o almoço rapidinho.*

- O advérbio pode ser repetido para expressar sentido superlativo: *Os sinos da igreja tocaram cedo, cedo.*

Fonte: Sarmiento (2012, p. 310).

Essa prática de estabelecer regras para o uso da língua e determinar o que não se deve usar, priorizando a variante linguística das pessoas cultas e dos bons escritores, faz com que acreditemos que “Há uma e somente uma língua correta e eficaz a todas as circunstâncias de interação, que se define como norma” (CAMACHO, 2003, p. 68).

As dicotomias correto e incorreto, certo e errado, com base apenas nas motivações sociais, servem, como aponta Camacho (2003, p. 68), para discriminar e selecionar formas sem

nenhum respaldo nos fatos da língua. Na verdade, diz ele, o choque na relação entre norma e variação linguística é aparentemente pedagógico e trata-se de uma questão social e linguística de acomodação das variações nos sistemas de comunicação. Nesse caso, “o modo como a língua é ensinada na escola pratica tradicionalmente o modelo da deficiência”, conforme assegura Camacho (2003, p. 69). Com base nesse modelo, a principal tarefa do ensino é substituir a variedade não padrão pela padrão.

Camacho (2003) acredita que, se a padronização linguística é uma imposição institucional em sociedades estratificadas, a escola deve adotar outra estratégia para trabalhar com as variedades. Ele sugere:

Cabe ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para perceber as diferenças de valor social entre elas e, depois, saber tirar vantagem dessa habilidade, selecionando a mais adequada conforme as exigências das circunstâncias do intercurso verbal (CAMACHO, 2003, p. 72).

Apesar disso, o modo como alguns autores de livros didáticos lidam com a variação linguística, no nosso caso, “*meio* ou *meia*”, leva-nos a acreditar em uma sutil discriminação da variedade não padrão. Apesar de o princípio da heterogeneidade da língua ser unanimidade entre os estudiosos da linguagem, vemos que, na prática da escola, a realidade é outra.

Não é nosso objetivo principal concentrar a discussão nos polos norma culta e norma popular e tecer longas críticas aos livros didáticos de Língua Portuguesa, pois isso extrapolaria o âmbito de nosso estudo. No entanto, uma vez fundamentados também nos princípios da Sociolinguística, e, tendo encontrado, nos livros didáticos em questão, indícios de conflito entre a variedade padrão e a variedade popular, para nós, é importante observar as consequências das propriedades da variação linguística no ensino formal e registrar o tratamento orientado por meio do livro didático no espaço escolar.

Feitas essas considerações, encerramos a primeira parte da nossa análise, para a qual nos serviram de fonte dicionários, gramáticas tradicionais, pesquisas e opiniões de linguistas e livros didáticos. Na seção que se segue, trataremos, na perspectiva do Sociofuncionalismo, da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo da gramaticalização de *meio* e do surgimento de *meio que*.

4 NO MEIO DO CAMINHO TINHA O MEIO QUE

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra(ANDRADE, 2015, p. 20).

Nesse poema, por meio de um recurso literário, a repetição, Drummond faz um jogo com a locução *no meio do caminho* e a palavra *pedra*. *No meio do caminho*, que pode ter o valor semântico tanto de espaço quanto de tempo, dá título e aparece várias vezes no texto. Nosso questionamento é: qual o efeito de *meio* e, por que, exatamente, *meio do caminho*? Teria o poema o mesmo sentido no caso de *No caminho tinha uma pedra*? Mais: *No meio do caminho* é uma frase feita que aparece no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789), manteve-se na língua, e também é comum no Português do Brasil atual. Além disso, teria *meio do caminho* do poema o mesmo sentido da categoria prevista em Silva (1789) “O lugar, ou parte entre os extremos, que dista deles igualmente: v.g. no *meio* do caminho”? A palavra *meio*, de fato, estaria delimitando espaço (ou tempo), ou é um recurso linguístico empregado para embelezar ainda mais a composição? De uma forma ou de outra, importa para nós o fato de Drummond tê-la incluído em sua obra, o que reforça a ideia das suas diversas possibilidades funcionais e um fato incontestável: a sua capacidade para formar locuções.

Seguindo os dicionaristas consultados, já em Bluteau (1728), destacam-se *de meyo a meyo* e *de por meyo*. Mais tarde, em Silva (1789), encontramos *tomar as coisas em meio*, *ter meio com alguma coisa*, *dar meio ao negocio*. *De meio a meio* e *de por meyo* reaparecem nesse dicionário.

Jucá Filho (1963) traz *a meio*, *em meio a*, *em meio de* e *neste em meio*. *Nem meio*, *meio por meio*, *deixar em meio*, *ganhar meio por meio*, *alcançado em meios* aparecem em Aulete (1964), que também conserva *de meio a meio*. Em Ferreira (2009), é a vez de *meio a meio* e *de meia*. Houaiss e Villar (2009) elegem *em meio a* para compor o rol de locuções do seu dicionário. Possivelmente, essas expressões compunham elementos que foram sendo introduzidos aos poucos na língua.

Prometendo “especial empenho em apresentar exemplificação bastante, senão de todas, pelo menos das mais representativas e das que houvermos por mais largamente usadas dos melhores padrões da linguagem castiça”, Schwab (1985) publica uma compilação de locuções adverbiais. Vinte e quatro delas têm como item fonte a forma *meio*. Algumas apresentam caráter inovador, outras são comuns ao vernáculo. Schwab (1985) traz de Aulete (1964) *neste em meio* e *nem meio*. Deste, de Bluteau (1728) e Silva (1789), *de meio a meio*. Mais de um século e meio separa a obra de Schwab (1985) do dicionário de Bluteau (1728). Nesse período, *de meio a meio* surgiu, ainda sem significação precisa, possivelmente como elemento inovador, licenciado por Lobo e Marinho (BLUTEAU, 1728, p. 476). A expressão percorreu por Silva (1789), com a significação “inteiramente”, teve o sentido expandido em Aulete (1964, p. 2562) e Schwab (1985, p. 156) “completamente, inteiramente, redondamente” e depois, possivelmente, desapareceu, já que não consta nos dicionários do Português do Brasil atual.

De meio a meio serve para mostrar a dinamicidade e fluidez da língua. Diante da criatividade e da facilidade para formular construções, o falante é capaz de, informalmente, implementar mudanças e incluir elementos na língua. Esses elementos podem ganhar propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas e, com o passar do tempo, podem, inclusive, desaparecer, “consequência de uma cristalização extrema” (CASTILHO, 2012, p. 138), como ocorre com *de meio a meio*. O exemplo serve, principalmente, para mostrarmos o fenômeno [*meio + que*]. O falante dispõe *demeio*, mas busca *meio que*, em que *meio*, adjungido a *que*, forma, por meio de um encadeamento, uma nova expressão.

A partícula *que* não é coadjuvante e exerce papel importante nessa estrutura. Por essa razão, já que falamos de *meio*, observamos a sua rota em dicionários, em gramáticas tradicionais, consultamos a opinião de linguistas e livros didáticos, julgamos necessário analisar também as propriedades de *que* na Língua Portuguesa, para que possamos melhor compreender a formação *demeio que*. Passemos a essa parte.

4.1 *QUE*: TRADIÇÕES E INOVAÇÕES

Para analisar o papel nada secundário do *que* na Língua Portuguesa, vamos, ainda que de maneira mais breve do que o modo como fizemos com *meio*, observar a etimologia, as classes

gramaticais, a formação de locuções, bem como as funções dessa palavra na língua. Começamos pela etimologia.

Etimologicamente, o então pronome *qui* podia exercer em Latim a função de pronome relativo e interrogativo e referia-se a nomes do gênero masculino, cujo correspondente feminino era *quae*. Posteriormente, o *qui* assumiu a designação dos dois gêneros e suplantou o feminino *quae*. Mais tarde, ele próprio desapareceu. O acusativo quem se fundiu com o neutro *quid* e formou o *que*.

Com base em Francisco da Silveira Bueno, José Perea Martins [197?] assim se refere a essa palavra “... verdadeira palavra mágica da nossa língua” (MARTINS, p. 11). A palavra *que* é um pronome substantivo relativo (com referência ao gênero neutro). Vem da forma *quod* (acusativo singular, tido como o caso lexicogênico). No Latim clássico e da decadência, “possuiu, além das formas substantivo relativo e conjunção, outras *que*, salvo exceções, equivaliam a: *quais* = pronomes interrogativos; *quam* = advérbios; *quod* e *quia* = conjunções” (MARTINS, [197?], p. 15-16).

Ainda que assuma a dificuldade de apreender as propriedades do *que* na língua, Martins [197?] lança *As 27 funções da palavra Que*. Vamos ao resumo dessas funções e respectivos exemplos:

- 1- Substantivo: “O quê é uma palavra mágica”.
- 2- Preposição Essencial: “Tenho *que* terminar este serviço hoje” (F. Fernandes)
- 3- Preposição acidental: “Outro livro *que* a Bíblia” (Buarque de Holanda)
- 4 – Adv.de intensidade: “Mas, *que* lindo está o dia!”
- 5- Advérbio de negação: “*Que* importa! Peri vencerá...”
- 6- Pronome substantivo indefinido: “*Que* fizeste, meu filho!”
- 7- Pronome substantivo interrogativo – Nessa condição, pode desempenhar as funções de: Sujeito: “*Que* aconteceu?” /Objeto direto: *Que* desejas?”/Objeto indireto: De *que* necessitas para o teu aperfeiçoamento?/Predicativo: “*Que* fui eu até hoje?” (M. Assis) /Complemento Nominal: “De *que* ele é perito?”/Predicativo objetivo: Julgaram-no *quê*?/Adjunto adverbial de fim: “Escreveste para *quê*?/Adjunto adverbial de meio: Divertiram-se com *quê*?/Adjunto adverbial de causa: Os professores discutiam por *quê*?
- 8 - Pronome adjetivo indefinido: “*Que* beleza vejo!”
- 9- Pronome adjetivo interrogativo: “*Que* poetas eu conversei na minha infância?” (Camilo)
- 10- Pronome substantivo relativo: E Prorrompeu num chorar silencioso *que* apiedava pedras.” (Camilo)
- 11- Pronome substantivo demonstrativo: “Ele portou-se mal, o *que* muito me contrariou” (E. Carlos Pereira)
- 12- Adjetivo: “A palavra *que* está mal escrita”
- 13- Conjunção coordenativa aditiva: “Outro, *que* não eu, poderá falar com mais frequência.” (C.Marques)
- 14- Conjunção coordenativa alternativa: “Irei a Santos, *chova que* não chova”. (Marques da Cruz)

- 15- Conjunção coordenativa adversativa: “De outras ovelhas cuidarei, que não de vós” (Garret)
 16- Conjunção coordenativa explicativa: “Não chores, meu filho, que a vida é luta renhida (G. Dias)
 17- Conjunção subordinativa temporal: “Há muito tempo que moro nesta casa (C. Pereira)
 18- Conjunção subordinativa condicional: “Que não soubesse as lições, não faria a prova”
 19- Conjunção subordinativa causal: “Não dei aulas ontem, que estava adoentado” (N.J. Campinhos)
 20- Conjunção subordinativa final: “Deitou-nos Deus a bênção que crescêsseis e multiplicásseis”. (Vieira)
 21- Conjunção subordinativa consecutiva: “Tanto furei que consegui chegar ao fim”. (Aulete)
 22- Conjunção subordinativa concessiva: Que seja ladrão, não podemos matá-lo. (J. N. de Melo)
 23- Conjunção subordinativa comparativa: Hoje choveu mais que ontem”.
 24- Conjunção subordinativa integrante: “Respondeu-lhe ele que Soares era inocente e nisto ficou” (Camilo)
 25- Conjunção subordinativa conformativa: “Fraco que é, preocupa-se ó com repouso”
 26- Interjeição: “Que! Vocês revoltam-se?!” (Marques da Cruz)
 27- Partícula expletiva: “Certamente que irei”.

Embora tenha elaborado essa extensa lista de definições, Martins [197?] afirma não ser uma tarefa fácil verificar as possibilidades de combinação sintagmática de *que* na Língua Portuguesa. São palavras dele: “Dum ponto ao outro, da sua nascença até sua forma atual, impossível seria descrever-se as formas pelas quais passou a palavra – que – em relação aos seus valores diversos, ricamente progressistas, até chegar à forma atual” (MARTINS, [197?], p. 15-16).

Também Bluteau (1728), abonado por citações de clássicos como Cícero, comenta:

Naõ he fácil reduzir a regras certas todos os modos de exprimir em Latim o *Que* Portuguez. Hum naõ sey *que*. Aquelle naõ sey *que*. São modos de falar, quando naõ podemos, ou naõ queremos expre[ss]ar claramente algũa coufa. Sinto naõ sey *que*, Sentio nefcio quid. Cicero diz Nefcio quis, Hum naõ sey quem (BLUTEAU, 1728, p. 32).

Assim, tal como *meio*, é grande o volume de expressões formadas com *que*. Na atualidade, essa palavra também se associa a outras para compornovas estruturas [*meio + que*], com a preposição [*fora + que*] e os verbos [*acaba + que*], [*tirando + que*] e [*vai + que*], para citar alguns exemplos. *Vai que* aparece em *Vai que dá certo* (Imagem Filmes, 2013) e *Vai que cola* (H2O, 2015), títulos de filmes brasileiros, e na linguagem jornalística. Recentemente, ouvimos de uma repórter: *Vai que* a empresa abre uma vaguinha (Michele Loreto, *Jornal Hoje*, em 07 de setembro de 2015).

No parecer de Said Ali (1964, p. 104), a partícula *que*, combinada com certos advérbios e alguns participios perde seu valor primitivo para dar origem a conjunções de nova espécie.

Tais são as temporais *antes que, depois que, sempre que*, as causais *visto que, já que*, as concessivas *ainda que, posto que, dado que* etc.

Ao abordar o processo de Gramaticalização, Neves (1997) menciona a existência de palavras funcionais originadas em palavras de conteúdo lexical e que constituem o que se poderia considerar “instâncias prototípicas da Gramaticalização”, e cita *visto que, uma vez que, posto que, se bem que, a não ser que, de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que*, como referências. Segundo a linguista, ocorreria, em expressões como essas, uma diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados, e conseqüente o aparecimento de formas híbridas. Nesse caso, “as formas tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e as características sintáticas próprias das categorias plenas” (NEVES, 1997, p. 120).

Em Bechara (2010), há inúmeros casos de locuções nas quais advérbios se unem ao transpositor relativo *que* e, com isso, têm o significado original alterado. São exemplos o *já* (temporal) e o *ainda* (também temporal), que assumem um papel diverso em locuções que formam orações subordinativas, como *já que* (causal ou condicional) e *ainda que* (concessiva).

Martins [197?] traz à discussão algumas expressões as quais ele denomina “interessantes”. Consideramos necessário destacá-las:

Fazer com que, com que então, não há de que, que é de?, é que, pois que, que tal, é outro que tal, qual o que!, só que!, que nem, de maneira que, eis que, até que, como que, quem quer que, como quer que seja, onde quer que, em que pese a, dar que falar, que também, do que (MARTINS, [197?], p. 17-25).

Foi com o objetivo de delinear rotas de gramaticalização no português e identificar usos inovadores que o Grupo de Pesquisa sobre Mudança Gramatical do Português, da Universidade de São Paulo (USP), coordenado pela professora e pesquisadora Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, criou, em 2006, o Projeto Rotas de gramaticalização no Português do Brasil: estruturas X-que no Português Culto. Consoante à pesquisa identificou

alguns exemplos do fenômeno X-que são as estruturas derivadas de verbos volitivos e estruturas inovadoras de caráter adverbial. Essas estruturas constituem cadeias sintáticas com valores ambíguos e são, algumas vezes, interpretadas como erros por professores. Há, entretanto, uma motivação discursivo-pragmática para a emergência desses usos e a combinação dos princípios propostos por Castilho (2004) associada a um método de controle frequencial híbrido constitui-se o caminho adequado para a descrição satisfatória dos deslizamentos funcionais, para a identificação dos gatilhos discursivo-pragmáticos e para o delineamento das rotas de gramaticalização de estruturas X-que no português.

Desse projeto, surgiram estudos para tratar da gramaticalização de advérbios de tempo (*sempre* e *ainda*), de deslizamentos funcionais de verbos [verbo + *que*], como [*tirar* + *que*], [*acabar* + *que*] e da expressão *meio que*.

As locuções citadas por Said Ali (1964), Neves (1997) e Bechara (2010) alocam-se no conjunto das orações subordinadas e, portanto, estão afiançadas pela gramatical tradicional. Das citadas por Martins [197?], a maioria é licenciada pelo sistema da Língua Portuguesa. De um modo ou de outro, unir palavras à partícula *que* indica ser, como vimos, um processo de domínio geral da língua e diz respeito à analogia e à metonímia, mecanismos dos quais falamos na subseção 2.4, ao tratarmos do processo de Gramaticalização. Voltaremos a esse assunto na próxima subseção, para compreendermos melhor o encadeamento na estrutura [*meio* + *que*].

4.2 A ESTRUTURA [MEIO + QUE]: ENCADEAMENTO E PROPRIEDADES

Na subseção anterior, mostramos que, na Língua Portuguesa, o falante dispõe de uma extensa lista de expressões combinadas com a partícula *que*. De um lado, estão aquelas abonadas pela gramatical tradicional, *antes que*, *visto que*, *ainda que* etc., de outro, as licenciadas pelo sistema da língua, *fora que*, *acaba que*, *tirandoque* etc.. Em todas, atuam a metáfora e a metonímia, às quais já nos reportamos na fundamentação teórica e das quais trataremos novamente.

A metáfora opera por meio da analogia, em que há uma transferência de um domínio conceptual para outro, mediante uma associação estabelecida entre tais domínios. Essa associação se concretiza quando um falante compõe uma estrutura, estabelecendo uma comparação com outras estruturas cujos processos de mudanças já ocorreram. Na prática, isso significa que o fato de o falante já dispor de um conjunto de expressões que têm a partícula *que* como base favorece as condições para o surgimento de outras ocorrências seguindo esse modelo.

A metonímia refere-se ao encadeamento de palavras (ou *chunking*), que é a relação cada vez mais fixa de duas ou mais palavras unidas sequencialmente na sentença. Essa relação ganha força à medida que essas palavras são empregadas na cadeia sintagmática. Quanto mais frequente a ocorrência, mais o processo é ativado. Cunha et al. (2013, p. 32) assim definem encadeamento:

O encadeamento é responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que frequentemente coocorrem. Do ponto

de vista linguístico, essas estruturas correspondem a construções e expressões formulaicas. Sequências repetidas são embaladas juntas em termos cognitivos, de modo que a sequência pode ser tomada como uma única unidade (CUNHA et al., 2013, p. 32).

Essa relação se constata na fórmula [*meio + que*], em que dois elementos de categorias sintáticas e domínios cognitivos distintos se encadeiam e, em função disso, passam a compor uma locução, uma única expressão que, “apesar de explícita, não se denota sua mescla” (SPAZIANI, 2008, p. 27).

Não existe uma teoria que dê conta da análise de *meio que*, construção que ocorre repetidas vezes entre os falantes da faixa I do *corpus* PCVC. Por ser uma incomum, não é tão fácil fazer uma análise morfossintático-semântica de *meio que*. Por ora, fica definido que se trata de uma “locução”. Vamos explicar por quê. Para locução, Bueno (1972, p. 686) adota dois conceitos que se adaptam perfeitamente a *meio que*. O primeiro, “reunião de palavras que equivale a uma só”, diz respeito ao encadeamento, do qual tratamos nos parágrafos anteriores. O segundo, “maneira especial de falar”, será o nosso assunto a partir deste momento.

Bueno (1972) prevê sete espécies de locução: adjetiva, adverbial, interjeicional, nominal, pronominal, verbal e conjuntiva. A princípio, acreditamos na possibilidade de esta última ser a que mais se aproximasse da nossa análise, por tratar de orações transpostas pela conjunção *que* (BUENO, 1972, p. 686).

Ao contrário do que imaginamos inicialmente, *meio que* não tem a função de locução conjuntiva, visto não conectar sentenças, mas é uma locução que funciona como articulador textual em contexto de modalização, responsável por estabelecer uma relação do falante com o conteúdo do enunciado. Tomemos as ocorrências:

- (1) [... a cidade ela fica *meio que* dentro de um... dentro de um buraco assim...] (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (2) [...ela é *meio que* assim um equilíbriozinho, sabe? entre o pai e a mãe...] (C.B.S., PCVC, I, F)

Nos fragmentos, temos duas informações. Em (1), uma cidade com uma localização desfavorável. Em (2), uma irmã que proporciona segurança à família. Ambas as afirmativas são feitas com reservas, com uma significação atenuada por meio do recurso *meio que*.

Analisado em Nogueira (2014), sob a designação “avaliação com certo grau de imprecisão” (p. 13), *meio que* teria um valor discursivo-pragmático associado à categoria cognitiva de qualidade e “funcionaria como um evidencial na situação comunicativa” (p. 13).

Como atenuador da informação, *meio que* desempenha uma função inversa à das orações clivadas em português. As clivadas são formadas com o auxílio do verbo *ser* mais um relativo, *que* ou *quem* (PERINI, 2010, p. 333), em contextos nos quais se quer destacar um constituinte. A construção “Foi Maria quem fez o bolo”, por exemplo, tem por objetivo dar um destaque à Maria. A frase simples seria “Maria fez o bolo”.

De outro modo, temos, também na Língua Portuguesa, a fórmula “mais que”. Anteposta a adjetivo, ela reforça o sentido da expressão à qual se refere, e equivale a “excessivamente”, “em demasia” (SAID ALI, 1964, p. 104). Assim, se dispomos de construções como “Um cometimento *mais que* ousado” ou “A dívida está *mais que* paga” (SAID ALI, 1964, p. 104), por analogia, podemos ter:

- (3) [... aí parto mais mesmo pra o pop rock e tal que ainda é algo *meio que* preservado...]
(C.B.S., PCVC, I, F)
- (4) Então, foi *meio que* induzida a entrar nesse caminho (L.C.S., PCVC, I, F)

Na variação a que ora nos referimos, o padrão é *meio que*, porque a “intenção do falante mantém-se em grande parte dentro do que é permitido pela língua ou pela tradição linguística” (COSERIU, 1979, p. 69), de forma que não dispomos de “*menos que* ousado”, “*menos que* paga”, “*menos que* preservado”, “*menos que* induzida”. Ademais, na construção *meio que*, o *que* não pode ser substituído por *qual*. Soaria estranho dizer “*mais qual*”, “*meio qual*”. Também não encontramos, em nenhuma das ocorrências, a substantivação “o *meio que*”, nem a variabilidade “*meia que*”, apesar de alguns contextos serem favorecedores:

- (5) ... foi [*meio*] *que* [induzida] a entrar nesse caminho, mas, é... foi uma... (L.C.S., PCVC, I, F)
- (6) ...[ela] é [*meio*] *que* assim um equilíbriozinho, sabe? entre o pai e a mãe... (C.B.S., PCVC, I, F)
- (7) ...[uma transição] [*meio*] *que* chocante (C.S.M.N., PCVC, I, M)

A língua oferece diversas possibilidades com a fórmula [*meio + que*]. Boa parte ocorre em contextos predicativos:

- (8) ... eu acho *meio que* [fútil] [isso]. (L.C.S., PCVC, I, F)
- (9) ... eu acredito *meio que* [fútil] [essa ideia] de copa do mundo. (L.C.S., PCVC, I, F)
- (10) ...é [algo] *meio que* [preservado] (C.B.S., PCVC, I, F)
- (11) tem... [um... aspecto] *meio que* [polêmico], alguns falam que criança não devem trabalhar (C.S.M.N., PCVC, I, M)
- (12) ... é *meio que* [controverso] [cobrar uma atitude justa dos governantes] (C.S.M.N., PCVC, I, M)

- (13) ... é até *meio que* [estranho] [a gente pensar que as leis que garantam...] (C.S.M.N., PCVC, I, M)
 (14) ... ter... [um olhar]*meio que* [de cautela] sobre tudo (C.S.M.N., PCVC, I, M)
 (15) ... [a FAINÓ] parecia *meio que* [um coleção] (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (16) ...[foi] *meio que* [um surto nervoso] (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (17) ... é *meio que* [sinônimo] [de cultura] (L.M.R.J., PCVC, I, M)

Meio que também goza de mobilidade nas orações e pode ocorrer, por exemplo, depois do sujeito, em frases (18), ou em orações declarativas (19), (20), (21), (22) e (23):

- (18) elas [*meio que*]... sei lá... (C.B.S., PCVC, I, F)
 (19) [a gente] *meio que* [esbarrou] ali (L.C.S., PCVC, I, F)
 (20) [o garoto] *meio que* [cuida] dele... meio que... (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (21) o velhinho ele [*meio que*]... ele dorme e... morre(L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (22) eu [*meio que*] me interessei pela música (L.C.S., PCVC, I, F)
 (23) você [*meio que*] tem sua autonomia (L.M.R.J., PCVC, I, M)

A fórmula pode ocorrer também depois de verbos que indicam sentimento (24), condição (25), sensação (26), ação (27) ou diligência (28), constituindo argumentos de predicados:

- (24) você [sente] *meio que* uma liberdade(L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (25) ela [fica] *meio que* dentro de um... dentro de um buraco assim, aí {risos}...(L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (26) ela [tinha] *meio que* uma coisa comigo (L.C.S., PCVC, I, M)
 (27) ele [vai] *meio que* relatano assim (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (28) ele [tenta] *meio que* dá um direcionamento pro... (L.M.R.J., PCVC, I, M)

Meio que pode, inclusive, servir de recurso expressivo para modificar orações, as quais não admitem a possibilidade de negação nem de interrogação.

- (29) [*meio que*]eu criei um pouco cada um. (L.C.S., PCVC, I, F)
 (30) [*meio que*] lhe tratam como adulto (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (31) [*meio que*] num tem um sentido muito grande na vida (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (32) porque [*meio que*] odiava bastante tudo aquilo que saísse ao metal (L.M.R.J., PCVC, I, M)
 (33) que [*meio que*] ajuda a cuidá dele, e chama... (L.M.R.J., PCVC, I, M)

Menos corrente, *meio que* aparece com (34) ou fazendo as vezes de (35) pronome relativo:

(34) Mas é uma certa brincadeira *que* [*meio que*] a criança fica ali isolada no seu mundo (L.C.S., PCVC, I, F)

(35) foi numa época [*meio que*]... eu ‘tava descobrindo a leitura. (L.C.S., PCVC, I, F)

Ou, no final de orações, indicando modo, reforçado por outro elemento modalizador:

(36) Aí eu fui deixando essa data [*meio*][*assim*][*que*] de lado (L.C.S., PCVC, I, F)

Nessa última ocorrência, o informante atenua a sua expressividade lançando mão também do *assim*. Coseriu (1979, p. 69) afirma que “para corresponder à sua necessidade expressiva, o falante pode recorrer a modos e elementos de outros sistemas”. No entorno do *meio que*, o *assim* é o termo mais recorrente, seguido de *certa*, *uma coisa* e outras estruturas, todas de sentido vago e impreciso. Foi o que identificamos nos trechos:

(37) [...] ela é [*meio que*] [*assim*] um equilíbriozinho, sabe? entre o pai e a mãe...[...] (C.B.S., PCVC, I, F)

(38) [...] é uma [*certa*] brincadeira, que [*meio que*] a criança fica ali isolada no seu mundo (L.C.S., PCVC, I, F)

(39) [...] essa professora ela tinha [*meio que*] [*uma coisa*] comigo, não sei... não posso dizer agora a palavra correta (L.C.S., PCVC, I, F)

(40) Esse livro pra mim, foi [*numa época*] [*meio que*]... eu ‘tava descobrindo a leitura. (L.C.S., PCVC, I, F)

(41) [...] como eu vou dizer elas [*meio que*]... [*sei lá*]... é como se [...] (C.B.S., PCVC, I, F)

(42) [...] parto mais mesmo pra o pop rock e tal que ainda é [*algo*] [*meio que*] preservado (C.B.S., PCVC, I, F)

Em algumas ocorrências, essa expressividade interrompe o encadeamento, como acontece em (43). Em outras, a alternância *meio que*, *um pouco* pode indicar hesitação (44):

(43) Aí eu fui deixando [*essa data*] [*meio*] [*assim*] [*que*] de lado, mas nada contra. (L.C.S., PCVC, I, F)

(44) e eu sou a mais velha de todos, então, [*meio que*]... eu criei [*um pouco*] cada um. (L.C.S., PCVC, I, F)

Para finalizarmos esta subseção, retomaremos uma classificação do vocábulo *que*, que se situa ou vem depois de todas as demais: partícula expletiva. Martins[197?] explica:

Vimos, até a enumeração anterior, todas as funções da palavra *que*. Agora vamos anotar seu emprego como palavra sem função, sem classificação, quer morfológica, quer sintática: Todas as vezes que a palavra *que* aparecer numa frase apenas para nela figurar como realce, sem qualquer outro valor, denominamo-la PARTÍCULA EXPLETIVA. Exemplos: Oh! *que* nesta idade de vida e de esperanças custa muito a morrer”. (A. Herculano). “Quase *que*

perdi a razão com tanto barulho”. “Certamente que irei” (MARTINS, [197?], p. 67-68).

E orienta: Para os casos de análise sintática em que ocorrer a partícula dita expletiva, “podemos anotar palavra de realce ou termo expletivo” (MARTINS, [197?], p. 68).

A ideia de puro realce desse elemento também aparece em algumas locuções conjuntivas, em que Bechara (2010) considera *oque* excessivo e cita exemplos nos quais *que* se une a advérbios: *enquanto que, apenas que, embora que, mal que*. Bechara (2010, p. 331) afirma que construções como essas são condenadas por puristas da língua, visto que os advérbios, “só por si funcionam como adjuntos adverbiais”.

Sobre “palavras expletivas” ou “de realce”, Said Ali (1951) apresenta a seguinte proposição:

Figuram muitas vezes no falar corrente, e em particular nos diálogos, palavras e frases que parecem de sobra nas proposições quando estas se analisam com os recursos usuais da gramática e da lógica. Todo o mundo as emprega espontaneamente, mas não a êsmo, e sim em determinadas condições. Não são desnecessárias. Basta tentar eliminá-las, para ver que as proposições se tornam mais vagas e falhas de certo intuito que temos em mente (SAID ALI, 1951, p. 48).

O filósofo fundamenta-se no que quer dizer *expletivo* (do latim *explere*) “Se a oração já está plena, como é que ainda vem mais enchimento?” (SAID ALI, 1951, p. 48) e admite que esse nome ajusta-se à sintaxe alemã, na qual o verbo da oração expositiva ocupa o segundo lugar, e o pronome neutro *es* vem preencher o primeiro lugar que se acha vago.

Quanto à explicação dos dicionários para a função das palavras expletivas “dar mais força, graça ou energia à expressão, mas que podem suprimir-se sem alterar o valor” (SAID ALI, 1951, p. 48), surge a advertência: “isto de dar força, graça ou energia será muito bom, mas são termos muito vagos, ainda não se definiu a diferença entre força e energia de expressão” (SAID ALI, 1951, p. 48). E a reflexão: “À restritiva “mas que podem suprimir-se sem alterar o valor...” seria necessário acrescentar “gramaticalmente falando”, pois, uma vez que se aumenta a força, graça ou energia, o valor da frase fica alterado” (SAID ALI, 1951, p. 48).

Em vez de palavras expletivas ou de realce, Said Ali (1951) recomenda:

Chamemos-lhes expressões de situação visto que não são frutos do acaso. Têm explicação; mas oferecem muitas dificuldades ao estudo. Fazem, ou fizeram, parte de pensamentos latentes. É preciso restaurá-los, restabelecê-los em palavras e então se verá como essas expressões de situação, expressões

restantes, vêm a figurar juntamente com as ideias e pensamentos que se enunciam regularmente (SAID ALI, 1951, p. 50).

Estabelecendo uma comunicação entre a teoria de Said Ali (1951) e a discussão do início desta subseção, podemos afirmar: as propriedades da palavra *meio* indicam um deslocamento de sentido, um estágio avançado de gramaticalização, tal como prevê o referencial teórico funcionalista. Essa expansão ocasionou *meio que*, do ponto de vista sintático, uma locução, do ponto de vista semântico, uma maneira especial de falar, cuja informação não contém uma ação concreta e precisa, mas uma hesitação, uma imprecisão, um valor aproximativo. Nas orações, *meio que* assume, ora o sentido de “um tanto”, um pouco, “em parte” (45) e (46), ora o de “quase” (47) e (48), em decorrência do contexto:

(45) se essas pessoas tá tendo essa atitude então é *meio que* controverso cobrar uma atitude justa dos governantes, (C.S.M.N., PCVC, I, M)

(46) um... aspecto *meio que* polêmico, alguns falam que criança não deve trabalhar (C.S.M.N., PCVC, I, M)

(47) Então, foi *meio que*, induzida a entrar nesse caminho, mas, é... foi uma... (L.C.S., PCVC, I, F)

(48) “[...] a gente *mei que* se entregou ali, um ao outro. (L.C.S., PCVC, I, F)

Se, do ponto de vista formal, haveria pouco acréscimo com a junção de [*meio + que*], do ponto de vista funcional, evidencia-se uma expressividade diferenciada por parte do falante no emprego dessa locução.

Tentamos, nesta subseção, esboçar alguns comentários sobre *meio que*. Consideramos essa uma tarefa importante, tendo em vista o silêncio da literatura. Feito isso, passemos à última parte, a análise daquilo que constitui a concretização da língua: a fala. A próxima seção trata, portanto, da análise Sociolinguística no interior dos *Corpora* PPVC e PCVC.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa vincula-se ao trabalho do Grupo de Estudos em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – UESB/CNPq. Nesse grupo, desenvolve-se o Projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, com cadastro no Certificado de apresentação para Apreciação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552, e de responsabilidade da pesquisadora Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa. Dentro desse Projeto, são realizadas pesquisas de diferentes fenômenos linguísticos no *Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista* e no *Corpus Português Culto de Vitória da Conquista*, algumas concluídas, outras em andamento, todas com o objetivo de investigar, em *Corpora* de Português Popular e/ou de Português Culto de comunidades de fala, itens linguísticos presentes em situações reais de uso e analisá-los, observando a sua origem etimológica e o uso prescrito pelos compêndios gramaticais.

Entre os estudos concluídos estão: *A variação linguística no uso da concordância verbal (CV) na terceira pessoa do plural ou P6*, de Danilo da Silva Santos Brito; *A concordância nominal de número no português popular do Brasil: estudo de variação e mudança no vernáculo conquistense*, de Maria Aparecida Souza Guimarães; *O fenômeno da variação na concordância nominal de número no português culto de Vitória da Conquista*, de Gilberto Almeida Meira; *A variação do modo subjuntivo: um estudo do português popular*, de Vânia Raquel Santos Amorim. Também concentraram a atenção na classe dos verbos, com o objetivo de identificar o processo de gramaticalização desses elementos, do ponto de vista morfossintático, semântico-pragmático e/ou discursivo, Sivonei Ribeiro Rocha, que investigou *o tempo verbal mais-que-perfeito simples e composto*, Milca Cerqueira Etinger Silva, que priorizou *o futuro do verbo ir*, e Luana Carvalho Coelho, *o verbo dar*. A descrição do comportamento e *Gramaticalização do item linguístico agora* foi o tema da pesquisa de Andréia Prado Lima.

Em andamento, temos as investigações: *Apreposição em e a variante ni na fala popular dos conquistenses*, de Evangeline Ferraz Cabral de Araújo, *a multifuncionalidade do pronome você*, de Warley José Campos Rocha, *A repetição na oralidade*, de Lorenna Oliveira dos Santos.

Ainda que analisem e descrevam diferentes fenômenos e construções linguísticas, os pesquisadores do grupo partem sempre dos componentes sintático, semântico e pragmático, considerando, ora a multifuncionalidade categorial, a frequência de uso, ora o processo de

gramaticalização para explicar dos itens em questão. Isso demonstra, portanto, as diversas possibilidades de estudo da teoria Sociolinguística e Funcionalismo norte-americano, o que permite a divulgação de muitos e novos conhecimentos.

Assim, seguindo os princípios teóricos (sócio)funcionalistas, estudamos os usos e gramaticalização de *meio* nos *Corpora* representativos da modalidade oral de Vitória da Conquista, *Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*.

Na revisão de literatura, fizemos um rastreamento em dicionários da Língua Portuguesa do Século XVIII ao XXI, nos quais verificamos, em uma perspectiva diacrônica, a classificação gramatical e as significações desse elemento segundo o contexto em que se apresenta. Dos dicionários, partimos em direção à prescrição tradicional. Escolhemos obras dos séculos XX e XXI para observar o que as gramáticas normativas, cuja responsabilidade é apresentar o conjunto de regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada, têm como obrigatório no emprego desse item linguístico. Identificamos pontos em comum entre o que propõem esses compêndios e os padrões encontrados nos dicionários.

Apresentar o olhar de linguistas e dos livros didáticos de Língua Portuguesa sobre o nosso objeto foi o encaminhamento metodológico seguinte adotado por nós para enriquecermos esse debate.

Para descrevermos, em uma perspectiva sincrônica, o padrão de comportamento de *meio*, optamos por analisar os dados de entrevistas do Português Popular (*Corpus PPVC*) e Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*).

As entrevistas foram aplicadas com base em um questionário elaborado pela nossa orientadora Prof^ª. Dr^ª. Valéria Viana Sousa. Foram entrevistados 48 informantes, 24 do *Corpus* Português Culto e 24 do *Corpus* Português Popular. Escolhemos, para este estudo, 24 amostras, 12 de cada um dos *Corpora*, abrangendo os seguintes polos: 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Quanto à faixa etária, 8 dos informantes têm entre 15 e 34 anos (faixa I), 8 entre 35 e 49 anos (faixa II) e 8 mais de 50 anos (faixa III).

Tomando por base a *Teoria da Variação Linguística* ou *Sociolinguística Quantitativa*, de Labov, fizemos um levantamento de dados da modalidade oral da língua, no intuito de descrever os fatores linguísticos e extralinguísticos de cada variante. Das variáveis linguísticas, controlamos *espaço*, *tempo*, *qualidade* e *texto*, as categorias gramaticais e o contexto favorável à ocorrência de *meio*. Das variáveis extralinguísticas, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Abaixo, seguem os quadros com os doze informantes de cada *corpus*.

Quadro 2 – Informantes do *corpus* Português Popular de Vitória da Conquista

Informante	Sexo	Idade
------------	------	-------

C.D.S.	F	31 anos
S.J.S.	F	33 anos
L.B.R.	M	17 anos
E.P.S.	M	22 anos
E.S.P.	F	38 anos
E.S.B.	F	41 anos
W.S.O.	M	41 anos
J.C.S.	M	42 anos
M.C.A.O.	F	75 anos
M.L.S.S.	F	74 anos
E.F.O.	M	72 anos
A.R.A.	M	81 anos

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 3 – Informantes do *corpus* Português Culto de Vitória da Conquista

Informante	Sexo	Idade
L.C.S.	F	20 anos
C.B.S.	F	21anos
C.S.M.N.	M	25 anos
L.M.R.J.	M	23 anos
A.S.A.	F	39 anos
E.S.F.	F	47 anos
R.F.V.	M	37 anos
H.F.D.S.	M	36 anos
A.I.R.M.	F	65 anos
S.S.R.S.	F	52 anos
P.A.R.C.	M	50 anos
D.A.O.	M	51 anos

Fonte: elaborado pela autora.

6 MEIO NOS CORPORA PPVC E PCVC: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Baseando-nos na Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Quantitativa de Labov, procedemos ao levantamento e investigação de *meio* no *Corpus* PPVC e no *Corpus* PCVC. Fizemos a correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, analisando os condicionantes internos e externos que favorecem os usos e agramaticalização dessa variável nos referidos *Corpora*.

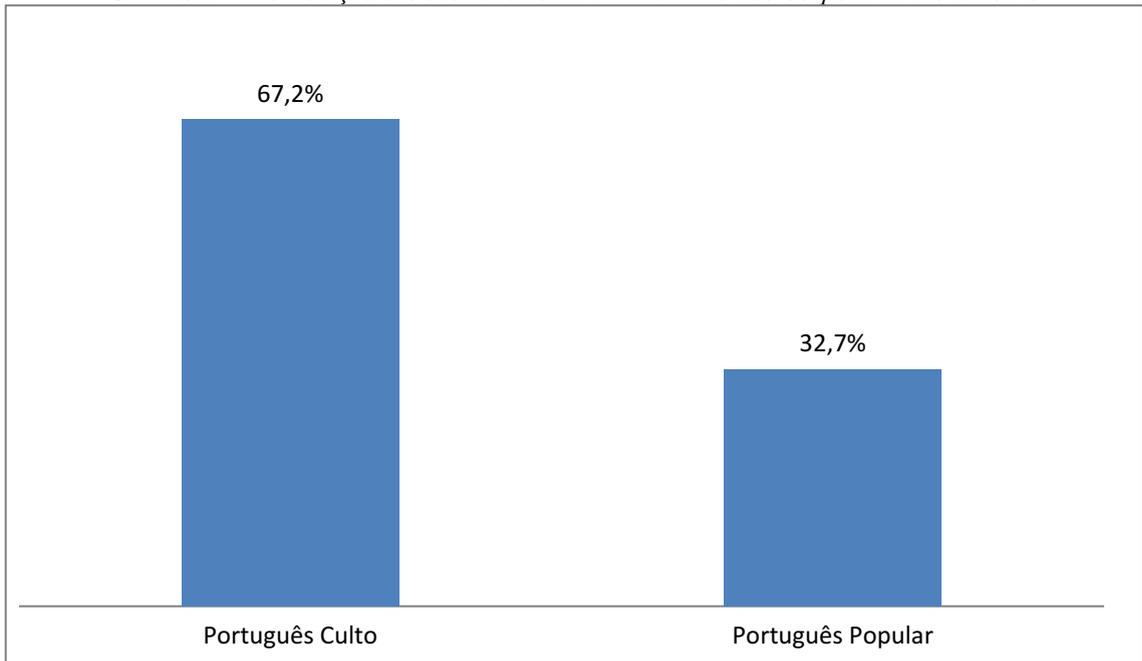
Selecionamos três variáveis linguísticas e três variáveis extralinguísticas. As variáveis linguísticas observadas serão (i) categorias cognitivas, (ii) categorias gramaticais e (iii) contexto favorável às categorias *qualidade* e *texto*. Nessa última variável, referimo-nos às características do entorno de *meio* e de *meio que*, ou seja, que recurso linguístico estaria associado à ocorrência dessas formas linguísticas. As variáveis extralinguísticas (i) *sexo*, (ii) *faixa etária* e (iii) *escolaridade*.

Das categorias cognitivas propostas por Heine et al. (1991) *pessoa>objeto>* processo *>espaço >tempo>qualidade*, controlaremos as mais gramaticais: *espaço*, *tempo* e *igualdade*. Às essas, acrescentamos a categoria *texto*. Nossa hipótese é de que a *qualidade* seja a mais relevante nessas *Corpora*, visto que *meio* passa por um processo de variação, do ponto de vista da Sociolinguística, e de gramaticalização, do ponto de vista do Funcionalismo. Esse elemento compõe estruturas mais abstratas, como as que indicam *qualidade* e *texto*, esta última na forma *meio que*.

Na análise das classes gramaticais, repetindo a fórmula das categorias cognitivas, supomos que o advérbio seja a classe predominante, por ser a mais abstratizada. Quanto à variável contexto favorável *ameio* e a *meio que*, nossa hipótese é de que a presença de itens linguísticos modais, principalmente o *assim*, cria condições para as categorias *qualidade* e *texto*. Passemos ao teste dessas hipóteses.

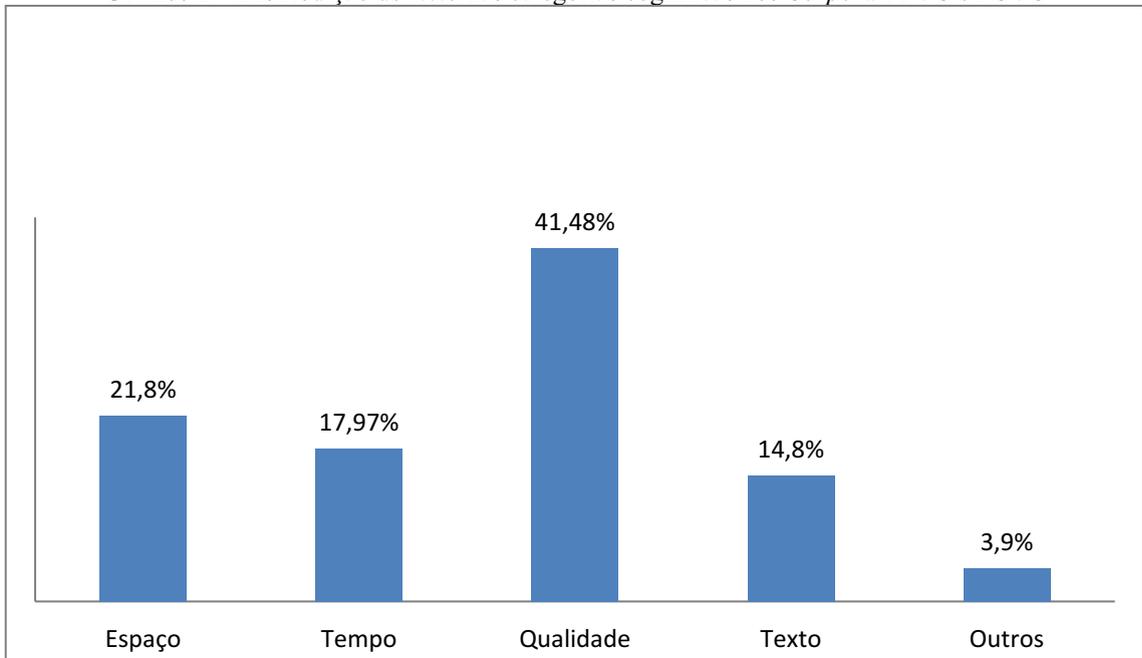
6.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Ao todo, foram identificadas 229 ocorrências da variável *meio*, 75 no *corpus* PPVC e 154 no *corpus* PCVC, conforme aponta o gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências da variável *meio* nos *Corpora* PPVC e PCVC

Fonte: Elaborado pela autora.

A distribuição da forma linguística *meio* nas categorias cognitivas *espaço* (50), *tempo* (41), *qualidade* (95), *texto* (34) e outros (9) ocorreu da seguinte forma:

Gráfico 2 – Distribuição de *meio* nas categorias cognitivas nos *Corpora* PPVC e PCVC

Fonte: Elaborado pela autora.

Nossa hipótese se confirmou, a categoria *qualidade* foi a mais relevante. Os dados apontam para o que Heine et al. (1991) denominam gramaticalização, uma “trajetória

translinguística” *espaço>tempo>qualidade>texto*, em que itens passam a assumir cada vez mais funções textuais, isto é, saem “das relações espaciais e temporais em direção ao mundo do discurso” (MARTELOTA, 2011, p. 84). Totalmente abstrata, essa categoria caracteriza-se, nas ocorrências, em função do advérbio *meio*, que, ora modifica verbos (49) ou adjetivos (50), ora o próprio advérbio (51).

(49) [...] eu comecei lá a fazer a barba dos cara lá, assim *mei'* ranhano cortando e fui [...] (E.F.O., PPVC, III, M).

(50) [...] Pra lembrá assim é *mei* complicado, mas já tive vários. (A.S.A., PCVC, II, M)

(51) Eu ‘tô *meio* assim distante dessa ideia de que o governo ‘tá investindo em... policiamento, em segurança. (L.C.S., PCVC, I, F)

A gramática normativa prescreve “As palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade, chamam-se advérbios” (CUNHA, 1971, p. 13). Menos tradicionais, Cereja e Magalhães (2011, p. 180) definem: “Advérbio é a palavra que indica as circunstâncias em que se dá a ação verbal”. E acrescentam que os advérbios de intensidade, que é o caso de *meio*, “podem acompanhar, além de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios” (p. 180).

Nos *Corpora*, encontramos *meio* com o sentido de *um pouco*, *um tanto*, modificando locuções verbais (52), orações (53) e (54) e substantivos (55), correspondendo ao advérbio *quase*:

(52) [...] a cidade fica *meio* a desejá (L.M.R.J., PCVC, I, M)

(53) [...] eu fico *meio* sem jeito (A.I.R.M., PCVC, III, F)

(54) [...] *mei'* sem sabêo que fazê (D.A.O., PCVC, III, M)

(55) [...] nesse tempo eu era tipo assim, *meia* criança (E.S.B., PPVC, II, F)

O sentido de *meio* aproxima-se, em outros trechos, do sentido do substantivo *tipo* (56), (57) e (58), indicando uma avaliação bastante imprecisa. Vemos, portanto, que a definição de advérbio estabelecida pelas gramáticas tradicionais não cobre todos os casos, naturalmente.

(56) [...] um estagiário, *meio daqueles metalêros* (L.M.R.J., PCVC, I, M)

(57) [...] era uma pessoa *meio de gente* que num existe mais, sabe? (A.I.R.M., PCVC, III, F)

(58) [...] Conquista já tá mais próximo de Minas então ach' que tem *meio* uma mescla (C.B.S., PCVC, I, F)

Meio também sinaliza hesitação e interrupção do pensamento (59):

(59) [...] cê entrava na sala assim [*mei*] ‘cê [...] (D.A.O., PCVC, III, M)

É na condição de advérbio que surge a polêmica em torno da flexão desse elemento. A discussão, conforme mostramos, é antiga e gera controvérsia entre estudiosos da língua. Nos *Corpora* PPVC e PCVC, verificamos o comportamento dos informantes diante do advérbio *meio* como predicativo. Nas vinte e quatro entrevistas, são quatro trechos em que a variabilidade ocorre:

(60) [...] tem horas que eu fico assim [*meia*] como se fosse tímida hum (S.S.R.S., PCVC, III, F)

(61) Entendeu? Me acho assim [*meia*] assim... [...] (S.S.R.S., PCVC, III, F)

(62) [...] tem uma natureza [*meia*] injuatinha (E.S.P., PPVC, II, F)

(63) [...] ficou assim [*meia*] tortinha, mas tá boa de trabaiá (M.C.A.O., PPVC, III, F)

A categoria *espaço*, segunda mais relevante nos *Corpora*, configura-se de forma bastante ampla. À exceção de [...] não ficou no corredor, *no meio do corredor* [...] (M.C.A.O., PPVC, III, F), que remete a um ambiente mais fechado, a preferência é por ambientes “mais abertos”, que podem conotar “liberdade”:

(64) [...] Ele chega *no meio do má* e aí ele joga o anzol (L.M.R.J., PCVC, I, M).

O *meio da rua* é, para alguns informantes, um ponto de referência (65):

(65) [...] Nor fica gritano *no meio da rua*, no0 vai de carro (L.B.R., PPVC, I, M)

Segundo Pontes (1992), quando tomamos um objeto maior ou, de algum modo, mais importante para nós, a tendência é considerá-lo primeiro nas suas dimensões vertical e horizontal (cima-baixo) e, por analogia, *meio*. “*Meio do mar*” e “*meio da rua*” constituem, portanto, espaços mais livres onde as pessoas se movimentam, partindo de um conceito mais concreto “*mar*” e “*rua*” em direção a um mais abstrato “*meio do mar*” e “*meio da rua*” que querem dizer “lugar acessível a todos, à disposição de todos; sítio exposto à vista de toda a gente” (MACHADO, 1967, p. 1533).

Além de *meio do mar* e *meio da rua*, outros espaços (66) e (67) parecem assegurar certa autonomia (68) e também maturidade (69) aos informantes:

(66) [...] quando você tá na UESB você sente *meio que* uma *liberdade* (L.M.R.J., PCVC, I, M)

(67) [...] no concreto *no meio da UESB* (L.M.R.J., PCVC, I, M)

(68) [...] porque você *meio que* tem sua *autonomia* (L.M.R.J., PCVC, I, M)

(69) [...] *meio que* lhe tratam como *adulto*, (L.M.R.J., PCVC, I, M)

Ameaça-se essa suposta “independência” quando se confronta o público com o privado (70):

(70) [...] a *FAINÓ* não, a *FAINÓ* parecia *meio que* um coleção e... onde todo mundo tinha que tomá conta do... de tudo (L.M.R.J., PCVC, I, M)

Espaços lúdicos (71), inconvenientes (72), distantes (73), religiosos (74), vagos (75), naturais (76) também se constroem com *meio*:

(71) As moça cantava roda, *entava no mei'*, né (A.R.A., PPVC, III, M)

(72) [...] tá *no meio das pessoa que num dev'*, né? (W.S.O., PPVC, II, M)

(73) [...] um clima bom já pá *aquele mei' de Anagé* Po... éh... (W.S.O., PPVC, II, M.)

(74) [...] pu0 que a gente tinha muito encontro *no meio de multidão* (M.C.A.O., PPVC, III, F)

(75) [...] e existem estilos bem bizarros *até nesse meio* (A.S.A., PCVC, II, F)

(76) Então, hoje a ideia em relação ao *meio ambiente* é muito ampla (L.C.S., PCVC, I, F)

Entre os informantes existe uma necessidade aparente de situar-se também no *tempo*. Essa é a terceira categoria mais representativa da variável linguística analisada. Para comentar um pouco essa questão, recorreremos novamente a Pontes (1992), para quem o *tempo* “é como uma linha, na qual o momento em que falamos é um ponto, a partir do qual projetamos o futuro à nossa frente e o passado às nossas costas” (p. 72). No trecho a seguir, *daqui* é utilizado como apoio para referenciar o momento da comunicação:

(77) *Daqui* um ano e *meio* mais ou menos (A.S.A., PCVC, II, F)

Constatamos que as expressões indicadoras de *tempo* sempre se associam a compromissos: trabalho (78), prova (79) e outros (80).

(78) E aí ela saía e só chegava umas *sete e meia*, oito hora, trabalhando (E.S.B., PPVC, II, F)

(79) Eh... eles começaram a prova *duas e meia da tarde* (L.M.R.J., PCVC, I, M)

(80) Semana eu fui no é Cema*mei-dia e meia* e saí cinco hora. (M.C.A.O., PPVC, III, F)

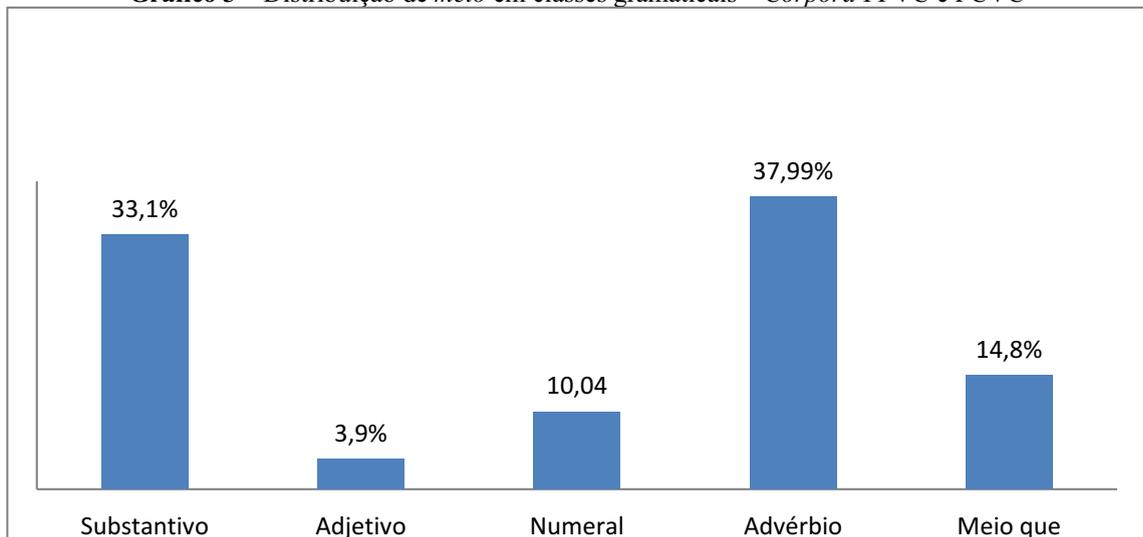
A categoria *texto*, a quarta mais frequente entre os informantes, refere-se a *meio que*, uma expressão considerada inovadora porque não está entre as que aparecem nos dicionários consultados. *Meio que* indica uma imprecisão na informação, em que o falante usa a expressividade, possivelmente para não se comprometer com o que está dizendo. Foi o que deduzimos do trecho:

(81) [...] tá tendo essa atitude então é *meio que* controverso cobrar uma atitude justa dos governantes [...] (C. S.M.N., PCVC, I, M)

Não vamos nos ocupar com essa categoria neste momento, tendo em vista a subseção 4.2, dedicada exclusivamente a explicar o fenômeno linguístico *meio que*.

Após analisarmos a primeira variável linguística, partiremos para a segunda, ocorrências das categorias gramaticais. Em números, temos: substantivo (76), adjetivo (9), numeral (23), advérbio (87) e *meio que* (32). Vejamos a distribuição desses dados no gráfico 3:

Gráfico 3 – Distribuição de *meio* em classes gramaticais – *Corpora* PPVC e PCVC



Fonte: Elaborado pela autora.

Confirmando a nossa hipótese, a classe dos advérbios, da qual falamos no controle da variável categorias cognitivas, é maioria nos *Corpora* em questão, com uma pequena margem de diferença em relação à dos substantivos. Nos *Corpora*, o substantivo *meio*, tal qual o advérbio, também é empregado “para designar conceitos mais abstratos e mais difíceis de serem conceptualizados” (MARTELOTTA, 1996, p. 106). Na maior parte das ocorrências, na

condição de substantivo, *meio* estende, ou melhor, abstratiza o conceito de espaço. No universo do texto, o substantivo *meio* referencia outro, *rua*.

(82)[...] moleque andando no *meio da rua* com revólver atirando no *mei' da rua*, né? (E.F.O., PPVC, III, M)

Essa relação se intensifica à medida que *meio* consegue estabelecer outras dimensões geográficas, bem mais abstratas. É o que vemos em (83):

(83) [...] eu num ten avechu de falá em qualquer lugar nu *meide de ricu, de pobre*, nu *meiude multidão* (M.C.A.O., PPVC, III, F)

Embora em menor número, as classes numeral e adjetivo também aparecem em alguns trechos dos *Corpora*. Como exemplos, temos *volta emeia* e *meiocaminho andado*, frases feitas, comuns no português do Brasil.

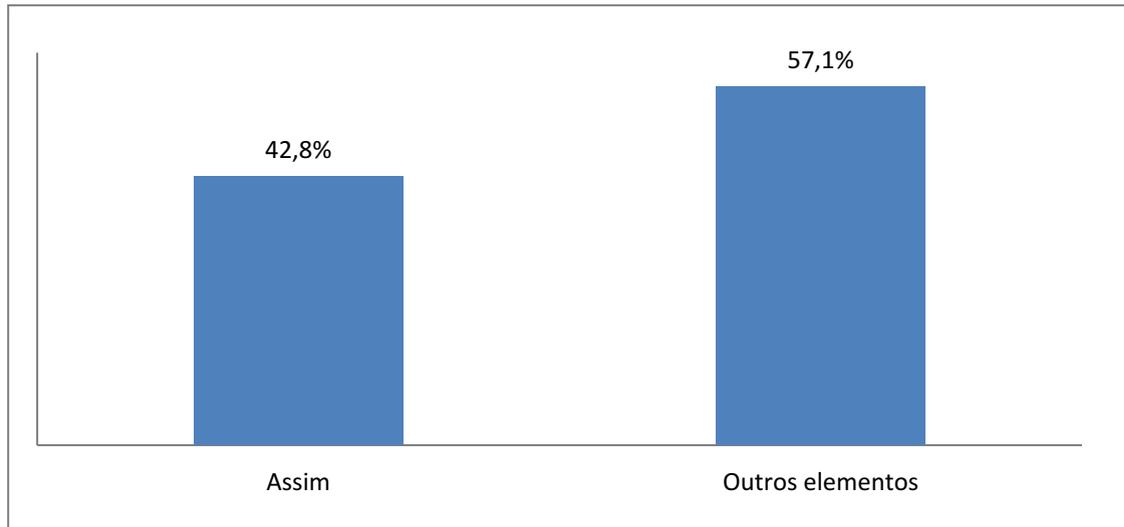
(84) *Volta emeia* acontece alguma coisa...(R.F.V., PCVC, II, M).

(85) [...] mas já tá *meicamimandado* (E.S.P., PPVC, II, F).

A primeira, com o sentido de *frequentemente*; a segunda, com a ideia de *quase completo ou quase realizado*, parece significar bem mais do que *metade*. Em ambas, *meio* abstrai-se e distancia-se do sentido previsto pela tradição gramatical. Na variável categoria gramatical, *meio que* foi a terceira mais citada:

(86) [...] tá tendo essa atitude então é *meio que* controverso cobrar uma atitude justa dos governantes [...] (C.S.M.N., PCVC, I, M).

Tratamos das propriedades dessa locução na subseção 4.2, motivo porque passaremos à análise da terceira variável linguística selecionada, em que pretendemos identificar que contexto linguístico favorece o surgimento da ocorrência *meio* nas categorias *qualidade* e *texto*. Averiguemos as informações:



Fonte: Elaborado pela autora.

Nas entrevistas, os termos que se posicionam em torno *demeio*, como *certa, uma coisa, um pouco, algo, sei lá*, ocupam, juntos, 57,1% do total de ocorrências (56). O item *assim* está presente em 42,8% dos registros. Esses percentuais confirmam nossa hipótese: uma grande produtividade de *[meio + assim]*. Além de *meio*, o informante lança mão de outros recursos linguísticos com sentidos vagos e imprecisos para abrandar a sua expressividade. A fala “Aí eu fui deixando essa data *[meio] [assim] [que]* de lado, mas nada contra. (L.C.S., PCVC, I, F), não contém uma ação concreta, do mesmo modo que (87):

(87) Esse livro pra mim foi [numa época] *[meio que]*... eu ‘tava descobrindo a leitura. (L.C.S., PCVC, I, F)

Em outros contextos, nos quais prevalecem categorias como *espaço* e *tempo*, por exemplo, essa imprecisão não ocorre, como podemos mostrar:

(88) Então, hoje a ideia em relação ao *meio* ambiente é muito ampla e tem muito recursos, (L.C.S., PCVC, I, F)

(89) Quando tem jogo aqui é *meia-noite* que desliga. (J.C.S., PPVC, II, M)

Ao funcionar como substantivo, adjetivo numeral ou advérbio, *meio* codifica valores que classificam o ambiente linguístico em categorias *espaço, tempo, qualidade, texto*. Essa palavra carrega, por conseguinte, a responsabilidade de estabelecer a relação entre as ideias e atribuir sentido às frases.

São os fatores internos (variáveis linguísticas) que acabamos de indicar também responsáveis pela heterogeneidade e variação da língua. Além desses, a Sociolinguística

encontra, em fatores externos como *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, possíveis grupos de condicionantes da língua. Passemos, portanto, à análise das variáveis extralinguísticas.

6.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Antes de nos determos nessas variáveis, destacaremos a importância de cada uma delas nas realizações linguísticas, pela ordem: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Em pesquisas sociolinguísticas, a variável *sexo* aparece como um dos fatores condicionantes de heterogeneidade linguística, indicando que mulheres e homens têm pronúncias, escolhem palavras e conduzem a conversa de maneiras distintas. Controlamos essa variável com o intuito de investigar a hipótese de que são os homens que utilizam as variantes inovadoras, mas são as mulheres que comandam o processo nos casos de mudança e apresentam uma tendência ao dialeto de prestígio, a depender da localidade onde residem e da atuação nas relações sociais.

A análise da faixa etária em relação à língua pode fornecer elementos para a compreensão do processo de variação em uma comunidade linguística. Segundo Tarallo (1985), a relação dessa variável com as variantes é capaz de indicar duas situações: a estabilidade das variantes, se não houver um equilíbrio na realização da variante nas faixas etárias dos informantes ou a mudança em progresso, caso o uso da variante mais inovadora seja mais frequente entre os jovens ou, ao contrário disso, na faixa etária mais avançada. Nos estudos sociolinguísticos, e é também essa a nossa hipótese, os jovens estão mais propensos ao emprego das formas inovadoras, e os mais velhos demonstram tendência às formas mais conservadoras. Ao controlarmos essa variável, esperamos verificar se está havendo ou não uma variação estável. Para comprovar essa proposição, os informantes foram divididos em três faixas de idade: faixa 1: entre 15 e 34 anos; faixa 2, de 35 a 49 anos e faixa 3, 50 anos ou mais.

O nível de escolarização tem direta relevância sobre o desempenho linguístico. As pesquisas sociolinguísticas apontam uma tendência de os falantes com mais tempo de escolaridade usarem com maior frequência as formas padrão, ao contrário daqueles com baixa escolaridade. No nosso controle, substituiremos o termo padrão por inovador. Consideramos inovador o *meio que*, expressão, aparentemente, não estigmatizada na fala, visto ser empregada por falantes cujo discurso tem um longo alcance, conforme observamos no início deste estudo. Na tabela 1, a seguir, temos os números referentes ao uso de *meio* de acordo com a variável *sexo*:

Tabela 1 – Distribuição da variável *sexo* nos *Corpora*

	Português Popular				Português Culto			
	Espaço	Tempo	Qual.	Texto	Espaço	Tempo	Qual.	Texto
F	13/22 (59%)	13/31 (41,9%)	6/19 (31,5%)	0/1 (0%)	11/28 (39,2%)	3/11 (27,2%)	40/81 (49,3%)	14/33 (42,4%)
M	9/22 (40,9%)	18/31 (58%)	13/19 (68,4%)	1/1 (100%)	17/28 (60,7%)	8/11 (72,7%)	41/81 (50,6%)	19/33 (57,5%)

Fonte: Elaborado pela autora.

No *corpus* PPVC, as mulheres concentram-se nas categorias mais concretas: *espaço*, *tempo* e *qualidade*, nessa ordem. Os homens caminham em sentido inverso, do mais abstrato, *qualidade* (nessa categoria os homens têm mais do que o dobro de ocorrências do sexo feminino), *paratempo*, *espaço* e *texto*. Esta última categoria, importante ressaltar, é praticamente improdutiva no *corpus* PPVC. Foi registrada apenas uma ocorrência.

No *corpus* PCVC, as mulheres partem da categoria *qualidade*, seguida de *texto*, *espaço* e *tempo*, esta última com frequência bastante inferior às outras. Os homens têm registros bem distribuídos, de modo que há um equilíbrio entre as categorias. Entre o sexo masculino, *tempo*, *espaço*, *texto* e *qualidade* são categorias mais relevantes.

Contemplada a variável *sexo*, passemos à análise da *faixa etária*.

Tabela 2 – Distribuição da variável *faixa etária* nos *Corpora*

	Português Popular				Português Culto			
	Espaço	Tempo	Qual.	Texto	Espaço	Tempo	Qual.	Texto
15-34 anos	3/22 (13,6%)	3/31 (9,6%)	5/19 (26,3%)	0/1 (0%)	17/28 (60,7%)	4/11 (36,3%)	44/76 (57,8%)	33/33 (100%)
35-49 anos	4/22 (18,1%)	18/31 (58%)	12/19 (63,1%)	1/1 (100%)	2/28 (7,1%)	5/11 (45,4%)	4/76 (5,2%)	0/33 (0%)
50 anos ou +	15/22 (68,1%)	10/31 (32,2%)	2/19 (10,5%)	0/1 (0%)	9/28 (32,1%)	2/11 (18,1%)	28/76 (36,8%)	0/33 (0%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 2, observamos: no *corpus* PPVC, a faixa I apresenta percentuais baixos em todas as categorias; a faixa II tem uma alta produtividade na categoria *qualidade*, seguida de *tempo* com percentuais próximos; na faixa III, o destaque é para a alta frequência da categoria *espaço*, se comparada às outras.

No *corpus* PCVC, o informante da faixa I concentra todos os registros da categoria *texto*. A categoria *espaço* também é bastante representativa nessa faixa, seguida da *qualidade*. Na faixa II, a categoria *tempo* sobressai em meio às outras, *espaço*, *qualidade* e *texto*, que apresentam números bastante inferiores. Na faixa III, a tabela 2 mostra que *qualidade* e *espaço* mantêm-se em contraposição a *tempo* e *texto*.

Veremos na tabela 3 o nível de interferência da variável *nível de escolaridade* no comportamento linguístico dos informantes dos *Corpora* PPVC e PCVC:

Tabela 3 – Distribuição da variável *nível de escolaridade* nos *Corpora*

	Espaço	%	Tempo	%	Qual.	%	Texto	%
Até 5 anos	22/50	(44%)	31/42	(73,8%)	19/95	(20%)	1/34	(2,9%)
+ de 11 anos	28/50	(56%)	11/42	(26,9%)	76/95	(80%)	33/34	(97%)

Fonte: Elaborado pela autora.

O controle dessa variável revela a alta frequência da forma *meio que* (categoria *texto*) entre os informantes com grau de escolaridade superior, os quais demonstram certa habilidade para organizar construções mais abstratas e complexas. Os menos escolarizados são mais conservadores, entre eles, há apenas uma ocorrência da categoria *texto*.

Os dados da nossa pesquisa mostram que a mulher do *corpus* PPVC tem uma fala concentrada nas categorias mais concretas e os homens nas mais abstratas. No *corpus* PCVC, ocorre o contrário, as mulheres são mais inovadoras. Entre os homens, há um equilíbrio com destaque maior para as categorias *tempo* e *espaço*.

A análise das categorias segundo a *faixa etária* no *corpus* PPVC aponta baixa frequência de todas as categorias entre os informantes mais jovens. A *qualidade* é bastante frequente na faixa II com percentuais bem próximos da categoria *tempo*. Entre os informantes mais velhos, a categoria *espaço* sobressai em relação às outras.

No *corpus* PCVC, a variante inovadora *meio que* predomina entre os informantes da faixa I. *Espaço* e *qualidade* também são categorias bastante expressivas entre os jovens. Na faixa II, *tempo* é a categoria que se distingue. *Espaço*, *qualidade* e *texto* têm pouca representatividade nessa faixa. Entre os mais velhos, as categorias *qualidade* e *espaço* se contrapõem a *tempo* e *texto*. O aparecimento da fórmula mais abstrata e complexa, *meio que*, está presente, portanto, entre os informantes mais jovens e com grau de escolaridade superior.

Nesta seção, tomamos a metodologia sociolinguística e consideramos variáveis linguísticas e as variáveis extralinguísticas, fazendo a correspondência desses fatores como uso do fenômeno *meio/meio que*. Percebemos vários matizes de significação da palavra *meio* nos diferentes contextos de fala e uma transformação de *meio* em direção a *meio que*, uma abstratização que se conserva entre os informantes mais jovens do *Corpus* PCVC e que demonstra a atuação dos princípios (sócio)funcionalistas. Após chegarmos a esse resultado, passemos à conclusão, última parte desta dissertação.

7 CONCLUSÃO

Neste estudo, percebemos variações e deslizamentos funcionais empreendidos pelo elemento linguístico *meio*. As alterações encontram amparo no processo de gramaticalização, tal como concebe os princípios do (Sócio)Funcionalismo. Ao mesmo tempo que desempenha funções gramaticais, substantivo, adjetivo, numeral e advérbio, o item *meio* exerce um papel ainda mais gramatical na formação de *demeio que*, uma expressão que articula texto e cujo emprego evoca certo abrandamento do sentido da informação.

Tal processo indica dinamicidade da gramática e mudanças na língua, em consequência da incessante criação de expressões e de arranjos na ordenação vocabular. São mecanismos recorrentes que refletem um processo mais funcional de criar formas com material existente na língua para estender os sentidos de palavras.

Tendo em vista que os dicionários refletem o tempo, nesta pesquisa, trilhamos dois caminhos para verificar a trajetória de *meio*: o ponto de vista diacrônico, quando investigamos obras da Língua Portuguesa dos séculos XVIII ao XXI, e o sincrônico, quando examinamos gramáticas, livros didáticos e, principalmente, quando observamos a língua em funcionamento nos *Corpora* de fala dos informantes do PPVC e do PCVC.

Nos dicionários, identificamos a gramaticalização do elemento linguístico *meio*, que se distanciou de seu sentido prototípico como substantivo, “expediente, razão, artifício, invenção para conseguir alguma coisa”, passou por sentidos e classes intermediárias “lugar, ou parte entre os extremos”, o adjetivo “metade de alguma coisa” e adverbializou-se “não totalmente, algo, um tanto, um pouco”. Observamos também que tão antiga quanto o processo “flexiona/não flexiona” é a discussão travada entre os estudiosos sobre essa questão. Diante dos dados encontrados por nós nos *Corpora* PPVC e PCVC, a polêmica variabilidade/invariabilidade assume importância inferior. No entanto, a língua portuguesa veiculada nas escolas é, em princípio, reflexo da norma padrão do português.

Na caminhada pelos *Corpora* de fala, encontramos, além de *demeio*, *meio que*, um articulador que assume posição invariavelmente desconhecida nos registros formais de uso da língua. *Meio que* transcende a finalidade de ser mais expressivo e assume valores discursivos que lhe são próprios e que tendem a se fixar na língua.

Com a análise da *faixa etária* em relação à língua, observamos que enquanto a função textual é mais produtiva na faixa etária I do Português Culto, não se registra essa função na faixa I do Popular. Com isso, deduzimos que o *nível de escolaridade* interfere no comportamento linguístico dos falantes. Do mesmo modo, a variável *faixa etária* demonstra

que a função textual destaca-se entre informantes jovens cultos, mas é improdutivo na fala de adultos e idosos.

Por ser mais frequente entre os jovens, o uso da variante inovadora sinaliza uma mudança em progresso. Os informantes mais velhos são mais conservadores,mas, assim como os mais jovens, demonstram habilidade para organizar construções que expressam*qualidade*.

Neste estudo, conhecemos a etimologia e a história da palavra*meio* na nossa língua materna, observamos o seu emprego mais clássico em dicionários, em gramáticas,sem perdermos de vista o seu uso no discurso oral de informantes conquistenses. Com isso, acreditamos ter contribuído para divulgar novos conhecimentos e enriquecer o conjunto de pesquisas realizadas pelo grupo ao qual nos filiamos, cuja intenção é descrever a língua viva, onde ela alcança a verdadeira significação, a fala, tal como prevê os princípios da Sociolinguística e do Funcionalismo norte-americano.

A sugestão é que o vocábulo*meio*, tão corrente na língua falada e, conforme vimos,portador de um sentido especial em cada momento da sua história, seja objeto de pesquisa também nos falares das diversas regiões do país.Outra sugestão seria investigar o seu emprego em textos escritos antigos e atuais. Ou, ainda, verificar os diversos sentidos dessa palavraem outras línguas, como o inglês e o espanhol, por exemplo, para, quiçá, observar a existência de expressões inovadoras, como ocorre com *meio que*.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2008. v. 2.

_____; _____. *Gramática – texto: análise e construção de sentido*. Parte II. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: _____. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. III volume. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A., 1964.

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARROS, Manoel de. *O professor de agramática*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/manu.html>>. Acesso em: set. 2015.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 -1728. 8 v. Versão digital disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/meio>>. Acesso em: set. 2015.

BOLINGER, D. *Meaning and Form*. Londres: Longman, 1977.

BRAGA, Rubem. *MEIO-DIA E MEIA*. Disponível em: <<http://www.colegiomartins.com.br/mobile21/simulados2012/2%C2%BASIMULADOE NEM-2%C2%AAEtapa.pdf>>. Acesso em: jan. 2015.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Saraiva & CIA: São Paulo, 1944.

_____. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Brasília Limitada, 1974. 5 v.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v.

1. CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola,

2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Cadernos de Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-60, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. 3. ed. São Paulo: Atual Editora, 2011.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares S.A., 1971.

_____. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Belo Horizonte: FAE/MEC, 1986.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 29-55.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FIRMINO, Nicolau. *Dicionário Latino-português*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. Tratado geral sobre gramaticalização. In: _____. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization. A Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HOPPER, Paul J. *On some Principles of Gramaticization*. Pittsburgh, Pensilvânia: Carnegie Mellon University, 1991.

HORA, Dermeval da. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: _____ (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976. (Coleção Linguagem, 2).

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1963.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell Publishing, 1994.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A evolução da gramática e o aporte funcionalista: bases teóricas. In: _____. *Indivíduo, sociedade e língua: cara, tipo assim, fala sério!* São Paulo: Edusp, 2011a. p. 21-53.

_____. Um caminho, um corpus, um objeto, muitas funções. Aspectos metodológicos. In: _____. *Indivíduo, sociedade e língua: cara, tipo assim, fala sério!* São Paulo: Edusp, 2011b. p. 55-69.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967. v. 2.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, E. et al. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela

- Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 29-55.
- MARTINS, José P. *As 27 funções da palavra Que*. Rio de Janeiro: Tecnoprint-Ediouro, [197?].
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NARO, A.; BRAGA, Maria L. A. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói: UFF, n. 9, p. 125-134, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. Estudos funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. esp., p. 71-104, 1999.
- _____. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.
- NÓBREGA, Ivone Silva. *Usos do advérbio meio – modalização e flexão*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.
- NOGUEIRA, Priscilla de A. *Correlação entre gramaticalização e movimentação social – estudo do item meio na cidade de São Paulo*. 2008. 20 f. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/78939/priscilla-de-almeida-nogueira/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- _____. *Gramaticalização da construção quase que: motivações cognitivas para o uso da construção e incerteza*. 2014. 298 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- NUNES, José de Sá. *Lingua vernacula: grammatica e anthologia*. 1ª e 2ª séries. Porto Alegre: Livraria da Globo, 1935.
- NUNES, José Horta; SELIGMAN, Kátia. Discurso lexicográfico: as reedições do dicionário de Moraes. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 37-51, 2003.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.
- PONTES, E. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. São Paulo: Pontes, 1992.

POP, Sever. *La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, vols. 1 e 2. Louvain: Chez l' Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

PRIETO, M. H. T. C.; TORRES, M. I. G.; ABRANCHES, C. M. N. *Do grego e do latim ao português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

SAID ALI, M. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.

SARMENTO, Leila Lauer. *Gramática em textos*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SCHWAB, Artur. *Locuções adverbiais*. Curitiba: Fundação da Universidade Federal do Paraná, 1985.

SEQUEIRA, F. M. Bueno de. *A ação da analogia no Português*. Rio de Janeiro: Edição da "Organização Simões", 1954. (Coleção "Rex").

SILVA, Antonio Moraes. *Dicionário da língua portuguesa* – recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. Versão digital disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/meio>>.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1983.

SOUSA, Valéria Viana. *OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome*. 2008. 171 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SPAZIANI, Lúcia. *A gramaticalização do item fora no Português do Brasil: a unidirecionalidade do processo*. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequência retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança. *Interdisciplinar*, Itabaiana, SE, ano 8, v. 17, jan./jun. 2013. Edição especial: ABRALIN/SE.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-187.

ANEXO ÚNICO – Locuções adverbiais com meio (SCHWAB, 1985)

- A meia camoeira – meio bêbado: Os homens, a meia camoeira, quase todos. (F. de Almeida, Atores e Autores, 61)
- A meia carreira – no meio da corrida: Sem mais nem ontem crescem uma para outro e a meia carreira encomendam-se a suas damas. (Aq. Ribeiro, Dom Quixote, I, 103)
- A meia descida – a meio caminho, na metade do declive, a meia encosta: Fernando já tinha corrido escada abaixo; mas a meia descida, parou. (Camilo, Agulha no Palheiro, 214)
- A meia distância – a certa distância: A meia distância ficavam as casas da fazenda que ele via do alto. (Alencar, O Sertanejo, 66)
- A meia encosta – a meia descida, a meio caminho.
- A meia luz – em penumbra, um tanto no escuro: Viu, a meia luz, no fundo de um corredor, a sala de jantar. (C. Neto, ap. Dic. L. Freire)
- A meia perna – até o joelho, pela metade da perna: Com o vestidinho arregaçado a meia perna. (Camilo, ap. Dic. L. Freire)
- A meia rédea – em boa carreira. Com alguma ligeireza: Nisto um sujeito que vinha a meia rédea sofreu o cavalo quase em cima da gente. (J. S. Lopes Neto, Contos Gauchescos, 137) Pela Vila tinha justamente passado a meia rédea um chasque. (Id. Ib. 192)
- A meias – de sociedade de combinação, e da colaboração:
Fazer a despesa a meias. Negociar a meias. Era uma judia de baixa condição, tirada pelo esperto Isaías duma viela de Alfama, para servir a seus planos e ganhar com ela, a meias, o dinheiro dos mineiros. (G. Barroso, A Ronda dos Séculos, 266)
- A meia verga – a meio pau.
- À meia volta – logo: É andar, que à meia volta faz-se noite. (Camilo, Oba Seleta, I, 910) E, à meia volta, perderá de vista a benigna estrela destas suas montanhas. (Id. O Bem e o Mal, 138)
- A meia voz – em voz baixa, baixando a voz: Daí a pouco desceu a escada da proa solfejando a meia voz a primeira quadra do Adeus do Marujo. (V. Várzea, Histórias Rústicas, 107) Eu queria – disse ele a meia voz. (Camilo, A Mulher Fatal, 219)
- A meio – 1. Pela metade. O Acre, ou, em geral, as planuras amazônicas cindidas a meio pelo longo sulco do Purus. (E. da Cunha, À margem da História, 50)
Recolheram cedo nesse dia para solenizar o feito à custa dum ancorote de cachaça que esvaziaram a meio. (M. Lobato, Urupês, 109)

Reclinou-se a meio sobre a alcatifa de folhas mortas. (Júlio Ribeiro, Pe. Belchior de Pontes, 13)

2. Em parte, veladamente, imperfeitamente:

Com a preocupação exclusiva das ideias e esse desprezo da forma, que a meio confessa o dr. Clóvis. (Rui Réplica, no 28)

Gosta de contar pilhérias e casos pândegos que descambam a meio em caretas reumáticas. (M. Lobato, Cidades Mortas, 106)

-A meio caminho – na metade do caminho: A meio caminho, porém, refreou o cavalo. (E. da Cunha, Os Sertões, 301) Seguia-se acompanhando-a pelo fundo de um fosso, até se abrir a meio caminho, à direita, um claro amplo – a praça das igrejas. (Id. Ib. 587)

-A meio lançante – em declive, em posição inclinada: A morada assentava a meio lançante em uma das encostas da serra. (Alencar, O Sertanejo, I, 27)

-A meio pano – 1. De vela meio baixa, arreada pela metade: Entraram numa abra a meio pano e ferram no lodo as unhas das seguras âncoras. (A. Porto Alegre, ap. Dic. L. Freire) 2. De luto, a meio pau: Bandeira a meio pano.

-A meio pau – a meio pano, a meia verga: Bandeira a meio pau.

-A meio rosto – a medo, covardemente, à socapa: Arguir em falso, e testemunhar falso, não ameio rosto, mas cara a cara. (Rui, A Imprensa e o Dever da Verdade, 73)

-De meio – de permeio: Eis que um vê ladrões; e sem parar mete de meio a onda sussurrante . (S. Ramos, Pela Vida Fora, 281)

-De meio a meio – 1. Completamente, redondamente, inteiramente: Enganou-se de meio a meio (M. Barreto, Novíssimos Estudos, 345).

O nosso amigo Eugênio Sue errou de meio a meio no Judeu Errante que precisa refeito. (Garret, Viagens na minha Terra, I, 91)

2. De lado a lado: Um dardo que se foi cravar no peito do apóstata da pátria e da família o varou de meio a meio. (Pereira da Cunha, ap. Aulete)

-Nem meio p. 204– absolutamente nenhum, p. 232

-Nesse (Neste) em meio entretanto, entrementes, neste comenos, p. 233.

-Nesse meio tempo – entrementes p. 233

-Em meio – p. 205 no meio: Tinha abandonado os estudos em meio. (Pedro Ivo, Contos, 129) p. 281 – Volta e meia – frequentemente: E eu volta e meia regalava meus olhos na linda criatura que ela era. (M. Lobato, Urupês, 217)